



I  SURF&LIVE BECAUSE...

PETERSON CRISANTO - HAWAII

+
CONFIRA AO VIVO
PERFORMANCE DE PETERSON CRISANTO
NO WT RIO - 11 A 22 DE MAIO
SPORTV.COM/WTRIO

OSCAR FREIRE (SP) • MORUMBI SHOPPING (SP) • SHOPPING HIGIENÓPOLIS (SP) • SHOPPING IBIRAPUERA (SP) • SHOPPING BARRA SUL (POA) • SHOPPING VITÓRIA (ES)

BARRA SHOPPING (RJ) • Búzios (CENTRO) • SALVADOR SHOPPING (BA) • PRAIA DO FORTE (BA) • COSTA DO SAÚPE (BA) • SHOPPING BOURBON (NOV O HAMBURGO)

Praia
SKOL

APRESENTA:

FESTIVALMA'11

ARTE
MÚSICA
CINEMA
MODA
DESIGN
VIDA NA PRAIA

26, 27 e 28 de Maio
Bienal do Ibirapuera
São Paulo, SP

ingressos e programação completa
www.FESTIVALMA.com.br

PATROCÍNIO:



MOSTRA NIXON DE ARTE E CULTURA

Obras de arte, fotografias, pranchas de surf, instalações, projeções e performances
Participação do público: "Live Painting Boards"



FESTIVAL BILLABONG DE MÚSICA

Donavon Frankenreiter
Mat.McHugh (The Beautiful Girls) Solo & Acoustic
Pete Murray - **Pela 1ª vez no Brasil**
Confira a programação no site www.festivalma.com.br



FESTIVAL RVCA INTERNACIONAL DE CINEMA

High 5 / Who Is JOB? / Splinters / First Love
Stoked & Broke / Chasing The Swell
Scratching The Surface / A Deeper Shade of Blue
Convidado especial: Jack McCoy



FESTIVAL RVCA DE CURTA-METRAGENS

Em sua 1ª edição a mostra procura, exhibe e interage com o que há de mais original e criativo no cinema curta-metragem e animação
Categorias: Independente, Panorama e Retrospectiva



SALÃO INTERNACIONAL DO SURF E PRAIA

As melhores marcas do segmento expressam conceito e moda com estilo e design de surf e praia
Marcas: Billabong, Nixon, RVCA, Element, VonZipper, Osklen, Rider, Mormaii, Fox, Hot Buttered, Bintang, HD, Evoke, Lightning Bolt, Long Island e South to South



CASA DE PRAIA SKOL

Arquitetura, Decoração e Paisagismo
Construído em projeto customizado e alternativo de paletes recicláveis. Ação de sustentabilidade VIDA NA PRAIA

INGRESSO R\$ 20,00 ESTUDANTE R\$ 10,00 ingressos e programação completa
www.FESTIVALMA.com.br

Vá de TAXI ou vá de ÔNIBUS
PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÃO

f t Siga-nos no twitter: @FestivAlma

PATROCÍNIO DE MÍDIA:



almasurf



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



APOIO:



MINISTÉRIO DA CULTURA



RVCA

MAKUA ROTHMAN

VA

ALEX KNOST
DANIEL JONES
DANNY FULLER
DINO ADRIAN
FORD ARCHBOLD
KALANI DAVID
MATT ARCHBOLD

THE BALANCE OF OPPOSITES
RVCA.COM



VA



Atletas: Guilherme Sodr  e Emerson Piai
southtosouth.com.br
facebook.com/southtosouth

SOUTH
to **SOUTH**



MELHORE SEU DESEM PENHO



Oakley Blade. A melhor bermuda para surfar. Projetada com tecnologia de dupla camada. A camada interna apresenta uma bermuda de compressão de alta performance que reduz a fadiga muscular e oferece verdadeiro conforto durante as longas sessões de surf. Isso se traduz em uma recuperação mais rápida dos músculos doloridos e nenhum risco de assaduras. Ao mesmo tempo, a camada externa lhe dá flexibilidade inigualável, repelência da água e um peso quase inexistente. Oakley Blade faz exatamente o que você faz na água.

REAJA MAIS RÁPIDO. RECUPERE-SE MELHOR. PRO SURFER: ADRIANO DE SOUZA.




OAKLEY
OAKLEY.COM/BLADE



CONHEÇA TODA A LINHA FORD RANGER NUM DISTRIBUIDOR FORD.

0800-703 FORD 3673



Faça revisões em seu veículo regularmente.

GRANDES AVENTURAS PRECISAM DE UMA GRANDE PICK-UP.



3 ANOS DE GARANTIA



SISTEMA DE ÁUDIO MY CONNECTION (CD PLAYER MP3, CONEXÃO BLUETOOTH E USB)



VIDROS, TRAVAS E ESPELHOS RETROVISORES ELÉTRICOS E ALARME DE SÉRIE



SUSPENSÃO OUTBOARD SHOCKS: MAIOR ESTABILIDADE E SEGURANÇA EM DIRIGIR

WWW.FORDRANGERSPORT.COM.BR

A FORD DÁ MAIS ESPAÇO PARA VOCÊ.

RANGERSPORT



JWT.COM.BR



Retweet this to your followers?

Lucas Bandeira
 Hora do almoço chegando, mas minha mãe não...
 9 Jan

Lucas Bandeira
 Fazendo o almoço, atendendo a pedidos do meu estômago.
 9 Jan

Lucas B. @ Supermercado da Vila

Fazendo as compras do mês e pagando no outro.
 Cartão de crédito RULES!



Lucas Bandeira está no 5º período da faculdade e já tem o cartão internacional Santander Fit.



ABRIR UMA CONTA QUE ABRE SUA CABEÇA. VAMOS FAZER JUNTOS?

O Santander Universidades tem um dos maiores programas de apoio ao ensino superior do mundo, com bolsas de estudos, prêmios de pesquisa, inovação e empreendedorismo e uma conta universitária com muitos benefícios:

- SANTANDER MASTER¹: CHEQUE ESPECIAL COM ATÉ 10 DIAS SEM JUROS POR MÊS
- CARTÃO INTERNACIONAL SANTANDER FIT
- LIMITE DE CRÉDITO PRÉ-APROVADO
- 3 ANOS DE BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS APÓS A FORMATURA

E você, como quer encher sua bagagem? Abra sua conta. Saiba mais em santander.com.br/universidades

Central de Atendimento Santander: 4004-3535
 SAC: 0800-762-7777 – Ouvidoria: 0800-726-0322



VALORIZANDO IDEIAS POR UMA VIDA MELHOR

Todas as ofertas deste material são atualmente praticadas pelo banco e usufruídas exclusivamente pelo segmento universitário, estando sujeitas a análise de crédito e manutenção das condições cadastrais e creditícias à época da contratação e podendo e a taxa efetiva anual de juros de suas operações de crédito com seu gerente, pelos nossos telefones ou acessando nosso site. 1. Santander Master: (i) o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) referente ao período utilizado do cheque especial, domingo ou feriado, o depósito para cobrir o saldo devedor deverá ser feito e estar disponível na conta-corrente no dia útil anterior, para que não exista cobrança de juros. O mês refere-se ao período de apuração da utilização do cheque especial, ou alternados e são parte do Programa de Relacionamento, que é composto de condições comerciais concedidas pelo Santander em razão da contratação do pacote de serviços, porém sem integrar o pacote de serviços. Essas condições estão sujeitas a serviços cessará imediatamente todos os benefícios do Programa de Relacionamento. Os produtos e serviços bancários relacionados ao Programa de Relacionamento deverão ser contratados, a critério do cliente, em instrumentos específicos. Consulte períodos de inscrição, no site www.santander.com.br/universidades

ser alteradas, suspensas ou extintas a qualquer tempo. Consulte previamente o Custo Efetivo Total (CET) será sempre devido e, portanto, cobrado no primeiro dia útil de cada mês; (ii) se o 11º dia for um sábado, conforme a data escolhida pelo cliente para pagamento dos juros. Os 10 dias sem juros podem ser corridos alteração pelo Santander a qualquer tempo, mediante prévia comunicação. O cancelamento do pacote de as instituições de ensino superior participantes dos Programas de Bolsas de Estudos, e seus respectivos

www.santander.com.br/universidades

Um por todos

TODOS

na praia

MAIS

REDONDA

UM POR
TODOS.
TODOS
POR UM.

Praia
SKOL

APRESENTA



FESTIVAL MA'11
ARTS
MÚSICA
CINEMA
MODA
DESIGN
VIDA NA PRAIA

26, 27 E 28 DE MAIO
BIENAL DO IBIRAPUERA - SÃO PAULO - SP

SE FOR DIRIGIR, NÃO BEBA.

Make friends wherever you go. Dusty Payne in South Africa, 2009.
Shot by Alan Van Gysen with a Canon EOS 50D.

EDITORIAL

Romeu Andreatta

FESTIVALMA'11
VIDA NA PRAIA

Vida na praia com estilo e design

Lendo um artigo excepcional de um grande homem pouco tempo atrás que me inspirou a inflexão, notei que algumas das suas colocações transformadoras tinham a seguinte declaração: "Nossa obsessão pelo novo escraviza, nos limita..." E o texto tem coragem... O que penso ser verdade desta colocação é que, tanto para ele, que há décadas dirige um dos eventos culturais mais influentes da América Latina, como para mim, que também

há décadas decifro, codifico e uso para expressar o surf e a praia como maneira de viver – um movimento revolucionário harmonioso, uma revolução interna em harmonia com o externo, sem violência e com muita alegria –, o amor, a saúde e a paz, enfim como um desafio como esse, inédito, pioneiro em tudo, o novo é o drive de vida, never finish... O novo é uma obrigação fisiológica da nossa profissão: editores, curadores, pensadores, criadores... Assim, nesta edição da ALMA SURF, bem como na do Festivalma 2011, mais uma vez ousada, corajosa e obcecada por padrão, elegemos uma nova meta para o segmento buscar evolução, estilo e design. Não podemos mais nos contentar com a fórmula surfista/onda/prancha sem evoluirmos,

"Nossa obsessão pelo novo escraviza, nos limita... Decifro, codifico e uso para expressar o surf e a praia como maneira de viver – um movimento revolucionário harmonioso, sem violência e com muita alegria – o amor, a saúde e a paz. O novo é uma obrigação fisiológica dos editores, curadores, pensadores, criadores... Elegemos o design e o estilo como nossas ferramentas contemporâneas."

Sabe o que é a vida na praia. Nesta revista, celebramos a vida na praia com o design e o estilo de Oskar Metsavaht, um gaúcho que esbanja paixão pela vida na praia e transformou medicina em design, e agora influencia o mundo todo com sua criação materializada na Osklen. Inspirado sempre no surf e nas montanhas de neve, Oskar é a imagem em ação. Contaminado e contaminador da cultura de praia carioca, tem na sua profissão que expressar esses senti-

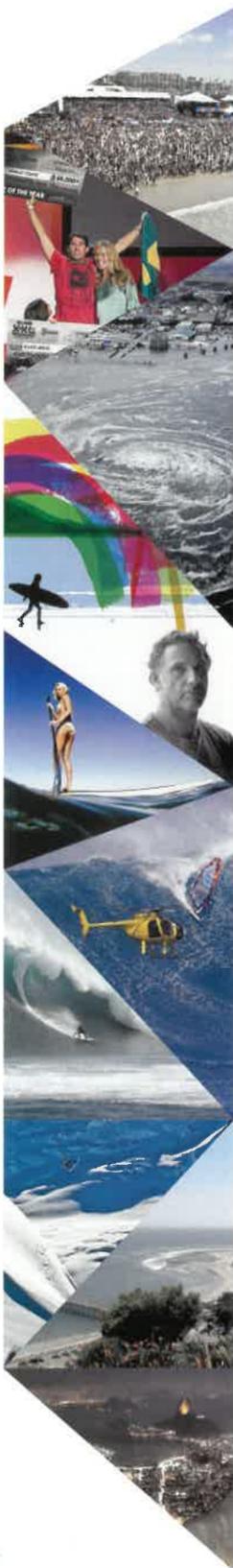
mentos em produtos, conceitos, marcas e vida, o que têm feito com maestria suas fórmulas. Para engrossar este caldo, focamos Cape Town, a cidade estilo e design com moda, ondas e muito surf para nos inspirar na África do Sul. Olhamos também Jaws de windsurf, com Batel Shimi, Rob Naish, Kauli Seadi e cia. E o 'Stand-up for girls' pelos olhos do legítimo fotógrafo Jim Russi, mago das gatas de praia no Hawaii.

Exibimos as atrações e conteúdos deste Festivalma 2011, que arancam qualquer texto e retórica que queira explicar o inexplicável, pois neste caso cabe a máxima de que uma boa imagem vale mais que mil palavras. Quero compartilhar meu entusiasmo com o desafio de nos apropriarmos de vez

da cultura de praia e todas as suas vertentes: moda, música, design, cinema e artes. Somos os especialistas, somos os professores e somos os alunos da vida na praia, pois, ao final, 'surf é vida na praia' e o surfista é filho da praia. Amor, alegria, saúde, paz, sexo, surf, estilo e design são vida na praia...

Aloha Romeu

À venda nas lojas Billabong Oscar Freire - Shopping Morumbi - Shopping Ibirapuera - Shopping Pátio Higienópolis - Iguatemi Alphaville Barra Shopping Rio - Barra Shopping Sul - Shopping Vitória - Shopping Novo Hamburgo - Salvador Shopping e nas melhores Multimarcas.



- 22 **SPORT SURF** *Back to the Cradle* / **Reinaldo 'Dragão' Andraus**
- 26 **O SURF NA REMADA** *No topo do XXL* / **Ben Marcus**
- 34 **SURFING TSUNAMI** *Será possível surfar um maremoto?* / **Ben Marcus**
- 46 **FESTIVALMA 2011** *Vida na Praia* / **Adriano Vasconcellos**
- 54 **PERFIL** *Oskar Metsavaht* / **Rosaldo Cavalcanti**
- 70 **STAND UP FOR GIRLS** *A força da mulher havaiana* / **Jim Russi**
- 84 **WINDSURF EM JAWS** *No maior swell da temporada* / **Fernanda Garcia**
- 98 **CAPE TOWN, O SURF...** *Além de infinitas possibilidades* / **Clayton Truscott**
- 110 **THE ART OF FLIGHT** *Snowboard sem limites* / **Alexandra Iarussi**
- 118 **WAVE HOUSE** *A casa dos sonhos de Malibu* / **Jay Vanos**
- 124 **DNA** *A jornada do Circuito Mundial* / **Rico de Souza**
- 126 **SURF ETERNO** *Glamour: É tempo de Brasil!* / **Taiu Bueno**

almasurf

nº62 abr/mai 2011

Improve Produção e Curadoria Editorial SA
 Maria Dias Carvalho
 GEO Eventos SA

Publisher: Romeu Andreatta Filho
Editor Chefe: Adriano Vasconcellos vasconcellos@almasurf.com.br
Editor convidado USA: Ben Marcus
Direção de Arte: Marcelo Banlaky
Editora Assistente: Alexandra Iarussi
Redação: Mariano Kornitz
Revisão: Francisco José M. Couto

Gerente de Eventos: Felipe Baracchini felipe@almasurf.com.br
Eventos: Patricia Mekitarian
Assistente de Produção: Vicente Menta

Colaboradores
Textos

Ben Marcus	Reinaldo Andraus
Clayton Truscott	Rico de Souza
Fernanda Bueno Garcia	Rosaldo Cavalcanti
Jim Russi	Taiu Bueno

Fotografias:

Akiwas	Marcelo Banlaky
Anthony Fox	Nikki Brooks
Ben Marcus	Ricardo Zerrenner
Beto Paes Leme	Rodrigo Sodré
Bruno Lemos	Scott Serfas
Jack O'Connor	Tracy Kraft
Jim Russi	Vanos Architects
Jose Borrero	

Ilustrações Surfing Tsunami: Maurício Domingues
Criação Festivalma 2011: Cassio Leitão

Comercial: Floriano Sales floriano@almasurf.com.br
Atendimento: Iris Almeida
Tráfego: João Carlos Ferreira de Araújo
Serviço: Dóricas Rodrigues Xavier

Gerente Financeiro: Jair Kakiyara jair@almasurf.com.br

Distribuição: Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações
Impressão: IBEP Gráfica

Jornalista Responsável:
 Adriano Vasconcellos MTB 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295 Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060
Fone: 55 (11) 3744-3711 almasurf@almasurf.com.br
Para assinar: (11) 3744-3711 assinatura@almasurf.com.br
Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

Capa: Casa de Oskar Metsavaht, por Beto Paes Leme



www.almasurf.com



2001 2011
 10th ANNIVERSARY



hdsurf.com.br
facebook.com/hdsports
twitter.com/hawaiiandreams



HD HAWAIIAN DREAMS
SURF DREAM TEAM

HAROLDO AMBROSIO

EIXO GROUP © - 2011 - ALL RIGHTS RESERVED FONE: (11) 2695-8731 - PHOTOS: JAMES THISTED

Colagem de imagens das revistas Brasil Surf Visual Esportivo, Fluir, Inside e Hardcore, dos eventos realizados nas praias do Rio de Janeiro e Guarujá (SP), valendo para o título mundial das entidades IPS e ASP

SURF SPORT

Reinaldo "Dragão" Andraus

BACK TO THE CRADDLÉ

De volta ao berço!

A Cidade do Rio de Janeiro volta a ser o palco do principal evento de surf em território nacional.

O Arpoador foi o pico escolhido para o primeiro campeonato internacional de surf no Brasil. O ano: 1965. O evento contou com apenas dois convidados internacionais. Mark Martinson, o campeão, figurava nos filmes e revistas da época. Foi na orla carioca que o surf floresceu em território nacional, ainda no final dos anos 50. Hoje é notório que o início do surf no Brasil foi em Santos, ainda nos anos 30. Porém, ninguém pode negar que a primeira geração de surfistas, que veio para ficar, se estabeleceu nas praias do Rio de Janeiro. Em meados dos anos 60 houve clima para este primeiro campeonato.

UMA HISTÓRIA ESCRITA COM EMOÇÃO

No meio dos anos 70, quando surgiu a ideia de um Circuito Mundial de Surf, o Brasil já foi incluído no roteiro e ninguém melhor para orquestrar essa inclusão do que os próprios surfistas do Rio de Janeiro, amparados por um jovem, Randy Rarick. Os festivais nacionais de surf haviam começado em Ubatuba no início da década, alastraram-se para Saquarema no meio dos anos 70 e os surfistas cariocas dominavam. Rico, Mudinho, Betão, Targão, Ratão, Bocão, Marquinhos Berenger, Maraca, eram alguns dos surfistas que dominavam as competições

dos "early 70's". O Mundial viria para o Brasil fazendo entrar em cena uma nova geração, como os campeões Daniel Friedmann e Pepê Lopes. Mais Ismael Miranda, Valdir Vargas, Fred d'Orey e o espetacular Cauli Rodrigues, entre outros, todos locais do Rio. Em 75, num ensaio do mundial, o príncipe do Pipe Masters, Rory Russell, venceu o evento. Os anos de 76 e 77 proporcionaram as primeiras vitórias brasileiras de Pepê e Daniel respectivamente. Mas as coisas ficaram complicadas para nosso lado. O Waimea 5000 durou até 82, e a partir de 78 foi vencido por gringos. A notória volta do ASP Tour ao Brasil ocorreu apenas em 86, na Joaquina, com o evento que até hoje é considerado um marco na história do surf competitivo brasileiro – o Hang Loose Pro Contest. O estado de Santa Catarina passou a disputar com o Rio a hegemonia de receber os maiores surfistas, postulantes ao título mundial. No final dos anos 80, São Paulo também entrou nesse bolo, com Fábio Gouveia. Mas quando (a partir de 92) o tour foi dividido em WCT e WQS, na peneira ficou apenas o evento do Rio. Durante toda a década de 90 e até 2001, a Cidade Maravilhosa foi o palco da etapa brasileira do WCT. Poucas vitórias brasileiras ocorreram, como a de Teco Padaratz em 91, no Alternativa, e depois apenas

O Mundial veio para o Brasil fazendo entrar em cena uma nova geração, como os campeões Daniel Friedmann e Pepê Lopes. Mais Ismael Miranda, Valdir Vargas, Fred d'Orey e o espetacular Cauli Rodrigues, todos locais do Rio. Em 75, num ensaio do mundial, o príncipe do Pipe Masters, Rory Russell, venceu o evento. Os anos de 76 e 77 proporcionaram as primeiras vitórias brasileiras, de Pepê e Daniel.

em 98, no Rio Marathon International, quando Peterson Rosa foi protagonista de uma virada espetacular sobre Mick Campbell na final (caso Mick fosse o campeão desse evento – ele seria o campeão da ASP em 98 e não Slater). Em 2001, da Barra para o Arpoador, e o último evento na cidade do Rio de Janeiro. Em 2002 Saquarema foi a sede. A partir de 2003 até o ano passado, o estado de Santa Catarina chamou de volta as maiores estrelas do surf internacional. Apenas em 2010 um brasileiro voltou a assumir o posto no topo do pódio, com a vitória de Jadson André na Vila de Imbituba, uma conquista ansiada desde que Peterson levou pela última vez o público brasileiro ao delírio nas areias da Barra e também para quem assistia o evento ao vivo pela Globosat. Não foram poucos os espetáculos com Kelly, Taj, Gerlach, Pottz e outros gringos. Agora, nesta década de 10, a expectativa toma conta da nação carioca, brasileira e mundial do surf.

RIO 93 ASP
WORLD CHAMPIONSHIP TOUR



VONZIPPER
JOEL PARKINSON | CHECKO



VONZIPPER.COM IT'S A UNIVERSE WHERE SMILES ARE ALWAYS EAR TO EAR.....
..... AND SARCASM WILL KICK YOU WITH COMBAT BOOT ANGST.....

O US Open trouxe um público massivo ao Pier de Huntington em 2010, na Califórnia.
O patamar vai subir sempre...



DAQUI PARA MELHOR

É importante entendermos o contexto em que certas mudanças ocorrem. Quando os modelos se "esgotam" e há de surgir algo novo. Estamos em 2011, e a Billabong fechou um contrato de sete anos para patrocinar a etapa brasileira do WT. A Prefeitura do Rio, o governo do estado, todos abraçaram o evento "perdido" e tradicional no calendário da cidade. Agora estamos na década de 10 do novo milênio, e a Copa da Fifa vem ao Brasil em 2014, e o Rio vai sediar as Olimpíadas de 2016. O crescendo é explícito. Garanto que o evento que veremos em 2011 (este ano) será infinitamente diferente do oferecido ao público carioca em 2017. Acompanhem! E será que a Billabong irá renovar? Virá um patrocinador mais violento? De maior envergadura; é possível isso. O surf está mudando. Os eventos mundiais de surf foram testando formatos e encontrando fórmulas, únicas, diga-se de passagem, para espetáculos esportivos de massa. Tendo o trunfo de ter seu ambiente ancorado em praias do planeta onde todos desejam estar. Afinal, o que há de melhor do que 'a vida na praia'? O OP Pro já foi o parâmetro de evento no mundo do surf. Sua formatação atingiu o auge na década de 80, até que uma confusão infernal, com carros da polícia incendiados por um público fora de controle, fez piscar a luz amarela: Opa! Isso foi em 1986, um sinal claro de que havíamos ido longe demais. É esse povo que desejamos trazer aos nossos eventos? O mundo do surf foi tateando... Segurança e relevância. Público "core" e simpatizantes. Eventos pequenos, médios e grandes. Verdadeiras cidadelas foram construídas em praias da Austrália, da América (inclusive do Brasil) e da Europa. Entra em cena a internet, entram novos participantes (players). Hoje, qual é o evento mais bem produzido do mundo do surf? Não titubeio muito para

disparar (e olha, nem é uma etapa do WT) que é o WQS Prime, US Open, realizado em Huntington Beach, na Califórnia. Com o mesmo pano de fundo dos antológicos e fatídicos OP Pros, agora respaldado pelo pool de marcas composto pela Nike (6.0), Converse e Hurley, marcas fantasia do mesmo grupo empresarial nos EUA. Instalando uma mesa de edição de imagens para a internet que não deixa nada a desejar para uma competição da NFL ou da NBA. Tem horas que as "facilidades" disponíveis apenas nos EUA fazem uma real diferença. E o evento como um todo? Além do surf, skate, motos, bikes, passarela, moda, lojas, autógrafos, shows musicais... Pranchas e corpos ardentes. Um evento quente. Alta performance. Qualidade. TOTAL! As etapas do WT da ASP já trazem um mix de ação na água, tecnologia e atrações para o público que apontam para: novidade! O lema da nova era, do novo milênio, dos anos 2000. A criatividade humana vem em ondas, e agora a praia está propícia para uma boa série delas. O Brasil está na rota e na mira do que há de mais-mais desse novo tempo. A entrada de novos players eleva o jogo a um patamar há muito esperado. O US Open, em 2009, pagou a maior premiação do mundo do surf. De novo, e a barra subiu. A Hurley, com o respaldo da Nike "corporation", fez a mudança. Rip Curl, Quiksilver e Billabong, as "senhoras" do World Tour, terão (tiveram) de se coçar. Aqui no Brasil, fenômenos interessantes também estão em curso. Uma pesquisa do Instituto de Estudos de Marketing Industrial (IEMI), respeitado no meio das confecções, apontou uma marca nacional do Grupo Eixo Confecções,

O surf está mudando. Os eventos mundiais de surf foram testando formatos e encontrando fórmulas, únicas, diga-se de passagem, para espetáculos esportivos de massa. Tendo o trunfo de ter seu ambiente ancorado em praias do planeta onde todos desejam estar. Afinal, o que há de melhor do que 'a vida na praia'?

ARQUIVO NIKE B.O. / US OPEN



mormali
ORBIXXX
CHEST ZIP



HEITOR ALVES
Surf - PROWT | Mormali

mormali

www.mormali.com.br

PHOTO MARKETING
Foto: James Thisted e Michele Cruz

ONELLI / DIVULGAÇÃO BILLABONG XXL / TRACY KRANT

O SURF NA REMADA NO TOPO DO XXL

O REAL FEELING DOMINA A TEMPORADA O BRASILEIRO DANILO COUTO É O GRANDE CAMPEÃO!

por Ben Marcus
adaptação Adriano Vasconcellos
fotos Billabong XXL / Jack O'Connor

Os big-riders ultrapassaram os limites do surf de ondas grandes na remada nesta temporada 2010 / 2011. Ao que tudo indica, surfar ondas de 20 a 30 pés – pra mais – no braço parece ser o futuro próximo do big surf mundial, e neste ano os indicados do XXL certamente já avançaram alguns passos rumo a esse objetivo.

O dia 8 de fevereiro ficará para sempre na história do big surf mundial. Na foto, Danilo Couto e sua 10'5", extrapolando todos os limites do surf de ondas grandes na remada. Na foto menor, o brasileiro em êxtase, ergue o cheque dos 50 mil dólares pela Onda do Ano do XXL.

Três dos indicados para os US\$ 50.000 dólares de premiação na categoria Onda do Ano do Billabong XXL Big Wave Awards foram surfistas que encararam ondas gigantes na remada. Num reef do North Shore, o havaiano Mark Healey completou um drop atrasado numa onda gigante, fez um bottom-turn impossível e conseguiu contornar a avalanche d'água. A onda foi filmada de uns 500 metros de distância. E a cena impressiona. O estranho deste ano é que Teahupoo não produziu indicados aos louros do XXL – nem na remada nem no tow-in. Mas dois indicados apareceram em Cloudbreak, Tavarua (Fiji). O big-rider Laurie Towner pegou uma bomba de mais de 18 pés na remada. E o australiano David Scard pegou um tubo que Chris Malloy classificou como “um dos três melhores tubos de todos os tempos”. O brasileiro Danilo Couto arrebitou na temporada. Em Pe'ahi (Jaws), no Hawaii, a onda, que parecia ser especialmente feita para o tow, foi explorada por ele na remada como nunca antes. Bill Sharp, que dita as regras do jogo no XXL, fala sobre o big-rider brasileiro: “Danilo Couto foi indicado há alguns anos por uma onda de tow-in, e é um dos brasileiros que vem desafiando o North Shore durante anos. Esse brasileiro é um dos big-riders subestimados, pelo menos até então”. Danilo frequenta Jaws nos dias bons de tow-in, e a sua intenção de pegar ondas grandes na remada era como uma missão. Então, ele mandou fazer uma 10'5” e começou a se jogar. Foi quando, no dia 8 de fevereiro, ele pegou uma direita gigante que abriu o caminho para tudo o que aconteceria naquele próximo swell. Danilo mostrou que, sim, ‘é possível ir para a direita’. A esquerda é um pouco mais tranquila, mas ele foi para a direita. Ninguém nunca pegou uma onda como aquela, naquele lugar, na remada. Chris Malloy, entusiasta do big surf, lembra-se da onda de Danilo Couto: “Ele completa o drop muito atrasado e sua 10'5” quica na água duas vezes. Após duas descoladas da prancha, ele consegue contornar a situação, manter a velocidade e completar o bottom que o projeta para a frente da onda”, disse Malloy. “Danilo completou a bomba e comemorou.” Duas ondas de tow-in também são muito impressionantes. um drop incrível de Michael Brennan em Shippis e o tubo gigante do francês Benjamin Sanchis na gélida Mullaghmore, na Irlanda. Mas o fato é que três dessas cinco ondas indicadas para Onda do Ano foram disputadas na remada, e 11 de um total de 25 indicações foram ondas também realizadas na remada – o que sugere uma mudança na balança do XXL Big Wave Awards 2011.



JACK O'CONNOR



O havaiano Shane Dorian, numa bomba histórica em Jaws, surfada no dia 15 de março desse ano, que lhe rendeu o prêmio de Maior Tubo no XXL. Na foto menor, tudo pronto para a grande festa do big surf mundial, realizada em Anaheim, Califórnia



A VOLTA DA REMADA

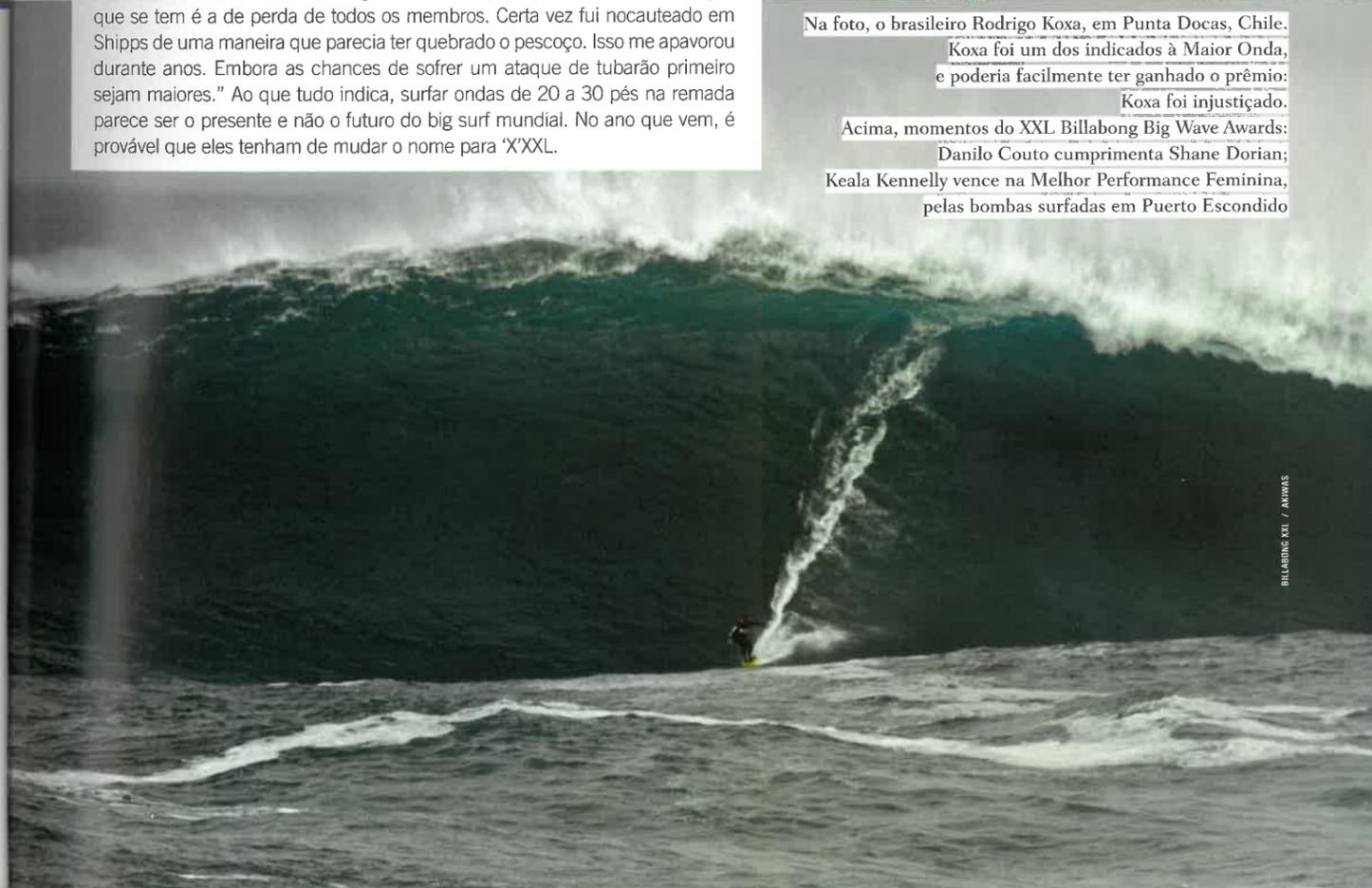
A volta do surf na remada ao desafio de ondas grandes. Esse tema inclusive foi muito bem resumido pelo surfista havaiano Shane Dorian, indicado nas categorias Maior Tubo e Maior Onda na Remada por uma onda surfada em Jaws. O havaiano Brock Little sempre disse que Dorian é o melhor big-rider do mundo. Ele tem razão na ótica do quanto ele rema rápido e entra numa onda em Jaws. Falando sobre aquela onda, Dorian resume o que parece ser o tema desta temporada: "Remar numa onda grande dá tanto medo e exige tanta técnica, que, quando você consegue completar, é uma satisfação incrível. Então, sempre que posso, escolho a remada. Eu preferiria remar numa única onda gigante a ter que pegar 20 ondas maiores de tow-in. A onda é tão grande e desafiadora que por muito tempo foi considerada impossível de se pegar na remada quando está realmente grande. Você nunca sabe ao certo até tentar, e já estou pensando nas demais possibilidades lá fora. A outra coisa é que as pessoas estão criando novas maneiras de tornar o surf de ondas grandes mais seguro, o que é maravilhoso". As preocupações de Dorian com relação à segurança são pessoais, já que ele chegou muito perto de se afogar durante o inverno de 2009/2010, depois de um wipeout em Mavericks, em que ficou preso debaixo d'água por duas ondas. A onda de Dorian deve ser analisada sob dois ângulos: em vídeo e fotos, para que se possa contemplá-la melhor. O close do vídeo não faz jus à onda. Se Dorian tivesse completado aquele tubo, era quase certo que venceria a Onda do Ano – como Greg Long fez quando pegou um tubo na remada em Dungeons. "Os surfistas continuam fazendo tow-in, mas o surf de tow-in chegou a um nível em que os atletas adquirem familiaridade com as ondas gigantes, ondas que eles nunca pegariam com as próprias mãos. Agora, os surfistas estão no processo reverso da mecânica. Comparativamente, é como ser levado de helicóptero ao topo do Everest e descer a montanha, para descobrir como se sobe. As ondas que os big-riders estão dropando é o que Mark Foo chamava de 'Reino do Não Surfável'."

AS ONDAS DA TEMPORADA

Eric Akiskalian, do estado de Washington (EUA), surfou uma bomba de tow-in num South Reef de Oregon. Em se tratando de um inverno considerado mediano (ou abaixo da média) para a Costa Oeste da América do Norte, os locais estão chamando esse swell de o maior e mais perfeito que já viram em Oregon em quase uma década, com ondas de 60 pés de face e séries ainda maiores. Akiskalian comanda o website www.towsurfer.com, no qual afirma: "O tow-in nunca vai acabar. Até que se prove o contrário, quando as ondas estão com 20 pés de face – na altura havaiana –, você precisa da assistência do jet-ski para lajes gigantes, monstruosas e traiçoeiras! Em lugares como Teahupoo, Yeti, Shipstern Bluff, The Right e Mullaghmore Head, por exemplo. E as chances de você precisar do jet-ski para ondas maciças, com 60 pés ou mais nos picos de big surf internacionais, são muito grandes". Mesmo sem Teahupoo nem Dungeons, e sem Greg Long, Grant "Twiggy" Baker nem Carlos Burle, a lista de indicados deste ano é tão provocante como noutros, se levarmos em conta que foi uma temporada relativamente morna para a América do Norte e a África do Sul. O oceano Atlântico foi representado por Mullaghmore, na Irlanda – que rendeu ao francês Benjamin Sanchis indicação para Onda do Ano –, e por Belharra, na França – que lhe rendeu indicação para Maior Onda. Já seu parceiro de tow, Eric Rebiere, foi indicado para Maior Tubo com uma onda em Mullaghmore. E mudou a geopolítica do XXL: Europa. Qualquer ano em que não aconteça o Eddie Aikau nem o Mavericks Contest é considerado um ano devagar, mas a bomba de Mark Yazbeck em Waimea participa do show. Outro na categoria de Maior Onda foi o brasileiro Rodrigo Koxa, com uma bomba em Punta Docas, no Chile, em agosto de 2010. A onda se desdobrou em diferentes sessões, e Koxa superou todas elas. Onda incrível a do brasileiro! No ano passado, um surfista alemão venceu o prêmio de Maior Onda com uma bomba para a esquerda em Pe'ahi/Jaws, e nesse ano um italiano chamado Francisco Porcella surfou uma direita gigante no final do ano. Mark Mathews, australiano, pegou uma besta em Shipstern e estreou o wipeout. E outro tubo em fúria, em The Right, na Austrália Ocidental. E disse que o caldo foi mais adrenalina. "Nossa! Tem tanta água fluindo naquela parede, que a sensação que se tem é a de perda de todos os membros. Certa vez fui nocauteado em Shipps de uma maneira que parecia ter quebrado o pescoço. Isso me apavorou durante anos. Embora as chances de sofrer um ataque de tubarão primeiro sejam maiores." Ao que tudo indica, surfar ondas de 20 a 30 pés na remada parece ser o presente e não o futuro do big surf mundial. No ano que vem, é provável que eles tenham de mudar o nome para 'XXXL'.



Na foto, o brasileiro Rodrigo Koxa, em Punta Docas, Chile. Koxa foi um dos indicados à Maior Onda, e poderia facilmente ter ganhado o prêmio: Koxa foi injustiçado. Acima, momentos do XXL Billabong Big Wave Awards: Danilo Couto cumprimenta Shane Dorian; Keala Kennelly vence na Melhor Performance Feminina, pelas bombas surfadas em Puerto Escondido



GLOBAL BIG WAVE AWARDS
BILLABONG XXL BIG WAVE AWARDS 2011
• 2011



Com a casa cheia em Anaheim, Califórnia, Danilo Couto subiu ao palco acompanhado da mulher e da filha, e vibrou com aconquista histórica, sempre empunhando a bandeira brasileira



RESUMINDO: NO BRAÇO!

Na noite de sexta-feira 29 de abril de 2011, os melhores big-riders do mundo, bem como centenas de espectadores, viajaram para Anaheim, na Califórnia – perto da Disneylândia –, para conferir a cerimônia de premiação do Billabong XXL Big Wave Awards. A noite começou com um panorama das ondas que foram surfadas ao longo da temporada, de Puerto Escondido, no México, a Punta Docas, no Chile, e a Mullaghmore, na Irlanda; de Belharra, na França, a Mavericks, no norte da Califórnia, e a Waimea e Jaws, no Hawaii. O tema da noite ficou claro: era tempo de voltar ao desafio original do surf de ondas grandes; caçar as maiores ondas e pegá-las com a força dos braços. Shane Dorian venceu dois prêmios nessa noite – Maior Tubo e Maior Onda na Remada. Dorian subiu ao palco duas vezes, e parabenizou todos os seus companheiros de big surf. Disse também que

BILLABONG XXL BIG WAVE AWARDS 2010/2011

Onda do Ano – Danilo Couto (BRA), em Jaws, em Maui, no Havai, no dia 8 de fevereiro de 2011 / US\$ 50.000 + pick-up Toyota Tacoma para o surfista e US\$ 5.000 para o vídeo

Maior onda na remada – Shane Dorian (HAW), em Jaws, no Havai, no dia 15 de março de 2011 / US\$ 15.000 para o surfista e US\$ 4.000 para a foto/vídeo

Maior Onda – Benjamin Sanchis (FRA), em Belharra, na França, no dia 16 de fevereiro de 2011 / US\$ 15.000 para o surfista e US\$ 4.000 para a foto/vídeo

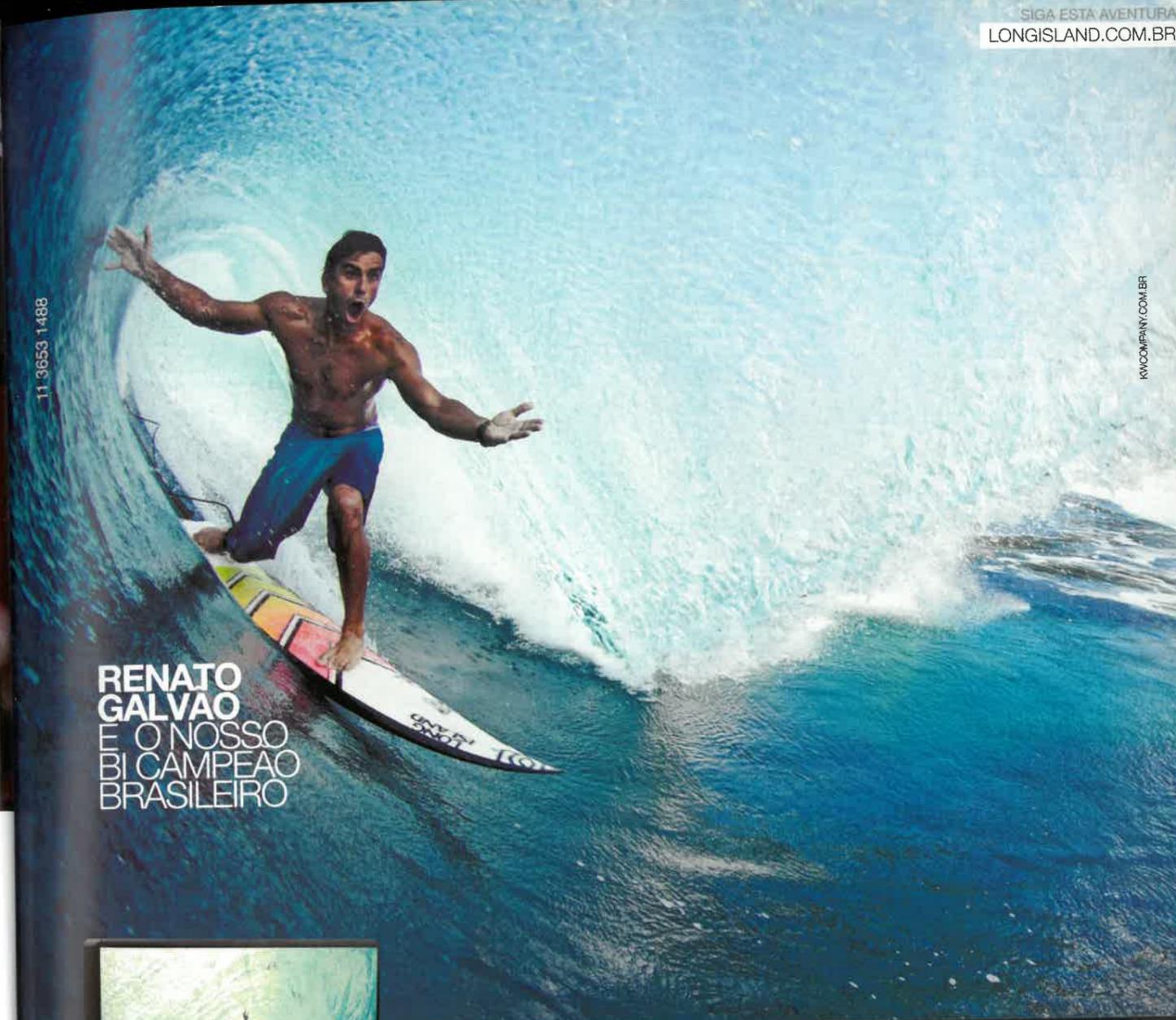
Maior Tubo – Shane Dorian (HAW), em Jaws, Maui, no Havai, no dia 15 de março de 2011 / US\$ 5.000 para o surfista e US\$ 2.000 para o fotógrafo

Melhor Performance Masculina – Sion Milosky (HAW) / US\$ 5.000 para o surfista

Melhor Performance Feminina – Keala Kennelly (HAW) / US\$ 5.000 para a surfista

Wipeout do Ano – Mark Mathews (AUS), em Shipstern Bluff, na Tasmânia (AUS), no dia 6 de abril de 2010 / US\$ 2.000 para o surfista e US\$ 1.000 para o vídeo

doará todo o dinheiro ganho para o fundo de Sion Milosky, criado em homenagem ao surfista de Kauai que se afogou em Mavericks em março deste ano. Benjamin Sanchis venceu o prêmio de Maior Onda pela bomba surfada de tow-in em Belharra, França. Mark Mathews venceu o Pior Wipeout em Shipstern's Bluff. E o surfista havaiano Mark Healey subiu ao palco para receber o prêmio de Mark Mathews. No decorrer da noite, eles mostraram os cinco concorrentes a Onda do Ano, e entrevistas com cada surfista: David Scard falou que ficou em choque ao completar um tubo gigante em Cloudbreak, Tavarua (Fiji). Benjamin Sanchis explicou que viajou da França à Irlanda com seu parceiro de tow-in, e pegou um tubo gigante e gelado em Mullaghmore Head. A casa estava lotada em Anaheim, e dezenas de pessoas que enfrentaram horas de fila para entrar acabaram ficando de fora. Na frente do palco, confortáveis sofás vermelhos para os indicados e apresentadores. A premiação foi transmitida ao vivo pela internet e também gravada para ser exibida pela Fuel TV. Keala Kennelly venceu o prêmio de Melhor Performance Feminina por um tubo gigante de tow-in em Puerto Escondido, e por ter remado nas ondas grandes e geladas de um reef de Oregon, e quebrou a hegemonia da brasileira Maya Gabeira, que era tetra campeã. Sion Milosky venceu na Melhor Performance Masculina, e todos se emocionaram quando a viúva e o pai de Sion subiram ao palco para enaltecer a mensagem da eterna busca deixada pelo big-rider. A multidão vibrava com a última premiação da noite: Onda do Ano. O público apostava em dois candidatos ao título: Michael Brennan – que pegou um tubo incrível de tow-in em Shipstern's Bluff – e o brasileiro Danilo Couto, por uma onda surfada na remada em Jaws. No final da noite, os cinco indicados ao prêmio de Onda do Ano se posicionaram lado a lado no palco. Danilo Couto, que surfou Jaws como ninguém, venceu os US\$ 50.000 da premiação por Onda do Ano. Couto comemorou acompanhado de sua esposa e filha, empunhando a bandeira do Brasil. Todos vibraram pelo guerreiro brasileiro, que deu uma gigantesca braçada para a evolução do surf de remada.



RENATO GALVÃO
É O NOSSO
BI-CAMPEÃO
BRASILEIRO



PROMOCÃO
GANHE UM DVD DO FILME
AO COMPRAR NOSSAS
JAQUETAS*

VISITE O HOTSITE
DA PROMOCÃO
LONGISLAND.COM.BR/JAQUETAS

LONG ISLAND



TODOS PATE DE UMA ÚNICA FORÇA.
A FORÇA QUE AMESSA O OUTSIDE,
QUE CONQUISTA A MONTANHA,
A FORÇA DE UM AMANTE, DA VERDADE E
DO AMOR. SÓ EXISTE SE A MENTE DEIAS,
NOSSA ALMA, ESTIVER ALTA E DE ACORDO COM O
MOMENTO. A GRANDE MOTIVAÇÃO É CONSEGUIR
TRANSMITIR A ENERGIA QUE NOS MOVE, SABER COM QUE
RESOLUÇÃO NOS MOMENTOS CONSCIENTES AQUI
E SENTIR O FEELING FLIP...

SOMOS CARNE E OSSO, MAS O QUE NOS DIFERENCIA
ESSA FAMÍLIA É EXATAMENTE A ALMA. A ALMA DO BEM,
DO CRESCIMENTO, DO APRIORAMENTO, DA UNIÃO.
DO DESEJO DE VENCER E REINCIDENTE DO DESEJO
DE VIVER. UMA É ALGO QUE ACONTECE HOJE DIA.

ESTAR Juntos DE CASA, NA
COMPANHIA DAS PESSOAS CERTAS
FAZENDO O QUE AMAMOS.



Bintang

bintang.com.br

A FELICIDADE É AQUI, AGORA.

VIDA QUE SE
CONFUNDE COM SONHO.

RISE UP!

O PRAZER DE SE DEDICAR O BEM, DE PROMOVER UNÃO
E ENTENDIMENTO RESPEITOSO ENTRE AS PESSOAS,
A SEGURANÇA DE UMA FORÇA MELHOR PROTETORA.

Bintang House Joatinga - Rio de Janeiro - Tel: (21) 3579-5418 • Rio Design Barra - Rio de Janeiro - Tel: (21) 3523-0999

Búzios - Rio de Janeiro - Tel: (22) 2623-2067 • Praia do Forte - Bahia • Franquia e Multimarcas: bintang@bintang.com.br

por Ben Marcus*
ilustrações Mau Domingues

SURFING TSUNAMI

SERIA POSSÍVEL SURFAR UMA ONDA CRIADA A PARTIR DE UM TERREMOTO?

Lendas e histórias de pessoas que tiveram algum tipo de experiência com tsunamis instigam a imaginação dos surfistas. O drama catastrófico provocado à humanidade impressiona. A força descomunal da natureza, muito mais...
Fomos buscar a resposta: Será possível surfar um tsunami?



Ilustração do período iluminista, inspirada no terremoto de 9 graus que atingiu Lisboa, em Portugal, no dia 1º de novembro de 1755.

Para buscar algumas respostas para os acontecimentos e a polêmica questão – será possível surfar um tsunami? – a ALMA SURF sacudiu a história dos desastres em busca de conhecimento e procurou o especialista em tsunamis Jose Borrero, Ph.D em Engenharia Costeira pela University of Southern California (USC), entre outros importantes personagens desta mesma história...

Em 1968 um violento tsunami atingiu a Big Island, a maior das ilhas do arquipélago havaiano. Reza a lenda local que um morador foi varrido pelo oceano e surfou o maremoto com um pedaço de sua casa devastada em ruínas. Jose Borrero, que não gosta de ser chamado de doutor, é um surfista fissurado, com Ph.D. em Engenharia Costeira pela University of Southern California (USC). Como surfista e cientista, ele entende a mecânica das ondas. E ficou um pouco irritado a respeito do rumor de que o surfista havaiano Bobby Owens teria surfado um tsunami no Hawaii, em novembro de 2006. “Vocês poderiam, por favor, parar de espalhar essa história de ‘surfear um tsunami?’”, disse Borrero durante a conversa para produção desta

“Surfar um tsunami é fisicamente impossível.

Ninguém nunca surfou um tsunami.

Podem ter surfado ondas criadas a partir de um swell sobrepostas num tsunami, ou pequenas partes de um tsunami. Falar de pessoas que surfaram um tsunami é falso e irresponsável, porque transmite às pessoas a ideia errada do que elas deveriam fazer se estivessem na água ao mesmo tempo em que um tsunami estiver acontecendo.”

Jose Borrero

reportagem. “Isso é fisicamente impossível. Ponto. Ninguém nunca surfou um tsunami. Eles surfaram ondas criadas a partir de um swell, que possivelmente gerou ondas sobrepostas num tsunami, ou surfaram pequenas partes de um tsunami – que se dividiu ao atingir as partes mais rasas do oceano. Falar de pessoas que surfaram um tsunami é falso e irresponsável, porque transmite a ideia errada do que as pessoas poderão fazer se estiverem na água ao mesmo tempo que um tsunami estiver acontecendo. O surfista simplesmente não pode surfar uma onda com período 12-25 minutos. Ok? Desista.” No dia 15 de novembro de 2006, o Centro de Tsunamis do Pacífico estabeleceu um alerta para o Hawaii, depois que um terremoto de 8,3 graus atingiu as ilhas Kurilas, ao norte do Japão, exatamente à 1h00 do fuso horário havaiano. Às 6h00 da manhã, o alerta foi cancelado. Mas o Centro avisou que poderia haver fortes correntes ou ondulações repentinas pelas próximas horas. No North Shore de Oahu, 180 minutos depois, às 9h00, Bobby Owens estava na água, em Turtle Bay. “Tive um pouco de receio de ficar falando sobre isso porque sei que não surfei um tsunami”, disse Owens. “Para resumir a história... Já havia passado das 9h00 da manhã e eu estava na água, e o alarme – soado há algum tempo – de tsunamis havia sido cancelado. Eu estava sentado na minha prancha quando uma onda começou a se avolumar. Eu sabia o que estava acontecendo, e uma mulher que trabalhava comigo observava a situação de fora da água. Quando o ‘volume de água’ estava voltando, peguei uma onda. Quando sai da onda, a massa de água continuou me levando... A onda era muito forte, mas não cheguei a ter medo. Apenas pensei: ‘Inacreditável!’”, contou Bobby, que já pode ser considerado lendário, caso estudos futuros confirmem ou provem que ele tenha surfado algum resquício de maremoto. “Não surfei o que muitas pessoas acreditam ser um tsunami. Não estou falando aqui que surfei um tsunami. Algumas pessoas com as quais conversei e viram a cena falaram que eu surfei uma onda diferente, porque todo o volume de água era puxado de volta ao oceano...”



“Halona surfa um tsunami em Ninole, Hawaii, 1868”, pintura de William Cathcart, inspirada num tsunami em Big Island, Hawaii, no dia 2 de abril de 1868, de magnitude estimada entre 7.25 e 7.75 graus

SURFING TSUNAMI: ANTIGA LENDA HAVAIANA

Esse assunto de surfar tsunamis é uma história antiga, que vai além do século 19. No Bishop Museum, no Hawaii, está exposta a pintura de William Cathcart chamada *Halona surfing on tsunami wave at Ninole, Hawaii, 1868*. Essa obra foi inspirada num terremoto de magnitude estimada entre 7,25 e 7,75 graus, que aconteceu perto da Big Island, no dia 2 de abril de 1868. Entre os acontecimentos, o terremoto causou um deslizamento de terra que matou 31 pessoas em Mauna Loa. E depois do abalo sísmico, formou-se um voraz maremoto que: “Alcançou o topo dos coqueiros – uma onda de provavelmente 60 pés de altura, que arrastou de volta ao mar tudo que havia pela frente, como casas, árvores, animais, barcos, homens e mulheres, e tudo que se movia ou tinha se soltado da base”, escreveu Walter Dudley, expert no assunto, que publicou o livro *Tsunami!* em 1998. A lenda local diz que esse morador de Halona que foi sugado para o mar pegou uma tábua que era um pedaço de sua casa e conseguiu salvar a própria vida surfando o poderoso tsunami. Jose Borrero, na função de cientista, em contraponto, discorda da história: “Quando uma onda gerada por um swell normal se funde em um tsunami, existem interações não lineares. Ocorrem correntes e forças estranhas. Surfar enquanto um tsunami atinge a costa, tudo bem. Agora, surfar um tsunami... Não há dados científicos que comprovem essa possibilidade”.



Surfista peruano Felipe Pomar, comprova que está acostumado com as ondas grandes. Será possível?

TERREMOTO NO PERU

Surfar enquanto um tsunami atinge a costa poderia ser a melhor prática científica para descrever a experiência que teve o peruano Felipe Pomar, que estava no mar depois do terremoto que atingiu o Peru – e durante o tsunami –, em outubro de 1974. Felipe estava em Punta Hermosa, costa peruana, na manhã do dia 3 de outubro do ano em questão. “De manhã, o mar estava flat. Eu, em companhia de meu amigo Petey Block, ia indo surfar quando um terremoto muito potente atingiu o Peru. Durou 1min40s, e seu registrado alcançou entre 7 e 8 graus da escala Richter.” Depois de discutirem o que fariam após aquela traumática experiência do terremoto, Pomar e Block decidiram fazer o que qualquer big-rider maluco faria: surfar. Uma atitude arriscada. Os surfistas peruanos foram rapidamente engolidos pelo oceano a uns 500 metros de distância da praia. Eles então remaram pela baía até um pico de ondas grandes chamado Kon Tiki, sempre observando a linha do horizonte. “Logo que fiquei em posição no outside, uma onda apareceu do nada como um veículo enviado do céu!”, conta Pomar. “Eu estava consumido por adrenalina e desespero, e assim que senti que a onda formou um buraco, instintivamente dropei e fiz o bottom turn... Em fração de segundo, imediatamente, comecei a pensar: ‘O que você está fazendo? Cabeça-dura! Isso é uma questão de sobrevivência! Você não deveria estar surfando, mas sim salvando sua vida! Siga em linha reta em direção à areia.’” Pomar pensou que essa poderia ser a última onda de sua vida. Então, surfou-a antes que ela se fechasse completamente, e seguiu na espuma até chegar perto da beira da água. Depois, viu que um barco de pesca fora atirado contra um rochedo pela mesma onda e esmagado em várias partes nesse mesmo instante pela natureza. “Desde então, li vários artigos na internet de pessoas que estudam maremotos em geral e falam que é impossível surfar um tsunami”, continua Pomar. “O que me faz ter certeza de que surfamos um tsunami é que, antes do terremoto, não tinha onda nenhuma. Logo após o terremoto, a baía começou a sugar água, e em pouco tempo fomos expulsos do mar. Passados 40 minutos do terremoto, as ondas já tinham o dobro, o triplo do nosso tamanho. Quando o tsunami chegou, destruiu todos os barcos pesqueiros. Nós surfamos essas ondas e, horas depois, observamos o oceano se acalmar – retrocedendo e voltando à sua forma natural. Com base em minha experiência pessoal, sei que essas ondas não foram geradas por fenômenos atmosféricos. Elas foram claramente geradas por um abalo sísmico, e batem com toda definição de ondas geradas a partir de um tsunami. Devo constatar que, embora tivéssemos experiência para lidar com ondas com mais de 20 pés, esse fato nos surpreendeu. E tivemos sorte de sobreviver para contar esta história. Infelizmente, houve pessoas que perderam a vida nesse episódio. Então, por respeito a elas, manteremos silêncio por um longo tempo.”

SURFING TSUNAMI



Devastação no Alasca: Foto tirada depois do tsunami de 1965

A ONDA DE (MAIS DE) 100 PÉS: ALASCA

Conta a história que, se existe um recorde mundial por 'surfear' uma onda gigante causada por um terremoto, ele vai para o capitão do *The Badger*, que surfou uma onda de mais de 100 pés de altura e foi cuspidor em Lituya Bay, no dia 9 de julho de 1958. Essa onda, muito superior aos 100 pés, começou no Alasca quando um terremoto de magnitude 8,3 destruiu uma montanha, que derrubou uma geleira, que gerou uma onda de 1.720 pés... que demoliu Gilbert Inlet e Lituya Bay. A onda diminuiu para 500 pés e varreu a ilha Cenotaph, tragando também três barcos pesqueiros enormes que estavam ancorados na baía. *The Sunmore* foi varrido, levando os tripulantes Orville e Mickey Wagner com ele. Dois outros barcos, *Edrie* e *The Badger* – de 38 pés –, foram arrastados por uma onda que ambos os capitães descreveram como algo que media entre 50 e 100 pés de altura. Ulrich Elder e Junior, líderes dos barcos, sobreviveram, bem como o sr. Swanson e a esposa Vivian, que surfou a onda com o barco, passando pelo topo de árvores que tinham 80 pés de altura. No ano de 1965, outro terremoto, de magnitude 9,2, atingiu o Alasca e gerou um tsunami que atravessou milhares de quilômetros durante quatro horas e destruiu o porto de Crescent City, na Califórnia – que hoje é a casa do mítico big-rider Greg Noll, lendário por suas façanhas desbravadoras no surf de ondas grandes.

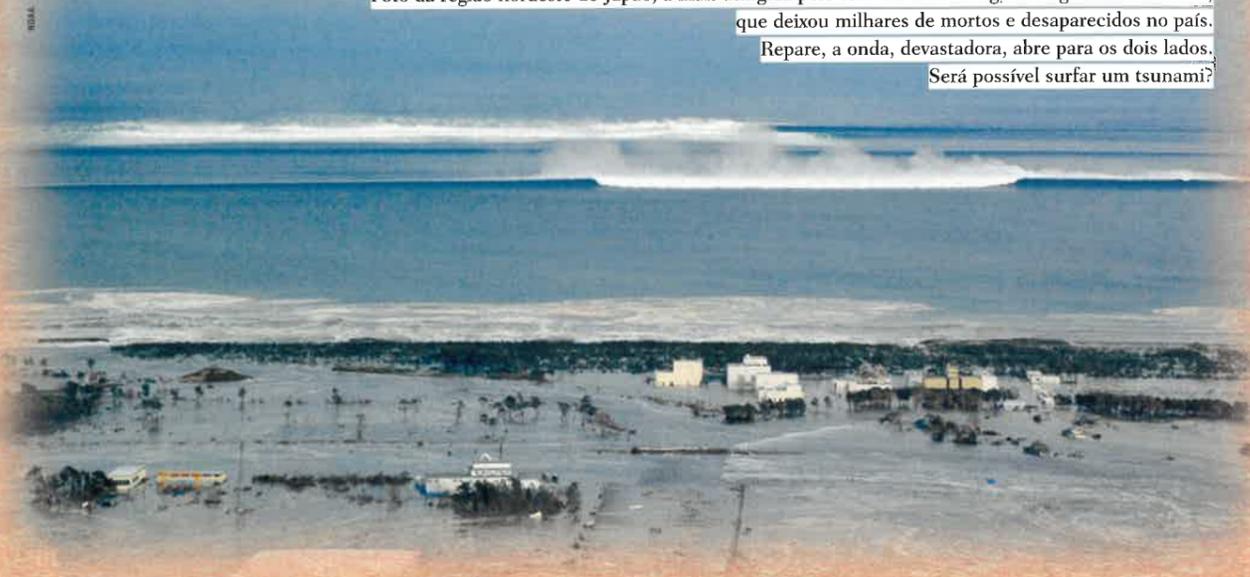
TREMOR EM GRAJAGAN

No dia 4 de junho de 1994, os surfistas do Bobby Radias Surf Camp, em Grajagan, Indonésia, estavam acordados (e desavisados) quando um terremoto de magnitude 7,6 – com epicentro a uns 400 quilômetros de distância – atingiu o arquipélago na primeira hora da madrugada. Richard Marsh, Rob Bain, Shane Herring, Simon Law, Neal Purchase e Richie Lovett levantaram com o barulho da natureza e disseram que, quando o tsunami atingiu terra firme, foi como “ser atingido por um trem-bala à velocidade máxima”. Nessa ocasião, por Deus, ninguém morreu. Mas o acontecimento foi um aviso do que a mãe natureza reservaria para outras regiões da Indonésia – e outras partes do mundo – no transcorrer do século 21. Os primeiros 11 anos do século 21 assistiram a quatro grandes terremotos e tsunamis, que fizeram o mundo repensar se não seriam verídicas as previsões catastróficas do calendário maia – expressas no filme *2012*. Isso também fez os surfistas se perguntarem o que teria a mãe natureza contra a tribo, já que três dos terremotos e tsunamis haviam tido seu epicentro próximo de áreas de surf, e causaram estragos em regiões populares da Indonésia e do Chile.

SUMATRA, CHILE E MACARONIS

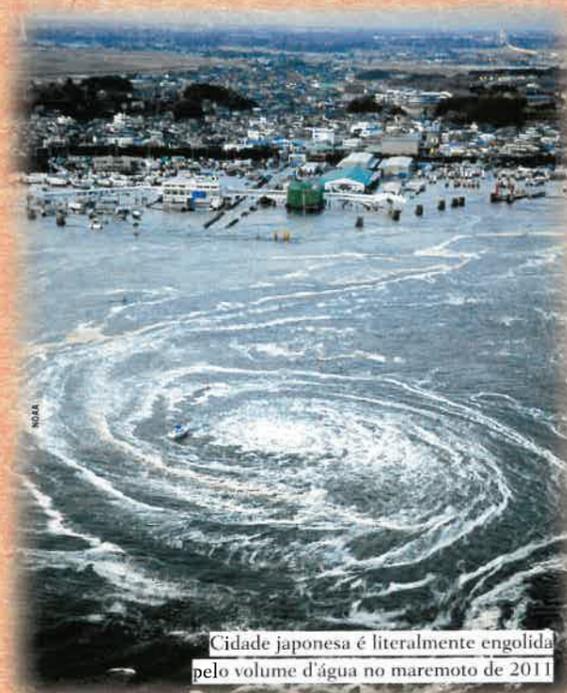
No dia 26 de dezembro de 2004, o terremoto Sumatra-Andaman, de magnitude 9,3, gerou um tsunami que matou mais de 200 mil pessoas. Foi uma temporada sem surf nas ilhas Mentawai. Por outro lado, fez surfistas de todo o mundo, após assistirem aos vídeos das ondas que atingiram as praias e reefs da Tailândia à Índia, pensarem: “Mas, e se...?”. Às 23h09 da noite do dia 28 de março de 2005, o terremoto de magnitude 8,7 que atingiu as ilhas Nias, 200 quilômetros a oeste de Sibolga, causou pânico geral nas regiões costeiras do oceano Índico. Mas felizmente os estragos causados pelas ondas foram mínimos. Às 3h34h do dia 27 de fevereiro de 2010, um terremoto de 8,8 graus atingiu a costa chilena de Cobquecura, na região de Biobío, sudoeste de Santiago. As ondas do maremoto atingiram o coração do surf chileno, e vários picos mantidos em segredo pelos surfistas locais – que agora aparecem no filme *180 South*, de Chris Malloy – foram devastados pelo tsunami. No dia 25 de outubro de 2010, um terremoto de magnitude 7,5 atingiu as Mentawai às 21h42, e uma onda volumosa, de aproximadamente 15 pés, varreu o Macaronis Resort e outros points. De certa maneira, o iate *Freedom* surfou a grande onda e acertou em cheio o Midas, outro barco que boiava à deriva, em meio ao caos, enquanto os hóspedes pulavam no mar e nadavam para a selva, entre tudo que boiava no caminho. Nenhum surfista morreu, mas o surf camp foi destruído, e agora está sendo reconstruído com estruturas resistentes a tsunamis, para ser reaberto em julho deste ano de 2011.

Foto da região nordeste do Japão, a mais atingida pelo terremoto de 8,9 graus seguido da tsunami, que deixou milhares de mortos e desaparecidos no país. Repare, a onda, devastadora, abre para os dois lados. Será possível surfar um tsunami?



JACK JOHNSON NO JAPÃO

Jack Johnson estava em turnê pelo Japão... quando aconteceu a grande catástrofe. Ele tinha um show agendado para Sendai no dia 12 de março. E um dia antes o músico surfista sentiu o balanço do terremoto de 8,9 graus que projetou um tsunami, registrado por dezenas de pessoas, que causou muita destruição. Johnson tocou em Osaka naquele dia 11, mas cancelou o resto da turnê japonesa por respeito e também por medo, para sua proteção e de sua família, que o acompanhava na viagem. O terremoto do Japão ocorreu 30 quilômetros abaixo do solo, mas a apenas 72 quilômetros do continente, o que significa que as pessoas que viviam nas regiões costeiras do país quase não tiveram tempo de correr quando a terra parou de tremer. Tudo aconteceu muito rápido. O fato de o tsunami ter acontecido pela tarde facilitou para que, quase imediatamente, as imagens da tragédia fossem publicadas na internet. Em algumas das imagens, as ondas pareciam “surfáveis” – ao menos aos olhos de um “não Ph.D.” –, abrindo para os dois lados. Porém, a violência do tsunami foi brutal, causando muitas mortes.



Cidade japonesa é literalmente engolida pelo volume d'água no maremoto de 2011

“Na hora do terremoto, Jack Johnson estava num prédio em Sendai – capital da província de Miyagi, no Japão –, acompanhado de seus filhos. Quando parou o tremor, ele correu com sua família para o quinto andar. Jack disse que foi uma experiência assustadora.”
Ben Marcus

SURFING TSUNAMI

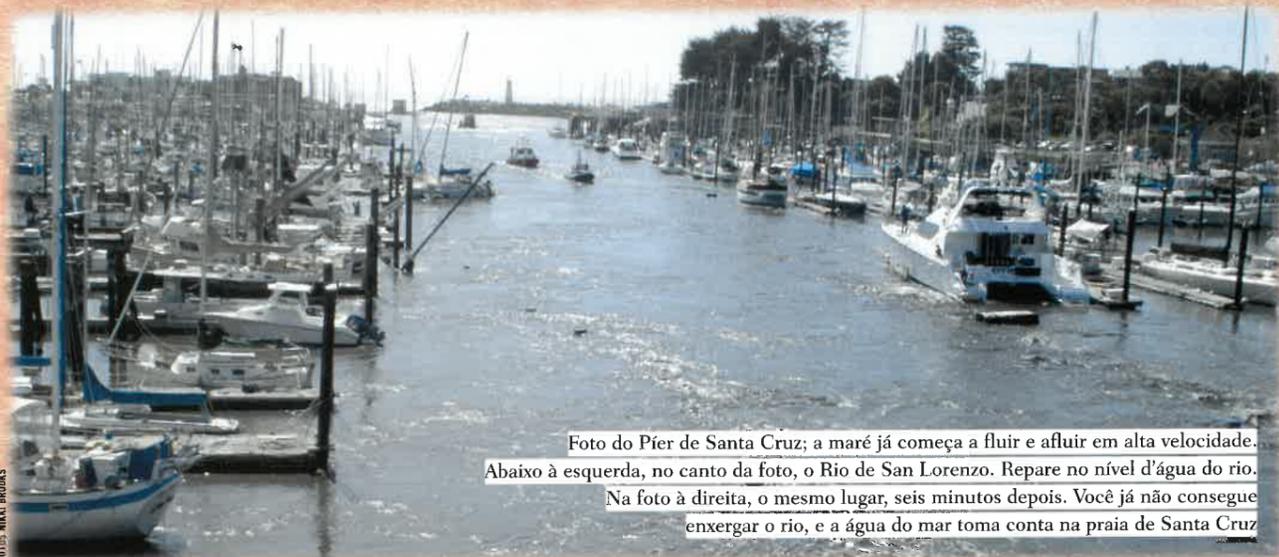


Foto do Pier de Santa Cruz; a maré já começa a fluir e afluir em alta velocidade. Abaixo à esquerda, no canto da foto, o Rio de San Lorenzo. Repare no nível d'água do rio. Na foto à direita, o mesmo lugar, seis minutos depois. Você já não consegue enxergar o rio, e a água do mar toma conta na praia de Santa Cruz



SURF EM SANTA CRUZ

Na Costa Oeste dos EUA, os surfistas receberam vários avisos de que o tsunami do Japão estava a caminho, de outra direção. Porém, não houve notícias de surfistas de tow ou remada que tivessem pegado ondas diferentes no norte da Califórnia ou no sul de Oregon, picos que suportassem grandes swells. Colin Brown é um bom personagem para este artigo. Surfista de Santa Cruz, já surfou ondas grandes de La Jolla a Mavericks, e muitas outras, no arquipélago havaiano, e isso inclui a onda de maré Turnagain Arm, no Alasca, causada por quedas de geleiras. Colin é bastante destemido, e naquela manhã ele foi surfar em Steamer Lane. "As ondas não estavam tão boas naquele dia, mas pelo menos não tinha vento. Quando as ondas vinham, você tinha que remar com força máxima para ficar junto à corrente, mesmo sem conseguir ver ou prever o que estava fazendo ou acontecendo com exatidão. As ondas não quebravam em seus lugares habituais – estava tudo muito estranho. Peguei uma onda e fui até o inside, e tudo parecia normal. Contudo, me ocorreu que eu poderia ser esmagado no cais se o oceano resolvesse lançar uma verdadeira bomba d'água. Foi bastante perturbador, porque as ondulações continuavam entrando sem seguir padrão nenhum." Ken 'Skindog' Collins, vencedor do XXL

em 2007, que estava surfando naquela manhã, disse que Flea Virostko pegou um tubo vindo de um tsunami em Stockton... Pode ser mentira ou um pouco de exagero, já que num pico raso como aquele seria especialmente difícil prever alguma manifestação estranha de ondulação – talvez ele tenha entubado entre as ondulações do tsunami. "No final, eu estava muito triste porque surfiei o resultado da mesma energia que matou tantas pessoas e destruiu tanta coisa no Japão," disse Collins, que assumiu ter ficado até estrangulado por ter surfado naquele dia. Santa Cruz é uma cidade movida pelo surf, e seus moradores não deixariam um 'pequeno tsunami' assustá-los. O surf estava bom na boca do San Lorenzo Rivermouth – um lugar que não quebra sempre. A fotógrafa Nikki Brooks registrou o surfista Anthony Ruffo pegando alguns tubos numa esquerda na boca do rio, quando o nível do oceano variou repentinamente. Nas palavras de Ruffo: "Eu sei que surfiei um ondulação maior naquele dia! A boca do rio secou, e depois vi aquela série boa se aproximar. Alguns minutos depois, ela veio duplicada e empurrando muita água atrás de cada onda. Depois dessa série, a maré estava com uma altura de 7 pés... Isso aconteceu umas sete ou oito vezes naquele dia! A água sendo sugada e devolvida! Foi diferente". O porto de Santa Cruz sofreu danos significativos por causa do fenômeno, e Jose Borrero veio do norte da Califórnia depois de ter examinado tudo com fascinação científica. "Se você quiser construir um amplificador de tsunami, seria algo como o porto de Santa Cruz. Ele tem a forma perfeita", disse Borrero. Depois, resumiu o evento desta maneira: "A Califórnia foi salva pela maré baixa. As consequências poderiam ser piores".

EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA

Quando alguém na Califórnia sugeriu que algumas das ondas no Japão pareciam surfáveis, Jose respondeu como cientista, com números e símbolos para nós estranhos, mas que fundamentam suas afirmações, e eu, como autor desta reportagem, não posso deixar de publicá-los: "As ondas do tsunami são de longa extensão linear. Seu comprimento é muito maior do que sua profundidade", disse o estudioso. "Para ondas de 'águas rasas', a velocidade da vnda (em pés/segundos) é calculada através da fórmula: $V = \text{SQRT}(gd)$, onde 'g' representa a aceleração da força gravitacional ($g = 9.81 \text{ m/s}^2$) e 'd' equivale à profundidade d'água (em pés). A profundidade aproximada do oceano (em águas rasas) é de 5 km. Então, $\text{SQRT}(5000 \times 9.81) = 221.5 \text{ m/s} = 797 \text{ km/hr} = 495 \text{ mi/hr}$... Tudo teórico assim. "É daí", diz ele, "que vem a analogia do tsunami com um jato, de ela ser tão rápida quanto um jato..." Os tsunamis estão se refratando e se dobrando em qualquer parte do oceano, enquanto as ondas formadas a partir de swells começam a se refratar apenas a 300/400 metros. Mas com a diminuição da profundidade há o aumento da velocidade, e 'a onda' começa a desacelerar ao se aproximar do continente. De acordo com as explicações acima, a velocidade deveria chegar a zero quando a profundidade chegasse a zero, o que obviamente não acontece, porque nessa situação as ondas se comportam de maneira não linear, e a fórmula $\text{SQRT}(gd)$ não se aplica. Também pelo fato de o tsunami ter deslocado a água verticalmente para conservação da massa, e, claro, a água ter de retornar ao equilíbrio gravitacional, surge o problema de o volume de água invadir o continente, que se compara à situação de uma 'represa que se rompe' sobre a terra. As ondas que vimos em direção à costa do Japão são o resultado de uma 'fissão de ondas'; uma onda linear que se divide em várias ondas. Esse efeito pode ser bem observado numa onda de maré, onde você tem várias ondas seguidas. Nesse caso, o tsunami é o 'pacote completo de ondas', mas que se partiu em diferentes frentes. O que falar diante disso? Logo quando estávamos prestes a chamar Jose Borrero de 'Doctor Borrero', nosso amigo trocou o discurso de cientista pelo de surfista, o que parece fazer sentido: "No Japão, havia sessões de ondas que pareciam surfáveis, e devo admitir que, se você estivesse na hora e local certos, poderia ter pegado uma onda e tanto. Mas essas ondas não eram o tsunami em si... Eram pequenos fragmentos do tsunami que se 'despedaçaram' quando chegaram às águas rasas". Então, sim, você pode surfar 'uma parte de um tsunami', mas eu não recomendaria que ninguém fizesse isso! Na Costa Oeste dos EUA, por exemplo, o tsunami não era fisicamente surfável. Aqueles caras em Santa Cruz surfaram ondas formadas a partir de um swell normal que se misturaram com ondas de um tsunami. O mesmo aconteceu com Bobby Owens. No entanto, a história de Felipe Pomar é um pouco diferente: sua experiência pode ter sido mais semelhante ao que vimos no Japão porque ele estava na região de origem do tsunami. Mas, apesar de o terremoto de 1974 no Peru ter sido grande, ele liberou 30 vezes menos energia do que o terremoto do Japão. Felipe Pomar com certeza não estaria aqui para contar sua história se o terremoto peruano de 1974 tivesse sido um pouco mais forte do que foi. Mas isso continua como uma grande dúvida, que só a história um dia poderá contar.

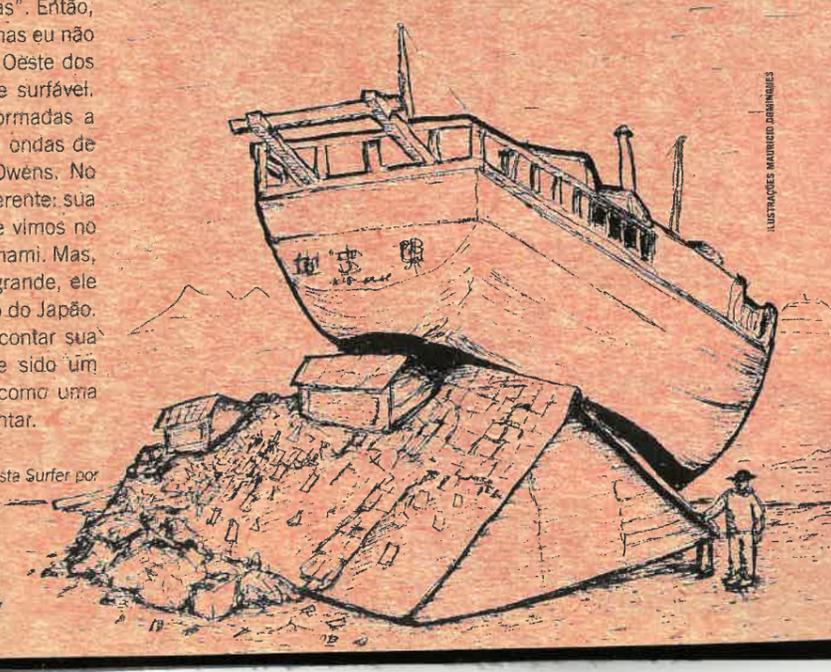
*Ben Marcus, é escritor especializado em surf. Editor da revista Surfer por 10 anos e autor de 13 livros, hoje é editor USA da Alma Surf.



Na foto, a tsunami do 11 de março no Japão, que destruiu inúmeras cidades e fez com que mais de 200 mil pessoas abandonassem seu lar



Jose Borrero na Indonésia, medindo o nível de estrago após a passagem do tsunami de 2004



Daniilo Couto #HBTeam | Foto: Erik Aeder

BORN IN AUSTRALIA
MADE IN BRAZIL

Join the adrenaline.
hb.com.br





FESTIVALMA'11

ARTE
MÚSICA
CINEMA
MODA
DESIGN

VIDA NA PRAIA

SURF É VIDA NA PRAIA

'Vida na Praia', esse é o tema que alicerça a proposta do Festivalma 2011, evento cultural multidisciplinar que une arte, cinema, música, design e moda de praia, que acontece nos próximos dias 26, 27 e 28 de maio, no Pavilhão da Bienal do Ibirapuera, em São Paulo, sob curadoria do publisher Romeu Andreatta.

texto Adriano Vasconcellos



Vida na Praia vai ao encontro das ações da ALMA SURF, que atingiu percepção ao celebrar 10 anos de aniversário, hoje vista como marca referência de modernismo e conquista de audiência qualificada na mídia impressa, digital e de eventos. A busca hedonista de uma maneira diferente de viver – na praia – é sinônimo absoluto da renúncia à pressão imposta pela vida contemporânea. É a busca da alegria de estar neste baú repleto de tesouros conceituais que é a praia, o espaço de verve mais sensual e democrática que existe, sem preconceitos nem padrões. A curadoria do Festivalma lança e exhibe na Bienal um olhar que acaba com a Era do Inacabado e Imperfeito, e assume compromisso com a excelência e a performance para atender a demanda desse público, que está cada vez mais ávido por novas referências, informação e consumo, estilo, estética, design e tendências. 'Vida na Praia' harmoniza todos os eventos integrados ao Festivalma – VII Mostra Internacional NIXON da Arte e Cultura Surf, VII Festival Internacional RVCA de Cinema Surf, VII Festival BILLABONG de Música, IV Salão Internacional do Surf e Praia, II Casa de Praia, Arquitetura e Design – e conta também com a esperada e tradicional ação de skate, que neste ano será mais acessível ao público e às interferências da moda.

O Festivalma 2011 tem apresentação da Skol; e patrocínio Rider; patrocínios de mídia da MTV, Oi FM, Editora TRIP e Revista Alma Surf; apoios do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), Programa de Ação Cultural (PAC), Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo; e homologado na Lei de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet.

FESTIVALMA 2011

▶ OS MELHORES ARTISTAS, FOTÓGRAFOS E SHAPERS DO BRASIL E DO MUNDO; INSTALAÇÕES E PERFORMANCES

Jim Russi, André Poli, Klaus Mitteldorf, Joni Sternbach, Angelo Palumbo, Kassia Meador, Sean Davey, Cassio Leitão, Chris Bukard, Dalmou, Diana Py, Fernando Mesquita, Myles McGuinness, Paula Marina, Taumaturgo Ferreira, entre outros...

▶ A MÚSICA DA PRAIA EM APRESENTAÇÕES ACÚSTICAS COM MÚSICOS SURFISTAS

Pete Murray, Donavon Frankenreiter, Mat McHugh (The Beautiful Girls) Solo & Acoustic e Surf Life

▶ OS PRINCIPAIS LANÇAMENTOS DOS MAIORES DIRETORES DO CINEMA SURF MUNDIAL

A Deeper Shade of Blue (Jack McCoy), High 5 (Chris Cote), Who Is Job? (Vincent La Forete), First Love (Graig Griffin), Stoke & Broke (Cyrus Sutton), Chasing the Swell (Mary Cooney), Scratching the Surface (Matt Beauchesne), Splinters (Adam Pescè)

+ I Festival RVCA de Curtas-Metragens – Categorias: Independente, Panorama e Retrospectiva

▶ AS MELHORES MARCAS DO SEGMENTO NA EXPRESSÃO DO ESTILO E DESIGN

Billabong, Nixon, RVCA, Element, VonZipper, Rider, Osklen, Mormaii, Fox, HB, Bintang, Hawaiian Dreams, Evoke, Lightning Bolt, Long Island, South to South

▶ O MELHOR DA ARQUITETURA, AMBIENTES, DECORAÇÃO E PAISAGISMO DE PRAIA

Casa de Praia Skol, construída em projeto customizado e alternativo de paletes recicladas, assinada pelo arquiteto Cesar Sallun

www.festivalma.com.br
twitter@festivalma

▶ **MOSTRA**

VIII MOSTRA INTERNACIONAL NIXON DA ARTE E CULTURA SURF

A **VIII Mostra Internacional Nixon da Arte e Cultura Surf** ganhou amplitude de curadoria com o tema "Vida na Praia". Instalação museográfica de paletes concebida pela equipe de curadoria da ALMA SURF em conjunto com o criador Roger Barbosa (Grupo GSM), desenho de ocupação assinado por Gustavo Cedroni e coordenação de Felipe Baracchini. Os artistas convidados pelo curador artístico Adriano Vasconcellos foram selecionados por meios de obras de vida centrada no mar, na praia, no oceano. Nomes consagrados compõem o corpo de expositores liderados pelo norte-americano Jim Russi e pelo brasileiro Klaus Mitteldorf, que apresentam instalações exclusivas nesta 8ª edição da mostra, assim como o fotógrafo Sean Davey, que traz à Bienal a série "King of the Sun", as múltiplas cores da meca do surf, o Hawaii. Novos artistas e fotógrafos arejam a exposição. Entre eles, Paula Marina e Taumaturgo Ferreira. Paula é fotógrafa de simplicidade sutil da beleza da praia e das pessoas que vivem nela. Taumaturgo, talentoso ator de teledramaturgia que já interpretou personagens praianos que se eternizaram, se tornou ícone na década de 90 com a novela Top Model. Com ótimas apresentações no teatro e na música, aparece agora como artista plástico de pintura peculiar na escolha subjetiva da praia e nas referências do Rio de Janeiro e outras ambientes. A presença de David Dalmau e Fernando Mesquita, Joni Sternbach e Alex Weinstein, Wade Koniakowsky e Ciro Bicudo, Diana Py e Kassia Meador. Instalações e novidades que compõem a exposição artística, mais dinâmica e inovadora para 2011. 'Live Painting' será a proposta dos shapers na VIII Mostra da Arte e Cultura. Pranchas brancas e puras à disposição para a intervenção de artistas e público. Depois de prontas e finalizadas, as peças, artísticas e performáticas, serão transformadas na coleção "Live Painting - Vida na Praia", novo acervo de pranchas que irá viajar pelo Brasil em exposições itinerantes da ALMA SURF. Como grandes atrações do evento, o lendário surfista havaiano Rory Russel, chamado de 'O príncipe de Pipeline', já confirmou presença na exposição com uma série especial de pranchas de surf da Lightning Bolt. Outro personagem confirmado é o editor Tony Perez, atual editor das revistas Surfer e Surfing, publicações líderes da mídia surf mundial. O jornalista é convidado de honra do Festivalma'11. O evento, modulado em paletes reciclados absorve o tantra orgânico e holístico idealizado pelo publisher Romeu Andreatta, que busca na estética e no design novas referências ao segmento.

FOTÓGRAFOS CONVIDADOS:

Alberto Sodrê, Beto Paes Leme, Bryce Johnson, Caio Palazzo, Chris Burkard, Jason Murray, Jay Watson, Jim Russi, João Vianna, Joni Sternbach, Juliano Monetti, Kassia Meador, Klaus Mitteldorf, Kyle Lightner, Lucia Griggi, Marcio David, Mike Piscitelli, Morgan Maassen, Myles McGuinness, Nick LaVecchia, Pamela Díaz, Paula Marina, Sean Davey

ARTISTAS CONVIDADOS:

Alex Weinstein, André Diniz, André Poli, Angelo Palumbo, Cassio Leitão, Celine Chat, Ciro Bicudo, Claudia Simões, Dalmau, Daniela Vaz, Diana Py, Dudu Garcia, Felipe Siebert, Fernando Mesquita, Guilherme Tonelli, Jasar Nobre, Meegan Feori, Maibritt Wolthers, Mau Domingues, Palitô, Paulo Govêa, Ron Croci, Taumaturgo Ferreira, Viviane Zimmermann, Vicente Pavone, Wade Koniakowsky, Wagner Lustrí

SHAPERS CONVIDADOS:

Avelino Bastos, Beto Santos, Biro, Gustavo Kronig, Hennek, Joca Secco, Neco Carbone, Ricardo Martins, Rico de Souza, Carlos e Eduardo Argento

Curadoria Geral: Romeu Andreatta
Curadoria Artística: Adriano Vasconcellos



▶ **MÚSICA**

VI FESTIVAL INTERNACIONAL BILLABONG DE MÚSICA

O **VI Festival Internacional Billabong de Música** apresenta line-up de músicos-surfistas que já são apontados como 'A versão mais conceitual do Festivalma'. Donavon Frankenreiter, Mat McHugh e Pete Murray tocam em shows acústicos e intimistas que prometem lotação máxima.

PETE MURRAY vem pela primeira vez no Brasil como a principal atração. O surfista australiano compõe influenciado pelas das lendas Neil Young e Bob Dylan, e conquistou sucesso em turnês com o amigo John Mayers. No Brasil, as músicas de Pete Murray são tocadas em novelas da TV Globo.

DONAVON FRANKENREITER vem mais uma vez ao Brasil para celebrar a 'Vida na Praia'. O californiano já esteve no Brasil neste ano e comemorou com a ALMA SURF o aniversário de 10 anos da revista. "Surf All Day & Music All Night" deu norte a tour que, segundo o próprio, foi 'the best ever'. Surfista de alma, suas músicas são sucessos em qualquer praia que tenha o surf, a liberdade e a natureza como expressão, canções feitas em parcerias com Ben Harper e Jack Johnson, entre outros.

MAT. MCHUGH (THE BEAUTIFUL GIRLS) SOLO & ACOUSTIC, é outra atração surfística. O líder do TBG retorna ao Brasil para experimentar uma volta às raízes acústicas de luau feitos sobre a areia da praia. Cantor de estilo melodioso e surfista de pranchas old school, McHugh fez apenas uma exigência para tocar mais uma vez no Brasil: surfar as ondas brasileiras. No repertório, o sentimentalismo de Hugh com o amigo Andy Irons, que faleceu recentemente. O detalhe é que um dos últimos encontros da dupla aconteceu na sede da ALMA SURF, em São Paulo, dia em que os dois cantaram B Some Melody.

Outras apresentações, como do projeto **Surf Life**, dos surfistas Claudio Celso e Neco Carbone, jazz e ótima música de origens no surf, estão entre outras atrações.



Dia 27/05 • 21h30 – Pete Murray



Dia 26/05 • 21h30 – Donavon Frankenreiter



Dia 26/05 • 20h – Mat. McHugh (The Beautiful Girls) Solo & Acoustic

▶ **CINEMA**

VII FESTIVAL INTERNACIONAL RVCA DE CINEMA SURF

O **VII Festival Internacional RVCA de Cinema de Surf** terá curadoria da carismática californiana Keiko Beatie, e ganha neste ano à companhia do **I Festival RVCA de Curtas-Metragens**, que será dirigido pelo animador Mauricio Domingues. Nesta edição, voltamos às origens da Mostra Competitiva com a construção de uma sala de exibição pensada acusticamente para receber os apaixonados e cinéfilos de surf. Entre os títulos, exibição especial de *A Deeper Shade of Blue*, do renomado Jack McCoy, apontado hoje como o maior diretor do cinema surf do mundo, que está próximo de confirmar presença na Bienal. Em sua 1ª edição, a mostra de curtas procura interagir com o que há de mais original e criativo nas produções independentes, além de obras conceituadas pela crítica, dividas nas categorias: Independente, Panorama e Retrospectiva.

O Festival de Curtas sugere abertura junto ao Portal almasurf.com, canal aberto como célula de conexão externa. Expresse-se!

CONEXÃO: festivalma.com.br

CANAL: almasurf.com/curtas@almasurf.com

▶ **MOSTRA COMPETITIVA DE CINEMA**

1. A DEEPER SHADE OF BLUE (JACK MCCOY)
2. HIGH 5 (CHRIS COTE)
3. WHO IS JOB? (VINCENT LA FORETE)
4. FIRST LOVE (CLAIRE GORMAN)
5. STOKE & BROKE (CYRUS SUTTON)
6. CHASING THE SWELL (MARY COONEY)
7. SCRATCHING THE SURFACE (MATT BEAUCHESNE)
8. SPLINTERS (ADAM PESCE)

CURADORIA: Keiko Beatie

+ **I FESTIVAL RVCA DE CURTA-METRAGEM:**

Categorias: Independente, Panorama e Retrospectiva

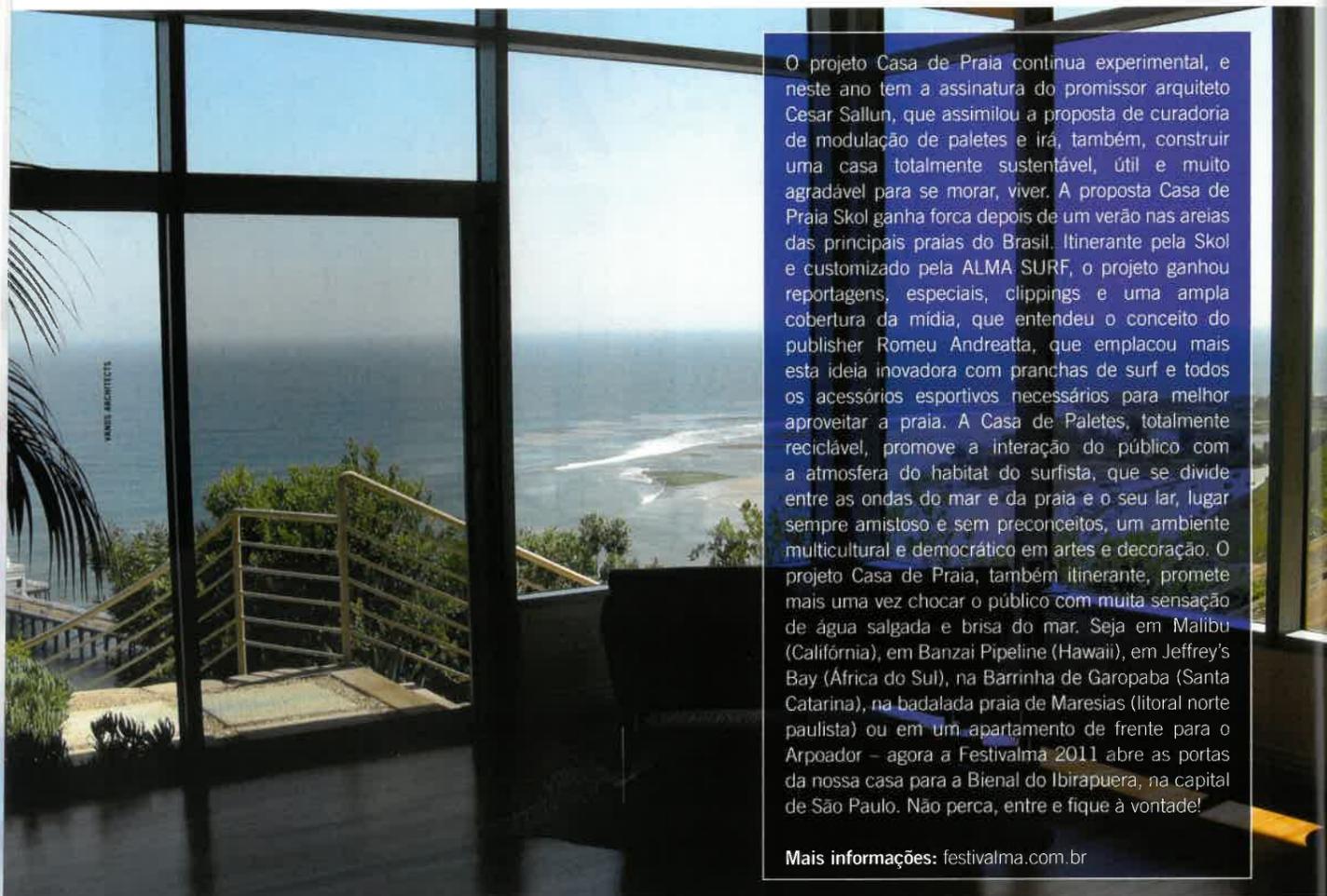
CURADORIA: Mauricio Domingues

CANAL: almasurf.com/curtas@almasurf.com



► CASA DE PRAIA

II CASA DE PRAIA SKOL



O projeto Casa de Praia continua experimental, e neste ano tem a assinatura do promissor arquiteto Cesar Sallun, que assimilou a proposta de curadoria de modulação de paletes e irá, também, construir uma casa totalmente sustentável, útil e muito agradável para se morar, viver. A proposta Casa de Praia Skol ganha força depois de um verão nas areias das principais praias do Brasil. Itinerante pela Skol e customizado pela ALMA SURF, o projeto ganhou reportagens, especiais, clippings e uma ampla cobertura da mídia, que entendeu o conceito do publisher Romeu Andreatta, que emplacou mais esta ideia inovadora com pranchas de surf e todos os acessórios esportivos necessários para melhor aproveitar a praia. A Casa de Paletes, totalmente reciclável, promove a interação do público com a atmosfera do habitat do surfista, que se divide entre as ondas do mar e da praia e o seu lar, lugar sempre amistoso e sem preconceitos, um ambiente multicultural e democrático em artes e decoração. O projeto Casa de Praia, também itinerante, promete mais uma vez chocar o público com muita sensação de água salgada e brisa do mar. Seja em Malibu (Califórnia), em Banzai Pipeline (Hawaii), em Jeffrey's Bay (África do Sul), na Barrinha de Garopaba (Santa Catarina), na badalada praia de Maresias (litoral norte paulista) ou em um apartamento de frente para o Arpoador – agora a Festivalma 2011 abre as portas da nossa casa para a Bienal do Ibirapuera, na capital de São Paulo. Não perca, entre e fique à vontade!

Mais informações: festivalma.com.br

► SERVIÇO

INGRESSO R\$ 20,00 ESTUDANTE R\$ 10,00 ingressos e programação completa
www.FESTIVALMA.com.br

Vá de TAXI ou ÔNIBUS
PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÃO

Siga-nos no twitter: @FestivAlma

APRESENTA:

PATROCÍNIO:

PATROCÍNIO DE MÍDIA:

APOIO:



almasurf



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



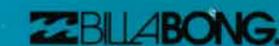
► SALÃO

IV SALÃO INTERNACIONAL DO SURF E DA PRAIA

O IV Salão Internacional do Surf e Praia cria nesta edição uma cumplicidade inquebrável com a estética e o design, binômio que tem catapultado números e demandas que existem no Brasil, de 30 milhões de consumidores, que perfazem um PIB de 9 bilhões de reais por ano, distribuídos pelos 3 milhões de adeptos só no Brasil. O Salão é a proposta de uma nova visão do mercado surf na plataforma de expressão e atuação de estilo, na busca de elevar os padrões. O segmento surf e praia vive a quarta década de construção de mercado que se criou em cima de um grupo de surfistas que acreditou que fosse possível viver de outra maneira na praia. A indústria caminhou assim até os anos 90, só que com o modelo comportamento / esporte / acessórios. O momento atual entra em novo caminho, que exige bom gosto, proposta e um jeito diferente de viver na praia e no surf. O III Salão do Surf põe em evidência a era da criação e o final da horizontalidade. As marcas convidadas formam um grupo holístico que optou pelo forever young como hippies contemporâneos. Com isso, surgem novas expressões e ícones que alimentam e inspiram esse número crescente de pessoas que querem viver como os surfistas, na praia, no mar... O Salão busca evolução com a equação surfista / eventos / merchandising na obsessão por estilo, na legítima apropriação da moda praia. Estética e design, esse é o tema do Salão Internacional do Surf e da Praia de 2011. Inspire-se!

Mais informações: festivalma.com.br

26, 27 e 28 de Maio
Bienal do Ibirapuera
São Paulo, SP



IV Salão Internacional do Surf e Praia
ESTILO E DESIGN





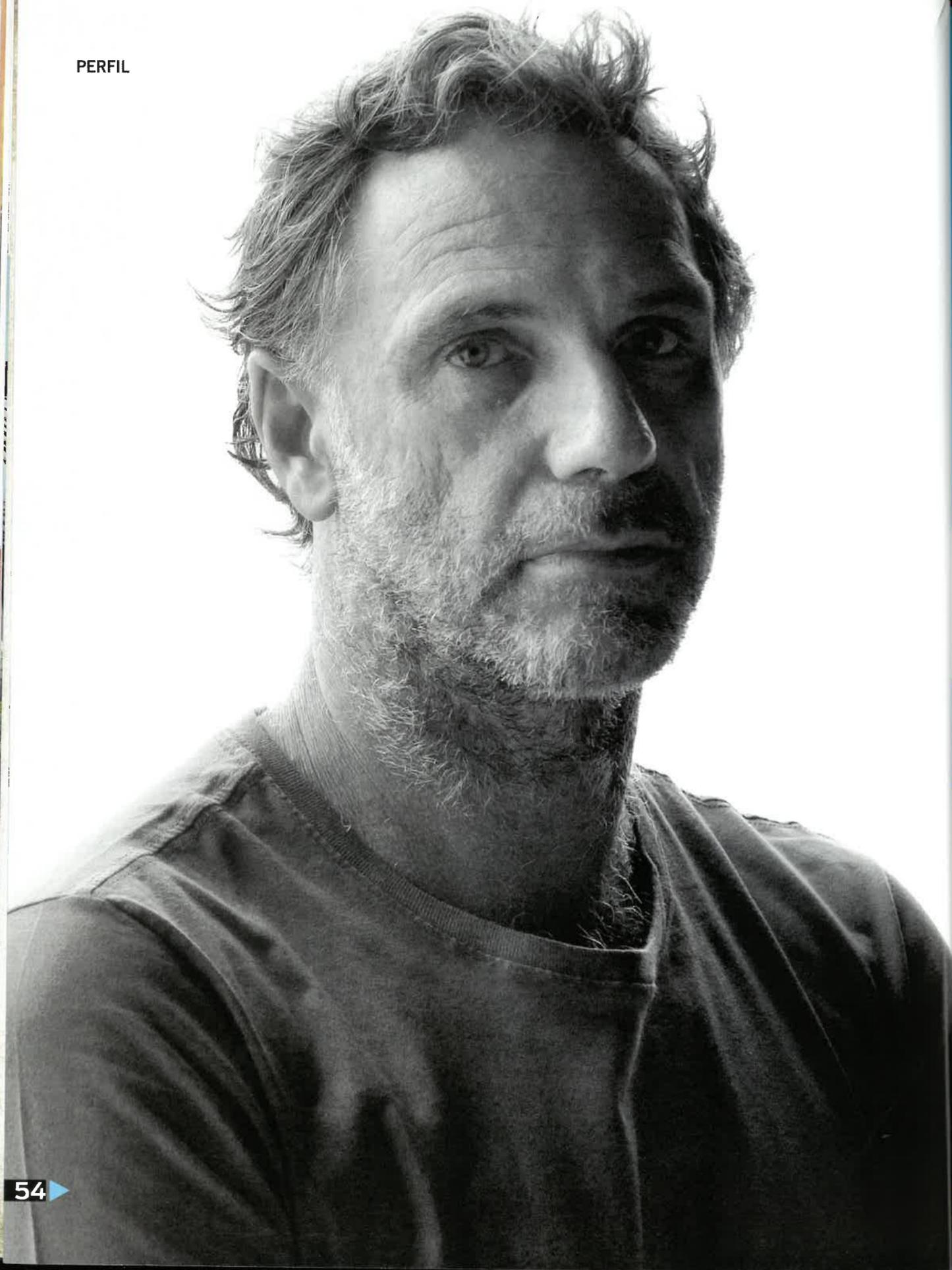
Lightning Bolt.

A PURE SOURCE SINCE 1971
lightningboltbrazil@lightningbolt-usa.com

*Batu
Indonesia*



Click Surf - João Bracourt | Rider: Miguel Ruivo
www.lightningbolt-usa.com | www.lightningbolt.eu.com



OSKAR

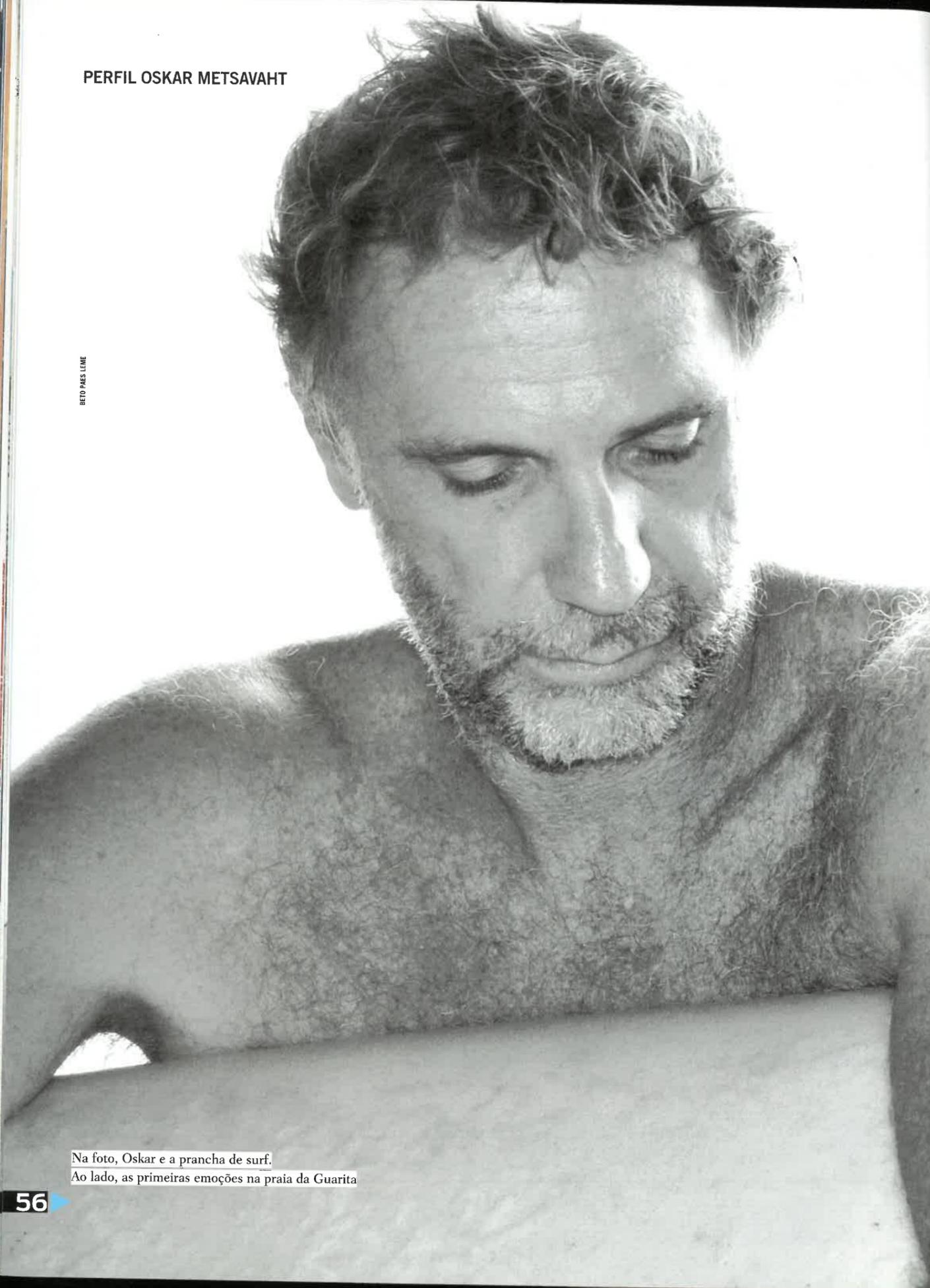
METSAVAHT

texto Rosaldo Cavalcanti*
fotos Beto Paes Leme

Mãe gaúcha. Pai carioca. Este é o DNA de Oskar Metsavaht. Gaúcho, nascido em Caxias do Sul, Oskar é o criador da Osklen, uma das poucas marcas brasileiras a fazer sucesso fora do Patropi. Oskar nasceu em 1961, bem longe da praia. “O gaúcho tem uma relação própria com o mar”, explica Oskar. “O Rio Grande do Sul é um estado onde se vive no interior, mas o gaúcho curte a praia. Um desejo que ele só satisfaz durante o verão.”

PERFIL OSKAR METSAVAHT

BETO PAES LEME



“Sempre admirei o estilo de vida do carioca, a proximidade da vida urbana com o mar. Quando cheguei ao Arpoador fiquei chocado. Apaixonado. Mas eu já esperava. Eu gosto de dizer que a relação do gaúcho com o Rio é a mesma do carioca com a Califórnia. O mesmo sonho. O mesmo glamour. O mundo ideal.”

Na foto, Oskar e a prancha de surf.
Ao lado, as primeiras emoções na praia da Guarita

O pai de Oskar, Renato Metsavaht, foi um dos pioneiros do surf no sul. “Nos anos 60, a gente surfava na Guarita. Junto com os Gerdau e os Seftons”, relembra Oskar. “Muita gente acha que eu não pego onda. Eu só não pego bem, mas sou surfista há mais de 30 anos.” No final da década de 60, Oskar tinha 8 anos de idade, quando seu pai fez uma madeirite com o lendário Coronel Parreira, que fabricava as não menos lendárias pranchas São Conrado. “A madeirite era muito pesada. Era muito difícil surfar com ela.” Oskar conta que começou com uma prancha de isopor: uma planonda. “Eu furava o fundo dela, fazia uma quilhazinha de madeira, e depois forrava o deck com um tecido pra não assar a barriga.” Ele ainda se lembra de suas primeiras deslizadas. “Jamais vou esquecer minhas primeiras ondas na praia da Guarita.” Em 1971 Oskar conseguiu realizar o sonho de ter uma prancha de fibra. Uma Lightning Bolt, que comprou com a ajuda financeira da irmã. “Na lojinha do lendário Fumaça.” Grande parte do território gaúcho fica longe do mar. Os Pampas e a Serra ocupam a maior parte do Rio Grande do Sul. Infelizmente, as praias e as ondas gaúchas não estão entre as melhores do Brasil. O inverno rigoroso torna a relação do gaúcho com a praia algo que tem muito a ver com a perseverança desse povo. Oskar conta que sua vontade de estar perto do mar sempre foi muito grande, e que o Rio de Janeiro era seu sonho de consumo. “Sempre admirei o estilo de vida do carioca, a proximidade da vida urbana com o mar.” Apesar de morar em Caxias do Sul, a centenas de quilômetros da praia mais próxima, Oskar não era o único da sua turma que gostava do mar. “Um de meus amigos de Caxias do Sul é o Cláudio Belini, que hoje é um dos cabeças do projeto Tamar, em Fernando de Noronha. “Oskar e Cláudio andavam de skate em frente da casa dos Metsavaht. “Não sei te explicar por que, mas o gaúcho sempre teve uma consciência ecológica”, filosofa Oskar. “Talvez seja a relação com a caça.” Bastante popular no Rio Grande, a caça é praticada por muitos gaúchos do interior. “Caçando a gente aprende a importância do equilíbrio da natureza”, explica Oskar. Prestes a completar 50 anos de idade, ele diz que só agora está conhecendo o seu corpo. “Tenho mais de 30 anos de surf, mas ainda não consegui surfar as ondas que gostaria”, confessa. Apesar de surfar há muitos anos, ele não se considera um bom surfista. “Minha meta é pegar um tubão na Indonésia.” Oskar romanceia os personagens e idealiza os lugares que admira. Quando chegou ao Rio pela primeira vez, era como se ele já conhecesse a cidade. Não foi por acaso que se sentiu à vontade. Como se estivesse em casa. “Quando cheguei ao Arpoador fiquei chocado. Apaixonado. Mas eu já esperava.”



OSKAR METSAVAHT

OSKAR METSAVAHT



"Gosto do gesto, do movimento do corpo. Seja na dança, na capoeira, nos saltos ornamentais ou, é claro, no surf. Eu surfo as montanhas. E não é pelo fato de eu ser melhor snowboarder que gosto mais da neve. O surf tá no sangue. E o snowboard é surf, puro surf!"

Esta coisa de o Rio ser uma cidade cosmopolita, que tem o mar como um de seus cartões-postais, foi o que sempre inspirou Oskar. "Eu gosto de dizer que a relação do gaúcho com o Rio é a mesma do carioca com a Califórnia. O mesmo sonho. O mesmo glamour. O mundo ideal." Talvez o distanciamento com o qual Oskar via o Rio quando era adolescente tenha criado essa visão romântica, lúdica do estilo de vida do carioca. "Para mim, o Rio é uma mistura de Indonésia com Califórnia." Oskar tem um olhar poético sobre a Cidade Maravilhosa. Mesmo depois de tantos anos morando no Rio, ele continua apaixonado pela cidade que escolheu como sua. "Eu ando nas ruas de Ipanema e continuo seduzido por tudo que vejo." Oskar viaja pelo mundo como um globe-trotter moderno. "Existem cidades melhores do que o Rio, mas nenhuma outra tem este equilíbrio, esta integração entre a natureza e o urbano." Oskar conta que gosta de andar à noite pelas cidades que visita. Mas nada supera a orla da Zona Sul carioca. De preferência a de Ipanema. "As luzes da cidade realçam a mão do homem. São lindos estes prédios em Ipanema. É uma mistura equilibrada da cidade com a praia." Oskar adora ver as luzes vermelhas dos carros em contraste com o

verde das palmeiras e a escuridão do céu. Algo que ele define como, "meu lado voyeur". É o que ele chama de 'surfing the city'. "Surfei Tokyo, Paris, NY e SP, e batizei uma coleção minha com esse nome." Oskar é mesmo apaixonado pelo Rio. "Às vezes fico olhando a faixa de areia e comento com meus filhos, e com a minha mulher, como isto aqui é belo." Ele se sente completo quando está no Rio. "Esta cidade me preenche. Aqui eu não sinto falta de nada." Além do Rio e da praia, Oskar também gosta da montanha. "Eu me sinto em harmonia quando estou na montanha, na neve." Oskar veio de uma família de classe média alta, formada por pais com base acadêmica. "Minha mãe era professora de história da arte e eu sempre a ajudava a preparar as aulas, fotografando as imagens dos livros." O pai era médico e gostava de surf. "Eu frequento hospital desde pequeno." Oskar acabou cursando a faculdade de medicina por falta de opção melhor. "Desde cedo, as artes e os esportes estiveram presentes na minha vida. No fundo, eu sonhava com um estilo de vida que misturasse as duas coisas." Em 1983 Oskar veio morar no Rio para cursar o sexto ano de medicina e fazer uma residência de um ano no Hospital Miguel Couto. E, claro, aproveitou para surfar as

Surfing the Mountains: Oskar surfa o Himalaya. Ao lado, a medicina no Hospital Miguel Couto, RJ

ondas cariocas. "Fiz a faculdade no sul, uma pós na Unicamp, e cheguei à conclusão de que não dava para morar em Campinas. Ter nascido em Caxias do sul não foi minha culpa, mas morar em Campinas seria", diz rindo. Oskar garante que o surf sempre foi seu esporte número 1. "O surf pra mim é uma mistura de esporte, arte e natureza." Ele revela que tudo que faz na Osklen é influenciado pelo seu lado surfista. "Quem tem um entendimento mais profundo do surf, e da cultura que o cerca, vai notar que toda a minha obra tem uma ligação com o universo dos surfistas e com tudo que cerca esse estilo de vida." A arte e o esporte são duas vertentes que se cruzam na vida de Oskar. "Gosto do gesto, do movimento do corpo. Seja na dança, na capoeira, nos saltos ornamentais e, é claro, no surf. Na minha concepção, o surf é mais arte do que esporte." O snowboard é sua outra paixão. Para ele é como uma onda que não acaba. "Eu surfo as montanhas." Uma vez, Oskar esteve com Gerry Lopez, um dos maiores ícones do universo surfístico. "Encontrei com o Lopez no Chiemsee, um lago da Alemanha, numa época em que ele estava apaixonado pelo snowboard." Oskar aproveitou a ocasião para satisfazer sua curiosidade. "Eu perguntei pro Lopez o que ele



mais gostava de fazer: surf ou snowboard? E ele disse que era o snow." Oskar admite que sua performance na neve é bem superior à sua nas ondas. "Não é pelo fato de ser melhor snowboarder que eu gosto mais da neve. Não tem nada a ver. O surf tá no sangue. E o snowboard é surf, puro surf!" Oskar coloca o skate ao lado do surf e do snowboard como seus três esportes favoritos. Entre 1974 e 1976, ele morava no interior do Rio Grande do Sul, e sonhava com o surf, quando fez seus experimentos iniciais com o skate. "Meu primeiro skate foi feito com as rodinhas dos patins da minha irmã e com uma tábua que tinha um outline de prancha de surf." Naquela época, ele morava numa cidade que tinha as suas ruas calçadas por paralelepípedos. "Mesmo assim a gente andava de skate nas calçadas. Sempre imaginando que estávamos surfando uma onda." Durante a adolescência passada em Caxias do Sul, os pôsteres nas paredes do quarto embalavam o sono e o sonho de surfar uma onda que nunca acabava. "Eu tinha os pôsteres da Surfing, do Lopez, Shaun Thomson e Reno Abelira no meu quarto, junto com pôsteres de expedições da revista National Geographic." Iconoclasta? Sua relação com o universo da cultura de praia tem muito a ver com seus ícones. "Sempre desejei ter um estilo de vida coerente com aquilo que eu gostava de fazer." Oskar iniciou sua carreira de designer de moda quando criou um casaco especial para ser usado na neve. "Eu já havia desenhado e feito minhas próprias bermudas de surf quando era adolescente, mas acabei entrando no negócio de moda através do montanhismo." Oskar se define como um esteta com um faro apurado, que está sempre antenado nas novas tendências. "Eu tenho um olhar estético." Em 1983 Oskar saiu do sul sozinho, dirigindo seu próprio carro pela BR. Trouxe poucas coisas: algumas roupas e, claro, sua prancha de surf. Seu batismo como carioca foi uma dura na fronteira entre os estados do Rio e São Paulo. "Falei pra mim mesmo: bem-vindo ao Rio!" Sua primeira moradia na capital carioca foi no Hospital Miguel Couto, que fica no bairro da Gávea, a cerca de 5 minutos da praia do Leblon. "Minha prancha vivia em cima do rack do meu carro." Oskar dormia no quarto andar do Miguel Couto. "Eu tinha uma boa noção de medicina e era dedicado." O jovem médico gaúcho acordava cedo, visitava os pacientes e só depois ia surfar. Oskar revela que no começo foi difícil conquistar a confiança dos demais médicos. "Tive que provar que era capaz e responsável o suficiente para ser médico, apesar de ser surfista!" Ele garante que foi graças à sua boa formação que foi ganhando respeito do resto da equipe do Miguel Couto. "Eu fazia minha parte bem-feita, gostava de medicina." Poucos médicos surfavam naquela época. Aqueles que se aventuravam sofriam com o preconceito. "Afim de contas, existia aquela máxima: todo surfista é doidão e vagabundo." Oskar ri, hoje em dia. Ele lembra que para ir à praia pegava um elevador que passava pela emergência. "Uma vez eu estava descendo com a minha prancha quando entrou o chefe da minha divisão."

"Escalar o Aconcágua foi o primeiro grande desafio. Foi quando surgiu a essência, o conceito da Osklen. Aquela viagem mudou a minha vida, voltei com uma nova cabeça. Aprendi a importância de registrar as aventuras e a força das imagens. Se eu tenho alguma genialidade, é o meu olhar. É tudo fruto de um processo."



O elevador estava lotado. Tinha maca, soro, e os médicos, todos de branco, olhavam pra Oskar de um jeito meio estranho. Foi quando o chefe falou: "Aí, gaúcho, passei pela praia e acho que tem onda boa. Você já viu os pacientes? Então vai lá que hoje o mar está pra surfista". Pra quem pretendia passar apenas um ano no Rio, Oskar acabou ficando bem mais tempo. "Fiz o estágio em 84 e me formei no final desse mesmo ano. Mas ainda não conhecia ninguém no Rio." Em fevereiro de 86, ele estava residindo no Rio, no condomínio Barramares. "Mas o Leonardo, meu irmão, ainda morava no Sul." Oskar sempre gostou de surfar no Arpoador, mas o pessoal local enchia o saco dele. Demorou um pouco até ele ser aceito pela comunidade carioca. "Quando isso aconteceu foi como um alívio. Senti-me incluído." Desabafa. "Os cariocas me zoavam muito. Faz parte do espírito deles." Oskar aprendeu que, no Rio, o gaúcho tem que aprender a ficar mais esperto. A se posicionar. Senão vira pele. "Eu avisei isso pro meu irmão assim que ele chegou ao Rio." Em 1986, Oskar e alguns amigos organizaram uma expedição para escalar o pico do Aconcágua. Conhecido como 'Sentinela de Pedra', o Aconcágua fica localizado na divisa dos Andes argentinos com os chilenos, a cerca de 110 quilômetros da cidade de Mendoza. O pico tem 6.962 metros de altitude, e é o ponto mais alto das Américas, de todo o hemisfério Sul, e o mais alto fora da Ásia. Escalar o Aconcágua foi o primeiro grande desafio de Oskar numa montanha. Ele aponta esse momento como um marco na história da Osklen. "Foi quando surgiu a essência, o conceito da Osklen." Não foi por acaso que a primeira peça produzida por Oskar foi um casaco de neve. Naquela época, o montanhismo ainda engatinhava no Brasil. E a expedição ao Aconcágua foi uma das primeiras jogadas de marketing de Oskar, que desde então vem registrando, em fotos e em filmes, suas aventuras. "A gente foi de jipe Toyota; descemos pelo sul do Brasil e chegamos até a Argentina e o Chile." O Globo Repórter acompanhou a expedição ao Aconcágua.

A equipe tinha um carro todo decorado com adesivos dos patrocinadores e equipamentos profissionais. Depois de 52 dias de viagem, 31 deles passados na montanha, Oskar estava de volta ao Rio. "Aquela viagem mudou a minha vida", garante, ele. "Hoje em dia esse conceito de aventura e montanhismo é conhecido, mas naquela época era algo novo." Oskar conta que, na década de 80, quase nenhuma marca de roupa investia no montanhismo. Como ele precisava entender melhor as necessidades dos montanhistas, decidiu procurar uma escola suíça de alta montanha. "Eu aprendi que o montanhista precisava se proteger do frio, mas ao mesmo tempo tinha que transpirar através de uma camada isotérmica. "Para desenvolver o protótipo do seu primeiro casaco de neve, Oskar contou com a ajuda do seu irmão Leonardo, que também é médico. "E não é que o casaco, feito por costureiras do Rio, funcionou perfeitamente no frio do Aconcágua?" Muita gente não entende como a Osklen faz tanto sucesso sem que seu criador tenha uma formação acadêmica de design em moda. "Todo mundo me pergunta como posso ser designer de moda sem nunca ter estudado. Mas elas esquecem, ou então não sabem, que sou médico. E quem entende mais do corpo humano, e dos seus movimentos, do que um médico?", argumenta Oskar. O fato é que o casaco usado no Aconcágua marcou o debut de Oskar como designer de moda. "Eu voltei da viagem com uma nova cabeça. Entre outras coisas, aprendi a importância de registrar as aventuras e a força das imagens." Os médicos têm que ter um olhar apurado. "Se eu tenho alguma genialidade, é o meu olhar. Minha leitura dinâmica das coisas. É quando uso toda a cultura e informação a que tenho acesso." Sem muita técnica, Oskar admite que seus desenhos são muito ruins. "Mas sempre consigo me comunicar." Suas coleções são baseadas em experiências reais ou criações aleatórias. "Gosto muito de imaginar, sou um contador de histórias." As pessoas que trabalham com ele já conhecem a sua linguagem. "É tudo fruto de um processo."

Oskar Metsavaht busca em viagens pelo mundo as referências para suas criações. Aqui, momentos no Himalaya

PERFIL OSKAR METSAVAHT

“Quando falo de uma cor, de uma forma, minha equipe entende. Estamos juntos há vários anos.” Estar bem informado sobre diferentes assuntos é parte da sua rotina. “Leio jornais, livros e revistas de várias partes do mundo. Faço uma leitura dinâmica das coisas. Dos fatos.” Para ele, inovar é um padrão. “Sou eclético. Não gosto de ter pré-conceitos. Sou um típico leonino.” Oskar sente orgulho ao dizer que suas coleções são recheadas de peças que ele gosta de usar. “Meus primeiros casacos foram isto. Eles tinham que resistir ao frio e, ao mesmo tempo, exibir uma estética bonita.” Antes de fazer seu primeiro casaco, Oskar não tinha nenhuma noção de alfaiataria. “As pessoas não têm ideia do processo que está por trás da confecção de uma peça. É quase como montar um carro. São muitos detalhes. Meu casaco, por exemplo, tinha mais de 70 peças.” Oskar se baseou nos seus conhecimentos científicos, como a biofísica, na hora de conceber seu primeiro casaco de neve. Ele queria ter um padrão internacional. No ano seguinte ao da expedição ao Aconcágua, ele foi para a França, escalar o Mont Blanc, a montanha mais alta da Europa, que atinge 4.810 metros de altura e é a 11ª no ranking das mais altas da face da Terra. O montanhista Bruno Menescal foi quem levou Oskar para o Mont Blanc. Os dois tornaram-se os primeiros brasileiros a alcançar, em Chamonix, o topo da Europa. Segundo Oskar, “esta cidade, cravada nos Alpes franceses, para os alpinistas, é o equivalente ao North Shore para os surfistas”. No Mont Blanc, ele usou novamente o casaco com o qual tinha escalado o Aconcágua. Segundo Oskar: “Os escaladores franceses elogiaram a qualidade do tecido e a técnica sob o design”. De acordo com Oskar, os gringos se mostraram surpresos com o casaco feito pelos brasileiros, e isso o deixou orgulhoso. “Afinal, era ‘made in Brazil’”, explica. Oskar ficou um tempo estudando na

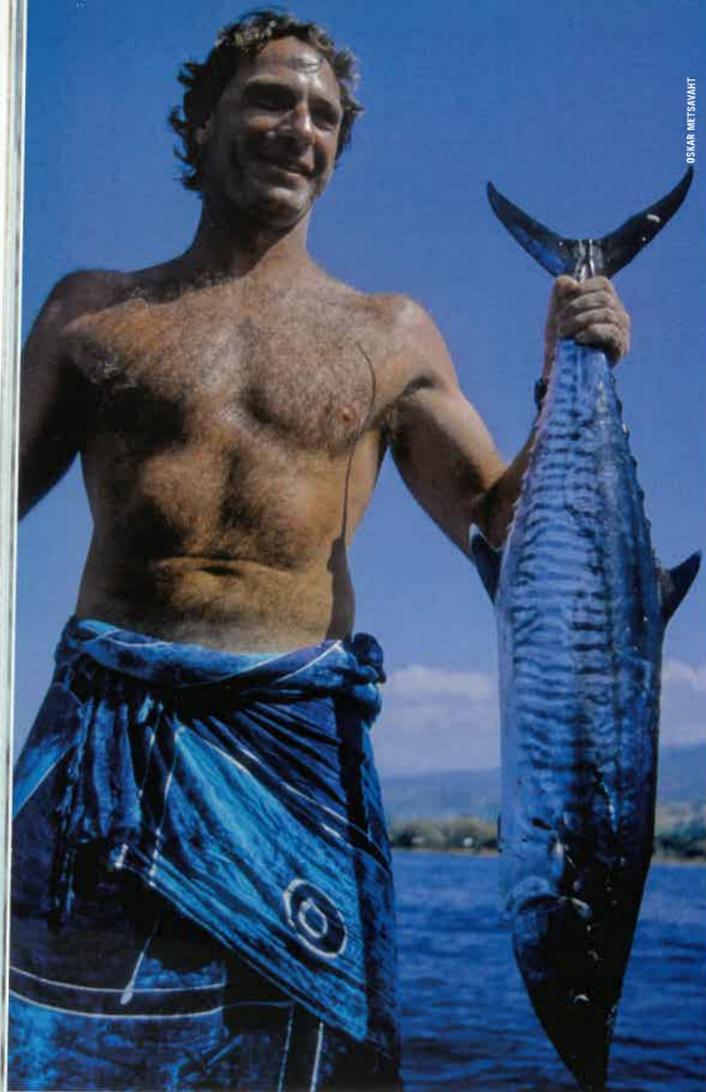
França, e em Paris começou a ver que estava conectado com um movimento moderno, ligado aos esportes praticados na natureza. O que os gringos chamam de ‘outdoor sports’. Entre eles estavam o surf, o skate, o snowboard e o alpinismo. Tudo que ele gostava. Naquela época, Oskar namorava uma carioca, chamada Milene, que trabalhava na Yes Brazil, uma das boutiques mais cariocas de todos os tempos. Oskar não nega a importância de Milene nesse seu início como designer de roupas tecnoesportivas para o segmento outdoor/aventura. No começo, Oskar também vendia óculos de uma marca feita por um amigo para fazer uma graninha extra. “Eu me lembro de a gente, eu e a Milene, vendendo os óculos. Quando pintou o casaco, eu me toquei que a gente precisava criar uma marca.” O primeiro nome que Oskar escolheu para batizar a sua marca foi Trekker. “Mas eu não sabia que precisava fazer um registro no INPI.” O erro de Oskar foi começar a trabalhar com uma marca que não tinha registro legal. Meses depois, quando ele e Milene foram registrar o nome Trekker, já era tarde demais. “Nós descobrimos que uns conhecidos nossos, que trabalhavam na Redley, haviam registrado a marca para a Redley.” Até hoje Oskar agradece à Redley por ter registrado a marca Trekker. “Tive que criar outra, e assim nasceu a Osklen.” Mas a história com a Redley não se encerrou por aí. No começo, todo mundo achava a Osklen parecida demais com a Redley. Seria uma cópia? “Na verdade, foi a Redley que desde o início nos copiou. O registro da Trekker é a prova disto”, garante Oskar. De volta ao Rio, depois de escalar o Mont Blanc, Oskar trabalhou como médico da Universidade do Rio de Janeiro e na academia Fisilabor, enquanto fazia seus casaquinhos. “Sempre quis viver de acordo com o estilo de vida que eu gostava.” Oskar vivia com um pé na razão, a medicina, e outro na emoção, que sentia com

Nas fotos de Beto Paes Leme, cenas da vida de Oskar Metsavaht: a sala de criação e a vista da janela, para o Arpoador



os esportes que praticava. “Quando decidi criar a logomarca da Osklen, eu queria algo que expressasse movimento e que fosse bem simples, sintético.” Quando viu os primeiros estudos do logotipo, Oskar pediu pra fazer umas mudanças. “Querida algo minimalista, mas esportivo.” No dia seguinte, quando viu os layouts feitos pelo designer que ele contratou, aprovou na hora. Muita gente considera que o logotipo da Osklen lembra o da Redley. Oskar concorda. “O Fernando, designer gráfico que o criou, havia criado o da Redley. O tipo de letra que ele usou era a helvética clássica, em itálico e com outline, muito utilizado na época. Mas as cores – branco, grafite e vermelho – eram as que eu havia sugerido, bem frias, minimalistas, diferente do amarelo e vermelho, quentes, da Redley.” Segundo Oskar, além de ele ser injustamente acusado de copiar o logotipo da Redley, muita gente acreditava que a ideia do nome Osklen era confundir a marca com outra: a Oakley. “Como os óculos da Oakley estavam fazendo sucesso no mercado, e era uma marca jovem e inovadora, muita gente me acusou de estar me aproveitando da similaridade dos nomes Osklen e Oakley. Nunca houve nada disso.” Oskar afirma que jamais copiou nenhuma marca. “Nunca tive esta intenção. O nome Osklen é uma mistura de nomes. O meu, o do meu irmão Leonardo e o da Milene.” O fato é que a Osklen acabou se beneficiando dessa confusão toda. “Eu estava sendo legítimo, apesar das más línguas. Mas sabia exatamente o que era o meu estilo e o que eu queria criar com a Osklen. Sabia que essas fofocas iriam passar quando todos entendessem qual era a minha proposta de marca, bem diferente de Redley ou de Oakley.” A Osklen é uma marca que está baseada no nome e na

personalidade, no estilo de vida de seu criador. “Sempre acreditei no meu trabalho e fiz tudo com muita paixão.” O fato é que Oskar nunca teve formação de marketing, nem de designer. Mas é visto como um excelente marqueteiro e um estilista de sucesso. Porém, nem tudo foram flores. Oskar ainda reclama da desconfiança com que sempre foi visto. “Sofri com o preconceito. Como, por exemplo, em relação ao surf.” Para Oskar, a Osklen não é, e nunca foi, uma marca de surf. “É uma marca de lifestyle, na qual o surf está junto com a moda, com a arte, com outros esportes e com a sustentabilidade.” Oskar já foi acusado de não patrocinar surfistas profissionais e campeonatos de surf. Ele se defende: “Em primeiro lugar, surf, para mim, é dentro d’água! não é competição, nem salário no bolso”. Oskar argumenta que vê o surf como uma atividade mais lúdica do que performática: “Acho o free surf mais cool mesmo! Tem mais a ver com a arte e a cultura que envolve o surf do que as competições”. Oskar diz que prefere apoiar um evento que resgate e preserve a cultura do surf do que um campeonato. “Prefiro pagar uma viagem de um surfista, que pegue bem e não seja pro, do que um salário para um profissional!” Segundo ele, “nada contra as outras marcas que fazem isso. Cada uma tem a sua filosofia. Sempre apoiie e patrocine ações a que muita gente não deu atenção, ou fez de conta que não viu”, esclarece. O fato é que a Osklen foi a primeira e por muitos anos a única marca a patrocinar a Surfrider Foundation. “No início da Surfrider no Brasil, várias marcas patrocinaram, mas em menos de um ano saíram fora, porque não dava retorno de mídia, etc. A Osklen patrocinou a Surfrider por pelo menos uns seis anos. Pagando viagens de técnicos e biólogos para conferências no Japão, Austrália, Califórnia...”



OSKAR METSAVAHRT

“Mas eu não alardeava isto, era low-profile mesmo.” A Osklen patrocinou durante alguns anos o longboarder Phill Rajzman, e Oskar se considera em parte responsável pelo título mundial que Phil conquistou. “Fizemos o primeiro campeão mundial de surf brasileiro até hoje. Investimos nas suas primeiras viagens para disputar o Circuito Mundial, mesmo sem ter budget para isso.” Oskar explica que gasta parte da sua verba de marketing com os desfiles, anúncios em revistas de moda, apoio a vários esportes (vela, windsurf, kite, snowboard, skate, golfe, vôlei de praia e montanhismo, entre outros), com artistas plásticos, dança contemporânea, teatro, etc. “Sem falar nos projetos socioambientais que fomentamos desde os anos 90 e que hoje se transformaram no Instituto-e”, explica. Além de ter sido durante anos uma das principais patrocinadoras do Festivalma, atualmente a Osklen está envolvida com um Programa de Recuperação da Costa Brasileira. “Estamos melhorando as condições das praias. Eu acredito que este tipo de projeto é que faz a diferença.” Passional quando o assunto envolve aquilo de que gosta, Oskar se envolve profundamente na concepção de suas coleções. “Elas sempre deram certo por que são legítimas. Frutos da minha paixão pelo que faço.” Quando está criando, Oskar passa por um processo autofágico. Ele ingere, digere e depois ‘cospe’ as informações que capta com sua antena parabólica. Rio, Milão, Tóquio, Nova York... Hoje em dia, a Osklen tem lojas no mundo inteiro. E Oskar viaja pelo planeta cumprindo compromissos profissionais, inaugurando

e visitando novas lojas. “No começo, eu não tinha dinheiro pra nada. A Osklen sempre pareceu maior do que foi. E ainda é assim. Muito surfista acha que sou do tamanho de uma Quiksilver, Billabong... E vem me pedir patrocínio. Por outro lado, as revistas de surf me cobram anúncios. Eles não entendem que a Osklen é uma empresa dez vezes menor do que as grandes marcas do surf, que podem concentrar seus esforços de verba e atenção no segmento.” Oskar diz que gostaria de investir mais no surf. “Ainda vou chegar lá.” Ele pretende produzir filmes e eventos culturais, “que expressem nossa cultura de praia, nosso Brazilian soul”, explica. “Acredito que o Brasil esteja num momento especial, em que nós, brasileiros, podemos expressar nosso estilo de vida, nossa sensualidade feminina. Essa mistura de urbano e praia, que só nós temos.” Aquilo que Oskar gosta de chamar de “cool and Brazilian”. Apesar de ser casado com uma mulher de sobrenome fidalgo, Oskar garante que isso não foi um facilitador. “Ao contrário do que muita gente pensa, a família da minha mulher nunca investiu um centavo na Osklen.” Oskar diz que esses comentários o incomodavam. “Construímos tudo sozinhos. Só eu e ela. Quase falimos.” Mesmo com pouco dinheiro, Oskar conseguiu transformar uma marca pequena em algo de destaque internacional. Ninguém pode negar o sucesso da Osklen, nem o talento de Oskar como homem de marketing. Ambos são indiscutíveis. A primeira loja da Osklen foi aberta em 89, em Búzios, na garagem de uma casa na Rua das Pedras. “Quando abri minha primeira loja em Búzios, eu sabia que ali estava o ‘core’ do meu público.” A vitrine da lojinha da Rua das Pedras foi decorada com o primeiro casaco e algumas fotos da expedição ao Aconcágua. “Abri a lojinha de Búzios com US\$ 7.000 que eu tinha guardado.” Atualmente, a Osklen tem lojas espalhadas pelo mundo. Só no Brasil são 64. No mundo todo são nove. Até hoje é o próprio Oskar que desenvolve a decoração de suas lojas. “Tenho uma capacidade de abstrair e imaginar como as coisas podem ficar.” Mesmo sem nunca ter se formado em arquitetura, é Oskar quem projeta suas lojas. As de Tóquio e NY foram concebidas por ele, que acredita que o surf lhe deu uma visão aguçada das linhas. “Nós, surfistas, somos estetas por natureza”, justifica. Oskar já declarou que o design de roupas não é o que mais o atrai na moda. “Pra mim, moda não é apenas desenhar roupas. É criar o conceito de uma coleção, os seus símbolos, seus ícones, o mood do desfile, dos filmes, da campanha. Por isso, além de fazer o estilo, assino a direção de arte na Osklen. É o meu grande prazer”, revela. Oskar diz que gosta de criar não somente uma peça, mas uma coleção inteira. E que vem desenvolvendo um estilo bem brasileiro, “mas sem os estereótipos do Brasil e do surfwear”. Ele explica que essa sua percepção nasceu há uns dois anos atrás, “quando notei que em cada lugar a que vou no Brasil, nas festas, nas praias, nas ruas, nas lojas, vejo o estilo Osklen. Não só nas pessoas que usam minhas bermudas, meus tênis, minhas T-shirts, meus vestidos, minhas bolsas... Mas também em outras marcas, que acabaram se inspirando em minhas coleções, em meus designs, em minhas campanhas. De uma certa forma, copiando o meu estilo. E não a minha marca. Isso os camelôs já fazem há muitos anos!”, completa. Sua atração pela arte tem a ver com a necessidade que sente em se expressar através de mídias diferentes. “Gosto de fotografia. Sou um contador de histórias que usa ferramentas e uma linguagem própria para passar uma mensagem.” Oskar garante que a venda nunca foi seu objetivo final. “Minha maior motivação sempre foi poder mostrar o meu trabalho.” O prestígio internacional da Osklen deu a Oskar a oportunidade de circular no jet set mundial e conhecer celebridades do mundo do entretenimento. Um dia, Oskar levou o Sting – ex-líder do Police – para um passeio pelas ilhas Cagarras,

Oskar no Tahiti: Oceans

“Só comecei a fabricar bermudas de surf depois que fiz uma surf trip pro Tahiti. Foi uma experiência de aventura e desenvolvimento tecnológico. Olhar aquelas ondas quebrando em Teahupoo foi algo marcante. Quis dar um ar mais chique ao surf, e criar uma linguagem própria na passarela.”



OSKAR METSAVAHRT

aquelas que ficam em frente à praia de Ipanema. “Conversamos sobre arte, ecologia e estilo de vida. Daí eu disse pra ele que não sabia me definir como profissional. E o Sting virou pra mim e disse: Oskar, você é um artista.” Em 88 Oskar produziu e vendeu seus primeiros casacos. Em 89 criou a marca Osklen. Mas só agora está se conhecendo, se descobrindo na sua profissão. “Os últimos 20 anos foram apenas um processo de amadurecimento. Sinto que o melhor ainda está por vir”, acredita. Se os primeiros dez anos de Osklen foram inspirados pelo estilo de vida de Oskar, os dez anos seguintes ele dedicou a sua tese de moda. Ele se orgulha de testar seus produtos. “Quando abri minha primeira loja, eu quis ter algo além dos casacos. Daí fiz umas camisetas. Eu queria uma marca que refletisse meu estilo de vida.” Segundo ele, só agora está aprendendo a fazer bermuda de surf. “Só comecei a fabricá-las depois que fiz uma surf trip pro Tahiti.” Em 96, no Tahiti, Oskar fez sua “primeira pesquisa de essência inspiradora num ambiente surf”. O Tahiti é um destino de surf que mistura cultura europeia, ondas boas e raízes polinésias. Para Oskar, a viagem ao Tahiti, a exemplo daquela para o Aconcágua, influenciou profundamente seus conceitos: “Foi uma experiência de aventura, junto com um desenvolvimento tecnológico inovador”. Se no Aconcágua ele testou e aprovou o tecido e as camadas isotérmicas usadas no seu primeiro casaco de neve, no Tahiti teve a ideia de desenvolver um tecido de secagem rápida, que batizou de Aqualight. “Documentamos toda a viagem em vídeo e em fotos”, lembra. O fato é que a coleção seguinte da Osklen ficou marcada pelos traços e influências polinésias. “Olhar aquelas ondas quebrando em Teahupoo foi algo marcante.” De volta ao Brasil, Oskar fez um desfile na semana BarraShopping inspirado

por tudo que viu no Tahiti. “Quis dar um ar mais chique ao surf, e criar uma linguagem própria na passarela.” A viagem ao Tahiti foi um ponto de virada na marca Osklen. “Ela se transformou num episódio do programa Surf Adventures”, lembra Oskar. Sempre ligado nos esportes de prancha, Oskar diz que todos os seus projetos de criação são orgânicos. “Eu vou a campo e experimento antes de tentar traduzir pras pessoas.” Se está falando de oceano, ele gosta de se inspirar no mar, no surf e no mergulho. “O mesmo vale para a montanha. Gosto de escalá-las e depois descê-las, surfando as suas paredes nevadas.” Oskar sempre identificou a Oxbow, a Chiemsee, a Quiksilver e a Patagônia como marcas conceituais, com um marketing baseado no estilo de vida dos seus consumidores. “A Patagônia é uma benchmark para mim. Junto com a Quiksilver europeia, a Oxbow e a Chiemsee.” Ele não nega que essas marcas o inspiraram. “Elas revolucionaram os esportes de ação. E valorizaram o estilo de vida alternativo de seus praticantes. Para Oskar, “o surf, o snowboard e o windsurf cresceram graças ao marketing das marcas europeias.” Em sua opinião, foi a ênfase no estilo de vida, e uma visão artística apurada, que levou estes esportes a um patamar mais alto em termos de público e número de praticantes. “Eles saíram do gueto e passaram a ser admirados por setores do mainstream”, esclarece. Para Oskar, estilo é o que realmente importa, não necessariamente a performance. “Na década de 80, o surf não era nada na França”, explica. “Na década de 90, as marcas europeias cresceram impulsionadas por um novo olhar sobre o estilo de vida dos surfistas.” Para Oskar, “enquanto as marcas americanas e australianas focavam os campeonatos, as europeias investiam na arte e valorizavam a cultura do surf havaiano”.

PERFIL OSKAR METSAVAHT

BETO PAES LEME



Romeu Andreatta, Oskar Metsavaht e Rosaldo Cavalcanti, nesta entrevista.
No desfile, Oskar na SPFW

Para ele, as marcas europeias resgataram os valores polinésios. "Foi quando esse mercado cresceu, impulsionado pelo comportamento e pelo estilo de vida de uma juventude globalizada." Oskar acredita que a Oxbow e a Chiemsee foram as primeiras marcas a misturar esses conceitos, "a explorar esse nicho, que está muito além do mercado de surf". Um universo que inclui os demais esportes de prancha e o estilo de vida que os envolve. Oskar explica que sua educação cultural não foi forjada nem na Califórnia nem no Hawaii. "A Osklen nasceu olhando pra neve com uma estética europeia, mas inspirada no surf. Para mim, a Osklen é uma combinação dos esportes de prancha com uma estética cultural europeia e o 'Brazilian soul'." No Brasil, quem faz snowboard, ou pratica montanhismo, tem dinheiro para consumir. Oskar mirou um público abastado. Uma elite. "Minhas primeiras peças eram térmicas, feitas para suportar os rigores da neve." Sem maquinário, nem know-how para fazer bermuda de surf, ele procurou diversificar para aumentar as suas vendas. "Fiz muito calção inspirado no vôlei de praia." O mountain bike foi outro esporte que ele decidiu colocar no seu foco desde o início da década de 90. "Ninguém fabricava produtos para esses esportes. Acho que fui o primeiro no Brasil!" Durante suas viagens pelo mundo, Oskar costuma fazer muita pesquisa de estilo, de conceito, de essência, de matéria-prima. "Pra mim, as coisas têm que ter significado." O Mesmo conceito vale para as peças que cria: "Elas não podem ser apenas bonitas e bem-feitas. Tem que ter um conceito por trás delas". Seu estilo de vida lhe permite estar, no mesmo ano, em desfiles de moda em Paris, praticando snowboard no Alasca, numa expedição na Amazônia, surfando na Indonésia ou num Baile de Gala em NY. "Mas gosto mesmo é de assistir ao pôr do sol em Ipanema." Segundo Oskar, no início da década de 90 as bermudas de surf eram quase monocromáticas. "A Osklen e a Oxbow foram as primeiras marcas a usar desenhos polinésios, como era nos anos 70." Hoje em dia, a Osklen está mais fashion do que nunca. Com lojas em cidades como Milão, Tóquio e Nova York,

os grandes templos da moda contemporânea. Apesar de ter um nome esquisito, que parece estrangeiro, e de ter se inspirado em marcas internacionais, Oskar garante que a Osklen sempre teve seu DNA brasileiro. "Somos originais. 'Cool and Brazilian.' Esse é nosso diferencial." Oskar critica o fato de muita gente achar que tudo que vem de fora é melhor. "Já vi o Valentino, talvez o grande ícone da moda italiana, e o Marc Jacobs, usando meus tênis." Para ele, ter dado um caráter de moda a uma bermuda de surf foi sua grande contribuição como designer para o surf brasileiro. "Consegui mostrar a um público que só achava cool o que era a moda da noite e as festas chiques que nosso estilo de vida surf também poderia ser codificado como design apurado de moda." Oskar explica que o 'Brazilian soul' representa o orgulho de ser brasileiro. "Essa mistura da simplicidade da praia com o sofisticado urbano", esclarece. Desde sempre, Oskar observa o movimento das marcas internacionais de olho num diferencial para os produtos brasileiros. "Somos uma mistura da Califórnia com a Europa, com nítidas influências africanas." Para Oskar, "esse é o DNA do 'Brazilian soul'. Nossa ginga é uma mistura do índio com o africano, com o europeu", arremata. A Osklen passou a investir numa linha de surf em 96, quando a marca ainda era vista como uma roupa de montanha. "Quando comecei a fazer roupas de surf foi uma ciúmeira só, principalmente aqui no Rio", relembra Oskar. "Além de que os demais esportes, como o montanhismo e o mountain bike, se sentiram um pouco rejeitados." No final da década de 90, a Osklen estava se estabelecendo como uma marca que exaltava o estilo de vida carioca, a praia e a montanha. Apesar de ser inspirada e concebida no Rio, "os paulistas entenderam e receberam a Osklen de braços abertos. Eles perceberam que eu estava 'escrevendo' o estilo carioca com uma linguagem de moda internacional", justifica. Segundo Oskar, na virada do século, marcas como Prada, Chanel e Gucci começaram a ficar mais

descoladas. A enxergar um futuro no estilo de vida. E emprestaram mais glamour à moda de praia. "Em 98, eu estava em Los Angeles, na Melrose, quando entrei numa loja que faz roupa pra artista, pra rock star. Dei de cara com umas roupas meio esquisitas. Eu podia ter olhado e pensado, como qualquer preconceituoso, que aquilo era roupa de gay. Mas resolvi experimentar." Oskar vestiu uma blusa justa, e se olhou no espelho. "Dai, eu falei pra mim mesmo: agora vou deixar de ser careta e vou à festa vestido assim!" E acabou fazendo uma coleção inspirada neste lado mais fashion. "Eu incorporei estéticas diferentes sem esquecer que era surfista." Em 99, nas vésperas de um novo milênio, mas ainda sem muita grana, Oskar fez um desfile com a trilha sonora dos Rolling Stones e roupas que misturavam a essência do surf e do rock'n'roll. "Foi algo que marcou uma virada em direção a um estilo mais fashion e, ao mesmo tempo, hippie chique", explica. O sucesso internacional da Osklen está calcado na qualidade das suas coleções e no relacionamento pessoal de Oskar. "O Robert Forest foi o primeiro europeu, profissional de moda, que enxergou o que estava rolando com a moda brasileira. Ele assistiu a um desfile meu e depois foi ao backstage pra me conhecer e fazer algumas perguntas sobre as minhas peças." Robert Forest gostou do estilo diferente da Osklen. "Ele disse que eu tinha elementos de estilo muito fortes em termos de moda, que na Europa iriam fazer muito sucesso", conta Oskar, que já criticou as editoras de moda porque, segundo ele, "a maioria delas olha para a moda de praia como algo menor". Mas Oskar vem tentando levar esse estilo de vida para as passarelas com uma linguagem, uma estética de moda, um look que traduza seus conceitos. "Minhas coleções continuam a ter o mesmo DNA. Hoje em dia elas são apenas mais caras e mais fashion." Segundo ele,

um risco consciente. "Quando me descolei do resto, usei criar um diferencial." Oskar separa o mercado entre as marcas de luxo (Chanel, Prada, Gucci, etc.), as 'designer brands' de vanguarda (Yoji Yamamoto, Raf Simons, Martin Margiella, etc.) e as marcas de 'outdoor sports' (Quiksilver, Billabong, North Face, Patagônia, etc.). Sua intenção sempre foi mostrar para outros segmentos do mercado que a Osklen tem um estilo próprio que é, na realidade, um misto desses três segmentos: "Uma marca de lifestyle outdoor, com design de moda de vanguarda e a qualidade premium das marcas de luxo", explica. Oskar sempre acredita que a Osklen pode continuar crescendo. "Conheço meu segmento." Às vezes ele causa polêmica. Durante um de seus desfiles, a modelo Raquel Zimmermann entrou na passarela com um colar de quilhas. "Eu adoro colecionar quilhas, e as suas formas sempre estão presentes em minhas coleções, de uma forma discreta ou, às vezes, óbvia", explica. "Mas quem tem preconceito não entende e diz: lá vem o Oskar colocando uma modelo fantasiada de surf." Ele justifica algumas de suas esquisitices: "Escrevo na língua da moda, mas com a alma de surfista. Muita gente não entende. Nem os fashionistas nem os surfistas!". Os surfistas formam uma tribo conservadora. A ponto de usar calções compridos em vez de sungas ou algum outro tipo de vestimenta mais sensual. "Dizem que o short curtinho é coisa de gay. Mas estou investindo neles há mais de três anos. É só pesquisar os primórdios do surf para descobrir que antigamente as bermudas eram curtas, mas bem masculinas." Para Oskar, as tendências estão sempre mudando, e é preciso estar atento a esses movimentos. "Os calções curtos vão voltar", aposta.

"Em 98, eu estava em Los Angeles, na Melrose, quando entrei numa loja pra rock star. Dei de cara com roupas meio esquisitas. Eu podia ter olhado e pensado, como qualquer preconceituoso, que aquilo era de gay. Mas resolvi experimentar. Daí, eu falei pra mim mesmo: agora vou deixar de ser careta. Incorporei estéticas diferentes sem esquecer que era surfista."



PERFIL OSKAR METSAVAHT



FOTO PALES LEME

A Osklen é hoje uma marca carioca que virou referência de moda no mundo inteiro. "Nós conquistamos os gringos", festeja Oskar. "Os caras da moda internacional olham pra Osklen, e eu estou no cardápio das grandes marcas, dos grandes designers de moda do mundo." Graças à sua linguagem extremamente estética, a Osklen é a bola da vez. "Hoje em dia, nas vitrines das minhas lojas está um vestido, uma bolsa, uma alfaiataria. Minha linguagem está mais fashion, mas há sempre um detalhe inspirado na essência do surf, é só prestar atenção. É o meu DNA", garante Oskar. Os catálogos da Osklen são um reflexo disso e estão mais fashion do que nunca. "É apenas uma evolução da minha linguagem. Do meu trabalho", afirma. Oskar diz estar vivendo um período no qual "a expressão de arte é a coisa mais importante neste momento". Segundo ele, quando começou a criar sua linguagem de moda, as editoras de moda olhavam com desconfiança e comentavam: "Olha o que o Oskar está fazendo. Será que ele está se esquecendo das suas origens? Da praia? Do surf? Do Rio de Janeiro? Perdendo o fio da meada?". Mas ele garante que sabe aonde quer chegar. "Hoje, acima de tudo, estou fazendo um exercício de estética, de design, de expressão artística." Para Oskar, o que importa é o resultado lá na frente. "Pretendo fazer uma exposição, para mostrar o DNA da Osklen. Para que as pessoas fiquem sabendo de onde veio a inspiração, e como nascem as minhas coleções. Este é o meu projeto de arte do momento." Para Oskar, "no surf o que conta é se divertir". Para ele, os surfistas são artistas que representam melhor o estilo de vida alternativo do surf. "Os surfistas são muitas coisas numa só. Acabou aquela coisa limitada de que vencer campeonatos determinava quem tinha mais surf na veia." Na cabeça de Oskar, os surfistas de hoje são "designers, músicos, cineastas, pintores, fotógrafos. Os surfistas expressam melhor o seu estilo de vida por meio da arte do que com suas

performances na água". Para ele, o surf moderno mistura manobras do skate, do snowboard e do wakeboard. "Acho incrível ver outros esportes, que beberam na fonte do surf, inspirando os surfistas." Oskar se orgulha de se relacionar com pessoas diferentes. De tipos e tribos diferentes. É o que ele chama de 'crossover'. "Esse ecletismo é importante. Seja você fashionista, surfista, skatista ou ambientalista." E explica que, depois do ano 2000 e da internet, as tribos se misturaram. "Hoje em dia elas se comunicam, trocam sinais, elementos de estilo, facetas culturais." Ele acredita que essa mistura irá gerar os realizadores do futuro. Na visão de Oskar, o futuro será uma mistura de Michelangelos e Da Vincis contemporâneos. "Com a cara do Dexter, aquele geniozinho cool de oclinhos." Segundo ele, um ser que vai misturar arte, ciência, tecnologia e filosofia. "Pra mim, o futuro será feito de arte, tecnologia e emoção." Uma das principais e mais influentes personalidades no mundo da moda, Anna Wintour é editora da revista Vogue e inspirou a protagonista do filme O diabo veste Prada. Oskar a define como "a mais poderosa e influente no mercado da moda". Que dita o que é e o que vai ser. "Ela respeita e gosta do meu trabalho", garante. A Vogue americana, a bíblia da moda mundial, dedicou uma matéria de página inteira ao trabalho de Oskar. "A Osklen foi a única marca brasileira a ter esse destaque na Vogue", afirma Oskar. A revista Wallpaper, bíblia do design e da arquitetura mundial, foi outra que abriu espaço para Oskar. "Eles me convidaram para expor meus elementos de estilo no WallSpace." Segundo Oskar: "pouquíssimos designers no mundo tiveram essa oportunidade". Para uma marca que começou fazendo casaco de neve em São Cristóvão, chegar até onde a Osklen chegou não foi fácil. E não bastou apenas talento e dinheiro. A estrela de Oskar teve que brilhar. E brilhou. "Vou ser sincero: nada foi planejado, mas eu sempre tive a sensação de que ia longe", admite. Desde que os melhores alpinistas do mundo gostaram de seus casacos ele vem trilhando um caminho em direção ao topo. Hoje em dia, 'cool and Brazilian' tornou-se uma espécie de mantra da Osklen. "Somos criativos, fazemos um design contemporâneo e com qualidade internacional. Como as boas marcas mundiais. Mas temos uma diferença: somos brasileiros", explica Oskar. "Estamos no hemisfério Sul e sofremos uma forte influência africana e de nossos costumes indígenas", completa. Dono de péssima memória, ele nunca se lembra do nome daquela banda, daquele livro, daquele filme. E explica que sua cabeça funciona como um filme. "Onde passam muitas coisas ao mesmo tempo. Minhas referências são visuais. Não sou um bom orador. Nem muito objetivo falando." Leonardo da Vinci é sua grande referência. "Cientista, escritor, matemático, visionário, astrônomo, mas com uma essência humana." Justifica. Steve Jobs é seu ídolo da atualidade. "Ele mostrou ao mundo que só a tecnologia não basta. Tem que pensar em lifestyle e ter um design moderno." Apesar de criar máquinas, Oskar considera Jobs um humanista. "Ele humanizou o Mac sem abrir mão do design antes de tudo. Seus produtos são bonitos e funcionais." No mundo de hoje, em meio a uma atmosfera altamente competitiva, onde nada dura muito tempo, Oskar não acredita ser possível que uma marca como a Osklen sobreviva sozinha por muito tempo. "O futuro da Osklen é fazer parte de um grande grupo de moda", profetiza.

*Rosaldo Cavalcanti, é jornalista especializado, uma das fundações do surf brasileiro.



"A expressão de arte é a coisa mais importante neste momento. Hoje, acima de tudo, estou fazendo um exercício de estética, de design, de expressão artística. Somos criativos, fazemos um design contemporâneo e com qualidade internacional. Mas temos uma diferença: somos brasileiros."

Aplausos para Oskar Metsavaht

Stand up for girls

POR JIM RUSSI



"É verão no Hawaii, tempos de águas agradáveis e lindos visuais, e treinos de stand-up paddle para as mulheres, como a linda surfista Rachel Spear."



"A surfista Vanina Walsh, de apenas 14 anos, é a Rainha das Rainhas de Waikiki, Honolulu. Graça, leveza e coragem formam a aura dessa havaiana."

"Vanina corre um mar perfeitamente verde e perfeito num belo dia de primavera no North Shore. Corre, Vanina!"



THE PHOTO



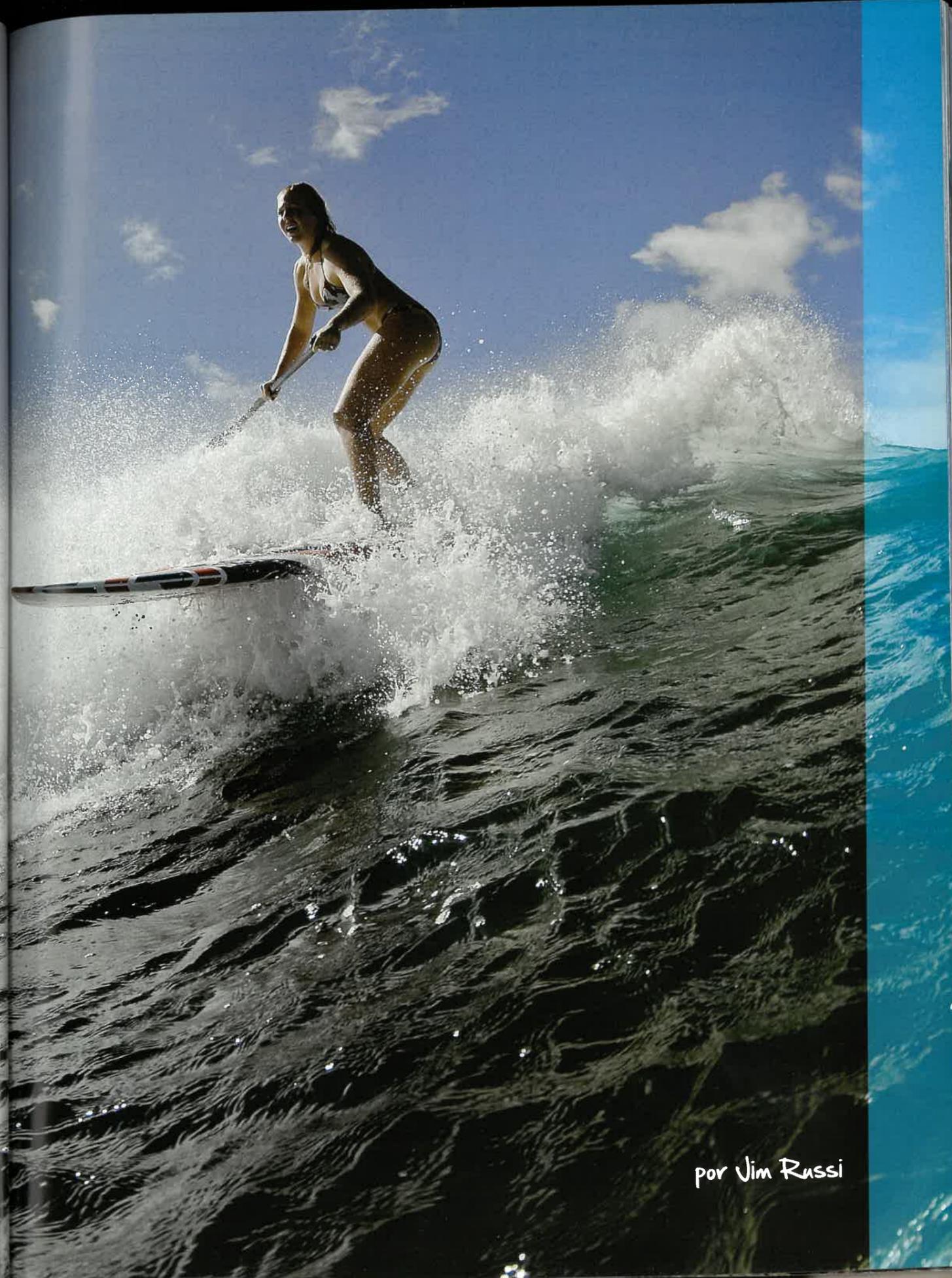
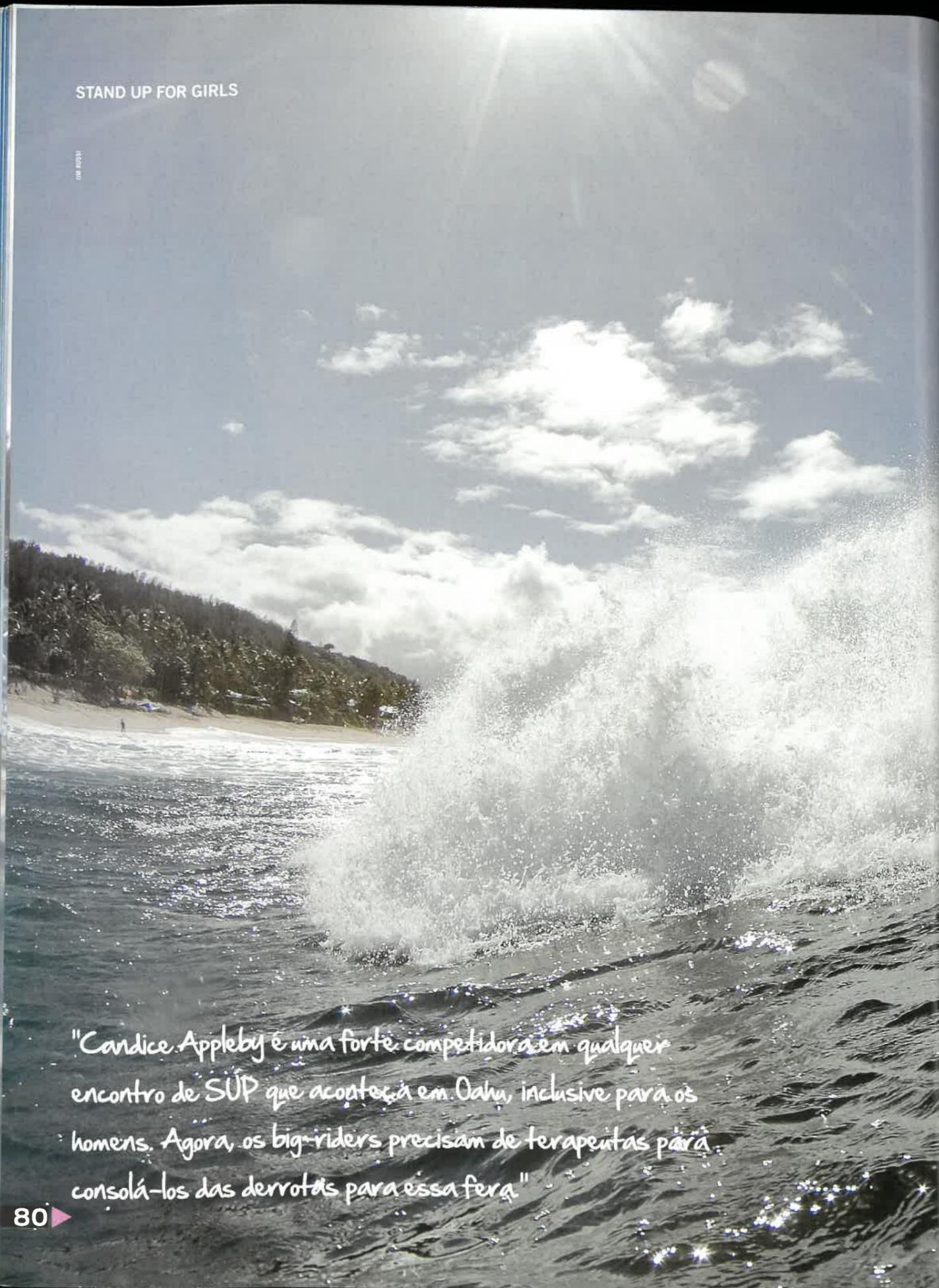
"A surfista Tiare Thomas adora surfar de stand-up paddle as ondas de Waikiki, sob a força de Diamond Head."

STAND UP FOR GIRLS



JIM RUSSI

"Rachel, a força e a beleza da mulher."



"Candice Appleby é uma forte competidora em qualquer encontro de SUP que acontecerá em Oahu, inclusive para os homens. Agora, os big-riders precisam de terapeutas para consolá-los das derrotas para essa fera."

por Jim Russi



BARRA • ARPOADOR
RIO DE JANEIRO

A REVISTA ALMASURF É A MÍDIA OFICIAL DO
BILLABONG RIO • PRO 2011



11-22
MAIO
11th-22nd MAY

ARPOADOR / FOTO PAES LEME

Facebook.com/almasurfonline
Twitter: @almasurf_

FUNDAMENTAL PARA QUEM VIVE NA PRAIA, COM OU SEM PRANCHA

O Portal Alma Surf é uma nova proposta de plataforma de comunicação online, informação e interatividade multimídia de forma plena na Internet. No ar!

almasurf.com

WINDSURF EM JAWS

NO MAIOR SWELL DA TEMPORADA

fotos Batel Shimi
relatos Fernanda Bueno Garcia*
adaptação Alexandra Iarussi



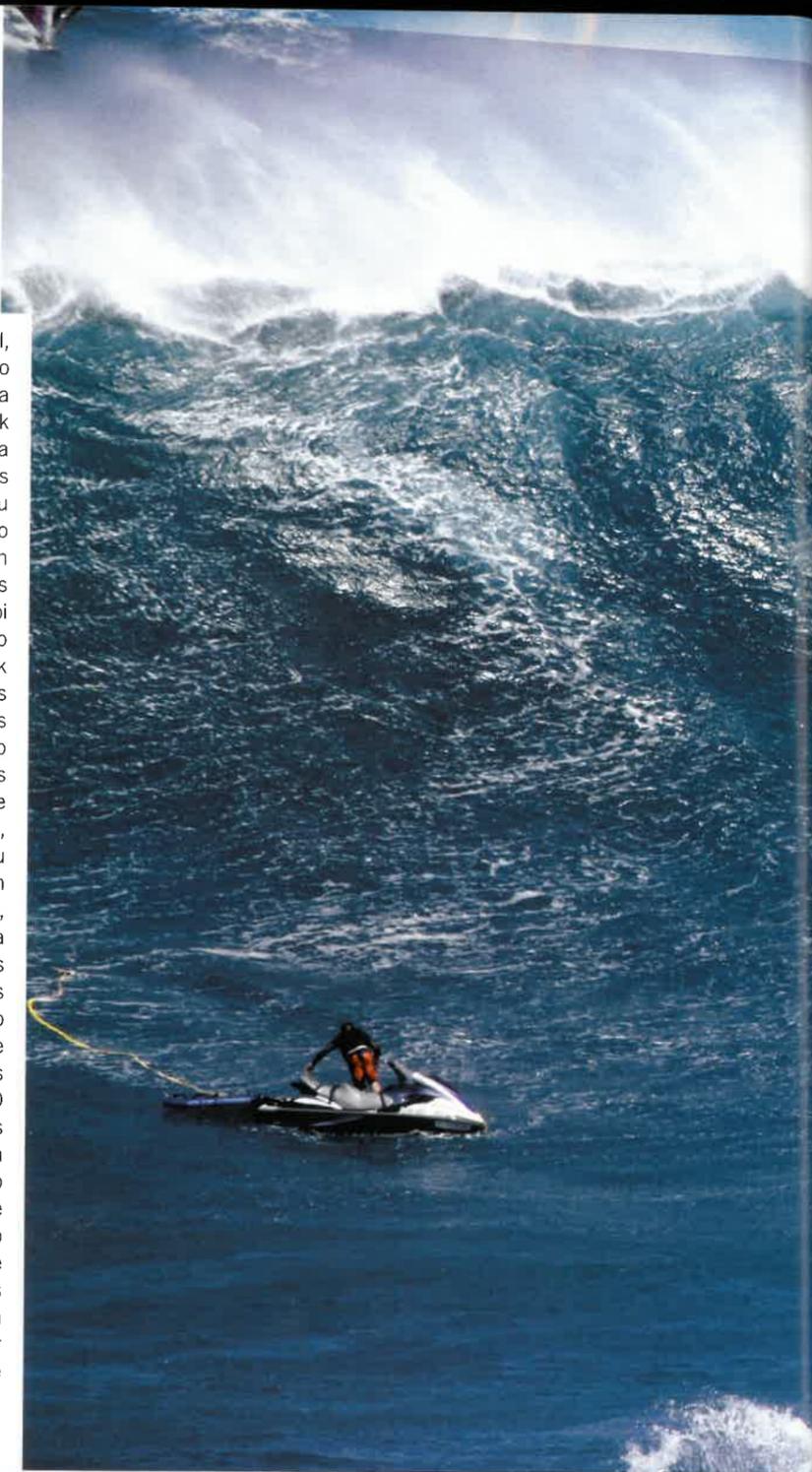
No dia 15 de março, um inesperado swell de ondas de mais de 20 pés em Pe'ahi (Jaws), fez a alegria dos windsurfistas que estavam em Maui, no Hawaii. Uma sessão de surf histórica.

Na foto, o windsurfista e waterman californiano Robby Naish, que parece não se incomodar em surfar com "algumas costelas quebradas", como ele próprio contou à ALMA SURF

"Você está me pedindo para descrever os melhores windsurfistas do mundo? Tudo o que posso dizer é que eles são pessoas únicas. É uma honra e um prazer fotografá-los, pois sem eles minhas fotos não seriam tão especiais. O big windsurf e Jaws formam uma equação perfeita." – Batel Shimi, fotógrafa e mergulhadora natural de Israel, que se mudou para Maui em 2000, para ficar mais perto de sua grande paixão: o oceano.

WINDSURF EM JAWS

Considerada por muito tempo uma onda insurfável, Jaws foi apresentada definitivamente ao mundo pelo waterman havaiano Laird Hamilton, no curso da década de 90. Ao lado de nomes como Dave Kalama e Darrick Doerner – membros da equipe Strapped Crew, pioneira no uso do jet-ski para o reboque de surfistas em ondas inimagináveis para o surf na época –, Laird extrapolou os limites das ondas grandes. Kauli Seadi, destemido brasileiro natural de Santa Catarina, genuíno waterman e tricampeão mundial de windsurf, foi um dos surfistas que observou Jaws desde seu descobrimento. “Jaws foi descoberta por windsurfistas pioneiros de Maui, como Laird Hamilton, Dave Kalama, Rush Handle, Mark Angulo e Robby Naish... Com o tempo, muitos deles migraram para o tow-in, e hoje cada vez mais pessoas tomam coragem para desafiar as ondas no tow. São poucos os dias em que Jaws quebra, e menos ainda os dias em que o vento sopra com intensidade suficiente para velejar no pico.” Hoje, passados quase 20 anos, especialmente nesta última década, Jaws testemunhou façanhas incríveis. O surf remado aparece agora com forte presença no pico. O kitesurf também. Contudo, os moradores de Maui tem fascínio pelo vento. “A ilha de Maui, em especial, tem uma vantagem sobre as outras ilhas do Hawaii: favorece em muito a prática dos esportes à vela. É o efeito Venturi, que se dá entre o vulcão e as montanhas e faz com que o vento sempre acelere nesse trajeto – o que torna Maui a ilha de ventos mais fortes e consistentes do Hawaii”, explica Kauli. “O vento entra perfeito mais para sudeste do que apenas na direção leste – direção normal dos ventos alísios da região.” Quanto à ondulação, de acordo com o brasileiro que surfou a sessão de 15 de março, a direção ideal é a de norte com influência de oeste. “A onda fica muito perigosa, mas em condições surreais. Nos dias em que tudo está encaixado, Jaws é única, porque são poucas as ondas no mundo que carregam a quantidade de água que essa onda carrega. Além disso, aqui o fundo do mar não vai subindo de forma gradativa. Existe uma enorme profundidade até onde a onda quebra, o que contribui para que o swell não perca velocidade e continue com força até atingir o reef.”



O australiano Jason Polakow foi um dos grandes destaques de sessão do 15 de março em Jaws. Sem medo de pegar as grandes, ele também não pareceu intimidado com o jet-ski sendo arremessado junto ao lip, à poucos metros de sua cabeça



A CHEGADA DO SWELL

Na segunda semana de março, com o final do inverno, swells em média de 6 pés chegavam com a primavera. Foi quando se espalhou pela ilha a notícia da chegada de um sólido swell no dia 15 de março, alimentando a expectativa dos surfistas que acompanhavam a previsão e que, ansiosos, vararam a madrugada no cliff. “Estávamos ansiosos pela chegada do swell. Ventou bastante nos dias anteriores, e eu vinha fazendo várias sessões de windsurf. Então não tive muito tempo para pensar na densidade do swell. Juntei meu equipamento, preparei a comida, organizei o barco, e ficamos atentos. Eu não dormi muito bem aquela noite”, conta Marcilio Browne, windsurfer brasileiro que mora há muitos anos em Maui. Amigos, Marcilio e Kauli estavam atentos para o que apontava ser um grande swell. “Nós vínhamos monitorando esse swell há uma semana, e achamos que seria uma boa oportunidade para ir a Jaws. O vento se mostrava muito forte e o swell marcava um bom intervalo.” No pico, eles encontraram o californiano Robby Naish – capa da ALMA SURF edição 60, comemorativa de 10 anos [Stand up em Veneza, Itália] –, que disse ter considerado ótimo esse inverno, com ondas de médias a grandes. Em 15 de março o waterman também estava ligado nas previsões, porém tinha algo a mais com que se preocupar. “A preparação para o swell foi como das outras vezes: arrumar o jet-ski e os equipamentos, checar as pranchas... Eu estava com algumas costelas fraturadas, longe de estar 100% saudável. Mas, mesmo assim, fiquei motivado em surfar esse swell.” Outro que esteve em Pe’ahi foi o jovem havaiano Kai Lenny, que destacou o ‘caráter surpresa’ desse swell. “Durante a temporada de inverno em Maui, tanto eu como os outros riders acompanhamos constantemente os swells do Pacífico. Sempre fico muito empolgado quando vejo uma mancha roxa gigante nos mapas meteorológicos, porque significa que Jaws estará grande. O swell de 15 de março foi inesperado porque a temporada geralmente acaba no final de fevereiro, e chegou como uma ótima surpresa.” A sessão começou às 6h da manhã. Alguns surfistas desceram pelo cliff para surfar na remada, outros chegaram pela baía de Maliko para surfar no tow. Do alto do morro, as pessoas se aglomeravam para não perder o espetáculo da natureza.

“O que eu já notei a respeito dos swells massivos em Maui, é que na maioria das vezes, no dia anterior o mar estava completamente flat. Não sei porque isso acontece, mas acho que é porque o oceano está se ajustando à chegada das ondas grandes.” Kai Lenny, que nesse dia surfou de stand up, tow in e windsurf!

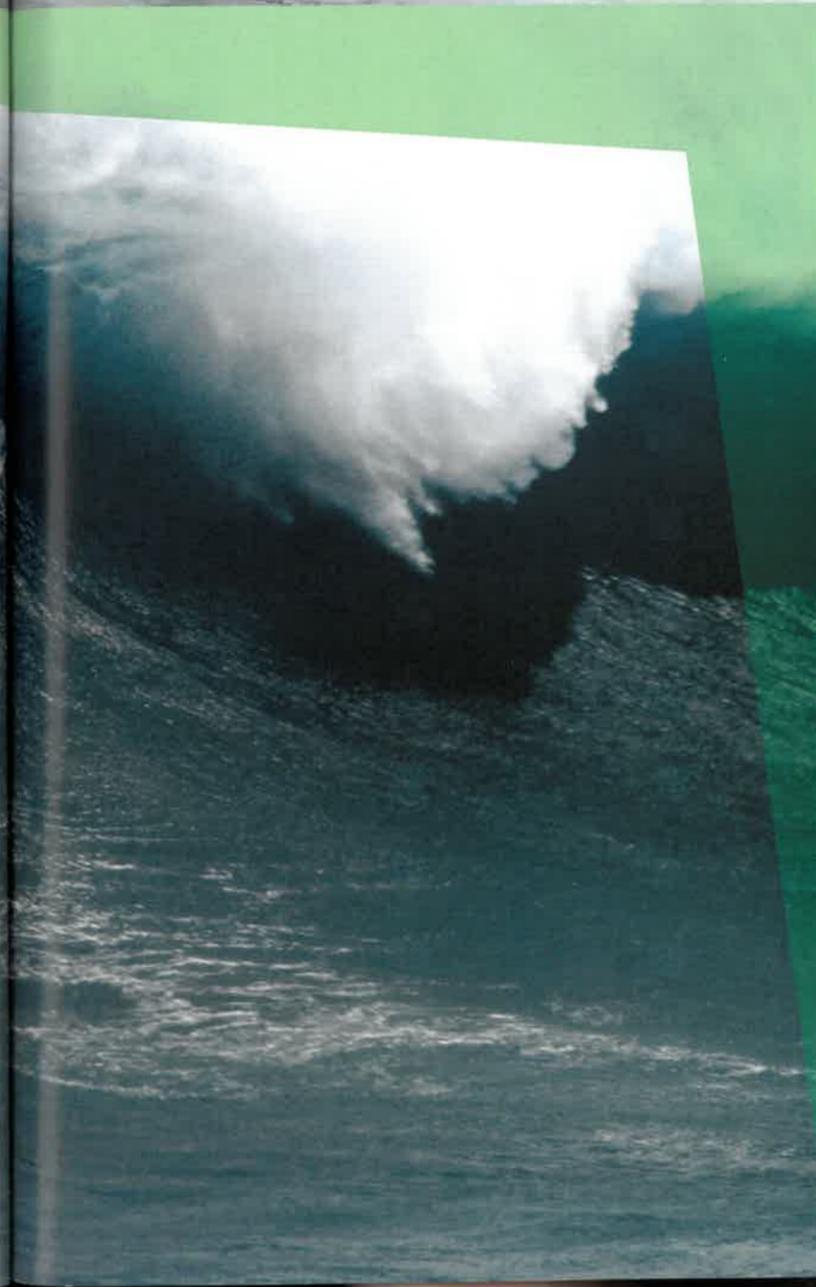
WINDSURF EM JAWS



BATEL SHIMI



Na foto, o brasileiro Marcílio Browne, que classificou a sessão do dia 15 de março como sua melhor em Jaws. Acima, Jason Polakow, perseguido pelos andares de espuma de Jaws



SURF NA REMADA, WINDSURF E LIMITES

Primeiros dentro d'água, os brasileiros Yuri Soledade, Danilo Couto, Márcio Freire, Carlos Burle, Tiago Candelot e Hilton Issa, além dos havaianos Shane Dorian e Ian Walsh, entre outros, protagonizaram três horas de muito surf na remada até a força do vento encerrar a sessão. Robby Naish observou toda a ação de dentro d'água enquanto se posicionava para o wind. "Quem mais me chamou a atenção foi Shane Dorian. Ele remou numas bombas inacreditáveis mesmo com vento e mar muito agitado. Ficar sentado no line-up e não poder enxergar direito o que está vindo exige muita coragem. Quando está com um SUP ou mesmo no windsurf, você pode enxergar muito melhor as ondas, e se posicionar muito mais facilmente." Kai Lenny, que surfou com variados modelos de pranchas, analisa que depois dessa sessão em Jaws o surf atingiu outras proporções. "Temos agora como parâmetro Jaws em 15 de março de 2011. Fiquei admirado de ver Robby Naish e Jason Polakow voando no windsurf. São caras que não mostram medo quando estão naquele lugar (Jaws). Shane Dorian, Yuri Soledade e Ian Walsh também são caras insanos. O que eles droparam no braço foi incrível. Os limites do big surf se expandiram. Os atletas estão indo cada vez mais fundo, fazendo turns cada vez mais críticos em sessões mais e mais monstruosas. Quanto a mim, tive a oportunidade de numa única sessão surfar de stand-up paddle, tow-in, foil board e windsurf. E espero poder fazer ainda mais." Outro brasileiro estava na água, Ricardo Campello, dividindo as ondas com o australiano Jason Polakow e o norte-americano Levi Siver, que viram Kauli ser resgatado depois de uma vaca sinistra logo no início da queda no mar. "Nesse dia, fiquei muito empolgado de ver a brasileira pegando Jaws na remada. E quis desafiar as ondas nas partes mais críticas. Acabou que logo no primeiro drop não prestei muita atenção no west bowl e a onda ficou tubular muito rápido. Resultado: tive que pular antes de tomar uma lipada violenta na vela e até me dei bem porque consegui furar a onda e não ser sugado depois de dar um chacoalhada. Mantive a calma e relaxei para aproveitar a 'hidromassagem' da onda seguinte. Depois da terceira onda, já bem perto das pedras, um amigo apareceu com o jet e me resgatou. Voltei para o barco e fiquei vendo o Brawzinho, Ricardo, Kai, Robby e Jason pegarem boas ondas. Fui buscar um novo equipamento, e à tarde fiz outra queda, com uma hora de boas ondas." Robby Naish, lenda do esporte, foi outro que vacou feio e comentou a voracidade de Jaws. "Caí muito feio em uma onda, foi uma das piores vacas que já levei em Jaws. Mas, por muita sorte, meu equipamento não quebrou e consegui voltar para o pico. Isso foi ótimo para mostrar como as velas Naish são fortes (risos)."

DIAS MELHORES EM JAWS

Em contrapartida, Robby Naish nos disse que a sessão esteve longe de ser uma de suas favoritas no pico. Reclamou do crowd. "O dia 15 de março nem chegou perto da minha melhor sessão em Jaws. Não estava tão grande e havia muito crowd. No entanto, foi um dia de boas ondas, e eu diria que muitos surfistas que não estão direto em Jaws vão classificar essa queda como uma das melhores de sua vida. Mas a verdade é que tinha muita gente na água." As longas temporadas na ilha estão valendo a pena para a dupla brasileira Marcílio Browne (também conhecido por Brawzinho), que é natural de Fortaleza, Ceará; vai para Maui desde 2002 e mora na ilha desde o ano passado; e Ricardo Campello, carioca radicado na Venezuela que bate cartão em Jaws todos os anos. Eles se encaixam no comentário de Naish. "Essa sessão foi uma das minhas melhores, por vários motivos. O dia foi alucinante, desde ver os brasileiros botando pra baixo na remada até a sessão de wind. O vento estava muito consistente e com boa direção, o que nos facilitou na hora de entrar nas ondas. O swell estava muito bom, com ondas muito divertidas de se surfar. Além de tudo, foi muito legal por estar entre amigos dentro d'água", comentou Marcílio, que completou sua terceira velejada em Jaws neste ano. E não foram apenas os brasileiros; Kai Lenny disse o mesmo: "A sessão do dia 15 de março foi minha melhor em Pe'ahi. Perdi um sólido swell em janeiro porque estava numa boat trip, e achei que não fosse pegar boas ondas até a próxima temporada. Graças a Deus, Jaws me deu uma segunda chance para pegar algumas bombas". Já Kauli Seadi surfou Jaws pela primeira vez em 2005, e coleciona algumas temporadas no Hawaii. Experiente waterman multicampeão, também preocupado em desenvolver projetos sociais nas áreas de esporte, cultura e preservação ambiental – através do Instituto Kauli Seadi, com sede em Barra de Ibiraquera, em Ibituba –, disse que a sessão foi espetacular pela diversidade de surfistas que estavam n'água. "No surf de remada todos me impressionaram. Porque quem se dispõe a remar naquela onda é realmente um guerreiro. Sinto-me orgulhoso de ver os brazucas nos representando e botando pra cima. Outro foi Shane Dorian, que colocou pra dentro numa bomba impressionante! Kai Lenny, nosso amigo windsurista e agora campeão mundial de SUP, mandou ver com muita atitude. Ele realmente é um grande surfista, está no DNA. No kite, Thiago Leque e Fernando Canuso desafiaram o vento e os bumps das ondas. No windsurf, o australiano Jason Polakow detonou com uma performance espetacular. Pegou as melhores ondas e manobrou de verdade com o wind, extrapolou." Ao final da sessão em Jaws, com direito à sessão histórica de surf na remada e um show de windsurf e aéreos à vela, o que pairou no ar foi: "Quando Jaws voltará a sorrir novamente?". E principalmente: "Qual será o próximo limite?".

Kauli Seadi, que perdeu todo seu equipamento na primeira onda do dia, mão desanimou. Saiu do mar para buscar outra vela e voltou para garantir a sessão

BATEL SHIMI

O CÉU É O LIMITE

No calor das memórias da sessão em Jaws, perguntamos aos personagens desta reportagem quais são os limites para o surf de ondas grandes. Confira as respostas:

“É assustador como estão puxando os limites. É impressionante ver os caras pegando Jaws na remada nessas condições. Ver caras surfando à noite [em janeiro deste ano, o australiano Mark Visser encarou uma sessão de surf noturno com 25 pés de onda no pico – mostrados no portal almasurf.com], por exemplo. Quanto ao windsurf em Jaws, surfar paredes monstruosas, e decolar em grandes aéreos, está com certeza levando o esporte a um novo patamar. É uma questão de tempo para que os allelas completem essas decoladas.” – Marcilio Browne.

“Acho que o próximo passo do big surf em Jaws será surfar ondas grandes como se elas fossem pequenas. Em outras palavras, não existem motivos para que num futuro próximo não encaremos as ondas grandes como se fossem ‘merrecas manobráveis’. O surf está em constante evolução.” – Kai Lenny

“Os limites para o big surf mundial, seja em qual modalidade for, ainda estão muito longe de serem alcançados. Existe muito mais para o mundo do surf. O próximo passo será surfar sentado num vaso sanitário acoplado à prancha, lendo as notícias do jornal.” – Robby Naish

“Você está me pedindo para descrever os melhores windsurfistas do mundo? Tudo o que posso dizer é que eles são pessoas únicas. É uma honra e um prazer fotografá-los, pois sem eles minhas fotos não seriam tão especiais. O big windsurf e Jaws formam uma equação perfeita. Para esses atletas parece que não existem limites.” – Batel Shimi

***Fernanda Garcia**, é paulista e mora no Hawaii. Surfista e kitesurfista, é a atual 3ª colocada no ranking brasileiro profissional de kitesurf.



Jason Polakow aproveita a força do vento e rasga sem medo o paredão de Jaws

“Quem mais me impressionou foi Jason Polakow; ele velejou muito. Pegava as maiores da série, e puxava os limites de cada manobra, realizando grandes cavadas e turns, sempre se posicionando no lugar certo da onda,” disse o windsurfer brasileiro Marcilio Browne – Wind ‘Big’ Surf Jaws



OTO: DAMEA DORSEY

**DREAM
BUT DON'T
SLEEP**

BEDE DURBIDGE



WWW.FOXHEAD.COM.BR

CAPE TOWN, O SURF...

ALÉM DE INFINITAS POSSIBILIDADES

texto Clayton Truscott
fotos Anthony Fox

Conheça as diferentes faces da cidade mais glamorosa da África do Sul, que atrai surfistas do mundo inteiro para sua bela e traiçoeira costa litorânea. Da infame onda de Dungeons, consagrado pico de ondas grandes, aos diversos reefs, beach e point breaks, Cape Town oferece um variado cardápio de ondas ao surfista aventureiro e uma peculiar cena surf.

RODRIGO SODRÉ

MARCELO BANDEIRA

Acima, vista para a pitoresca Cape Town e para Table Mountain, montanha que atrai milhares de turistas para a cidade. Ao centro, o big rider sul-africano Grant 'Twiggy' Baker à vontade em Dungeons, um dos picos de ondas grandes mais desafiadores de Cape Town e do mundo. Nesta, visual incrível na África do Sul



Em sentido horário: Andrew Preen, surfista de Hout Bay, "escondido" em Dunes, beachbreak sul-africano de primeira classe.
O surfista Matt Bromley no pico "Famous Last Words"

Há aproximadamente 500 mil anos, a mãe Natureza e o rei Netuno se juntaram para construir a cidade mais perfeita da Terra. Era uma grande tarefa e nenhum dos dois levou isso sem poucos esforços. Para ter um lugar legal onde debater os ingredientes de sua nova cidade, a mãe Natureza construiu uma mesa fabricada a partir do mais fértil solo da costa da África. Ali, eles gastaram inúmeras tardes dividindo ideias, testemunhando incontáveis pores do sol. Com tanto trabalho duro pela frente, a mãe Natureza semeou sementes de uva, para que eles pudessem matar a sede com o mais puro vinho. Já Netuno não conseguia decidir qual seria a fauna marinha mais apropriada para a cidade perfeita. Sendo assim, ele trouxe os oceanos Índico e Atlântico, além de uma mala cheia de animais marinhos. Na mala, acomodou um razoável número de tubarões, uns golfinhos, algumas baleias grandes, deliciosos peixes e várias gaivotas.

"Cape Town é um lugar muito especial. É um caldeirão de diferentes culturas; está cercada por uma rica biodiversidade e ainda, tem o luxo de ser banhada por dois oceanos: O Atlântico e o Índico"
Anthony Fox

A mãe Natureza trouxe também sua seleção própria de animais, o que incluiu macacos babuínos, zebras e leões. Ano após ano, eles brigavam, incapazes de chegar a um acordo sobre a cidade, como ela deveria ser e quais animais deveriam viver ali. Ela queria menos peixes e apenas um oceano, e ele, montanhas menores e tubarões maiores. De qualquer maneira, depois de outro longo ano e vários copos de vinho tinto, o rei Netuno e a mãe Natureza travaram uma violenta briga. Eles se xingaram dos mais terríveis nomes e abandonaram o projeto para sempre. Na cabeça deles, a cidade perfeita era um conceito abstrato que nunca poderia ser atingido. Mas mal sabia o casal que o que eles deixavam para trás estava muito perto de uma cidade ideal. De forma resumida, foi assim que surgiu Cape Town (em bom português, Cidade do Cabo). Visualmente, é uma cidade incrível. Para todos os ideais e propósitos, muitos diriam que é a cidade mais linda do mundo. Ainda assim, tem o temperamento da mãe Natureza e a ira do rei Netuno sob a forma de sua arquitetura e paisagem. O cabo da Boa Esperança, lugar em que os dois oceanos se encontram, abriga o mais revoltado e desenfreado mar que se pode imaginar. Suas costas litorâneas são perfuradas com restos de esqueletos de navios naufragados, que navegaram por esses oceanos na hora errada e pagaram o pior preço por isso. Para os surfistas, a costa resistente e os refúgios tortos são uma bênção. Entre os dois oceanos que fazem de Cape Town uma arrojada península, você terá uma seleção de picos de surf que servirão qualquer waterman. De lajes a picos de surf de ondas grandes na remada, reefs, beach breaks e picos no meio do nada, há de tudo ao longo da mal-assombrada, porém bela, costa de Cape Town.

COISAS QUE VOCÊ DEVE SABER ANTES DE IR A CAPE TOWN

A ÁGUA GELADA E TUBARÕES

A água em Cape Town é muito, muito, muito gelada – especialmente no oceano Atlântico. O vento sudeste, predominante durante o verão, deixa a água ainda mais gelada. Por isso, não espere que as estações de altas temperaturas contribuam para o aumento da temperatura da água. Isso não vai acontecer. A água é gelada praticamente durante o ano todo. Para surfar, aconselharia utilizar no mínimo uma roupa de borracha de 4 mm, além de botas e capuz – caso sua intenção seja ficar no mar por mais de uma hora. Os picos de False Bay, do lado do oceano Índico da península, são consideravelmente mais quentes. Mas não se anime: se a água não estiver fria o suficiente, o vento certamente fará você bater os dentes.

Você com certeza já deve ter ouvido falar sobre os "grandes tubarões-brancos" de Cape Town. A má notícia é que é verdade. Existem centenas deles nadando pelas águas geladas de Cape Town. Robben Island, o lugar onde Nelson Mandela ficou preso por três décadas, é um pedaço gigante e escorregadio no oceano, que abastece o mar diariamente com focas e gaivotas frescas, um presente aos tubarões. O triste é que este é apenas um dos vários lugares ao longo da costa em que a grande população de focas significa uma reserva constante de comida para os grandes tubarões-brancos. Ah, os tubarões! Na maioria das vezes, os ataques não são tão constantes nos picos de surf. No entanto, os bichanos continuam na água, e as pessoas ficam felizes em se arriscar na mesma água que eles. Os cientistas realizam inúmeras pesquisas a respeito de seu padrão de vida/alimentação e, claro, já foi constatado que a carne humana não é seu alimento natural – o que deixa os surfistas razoavelmente confortáveis. Caso contrário, ninguém surfaria em Cape Town. No que diz respeito ao surf, a melhor coisa a fazer é ser vigilante e sensato.

- Não se aventure sozinho num pico já conhecido pela presença de tubarões.
- Não permaneça na água se você se cortar.
- Não entre na água nos finais de tarde, especialmente se a água estiver turva.



CAPE TOWN, O SURF...



Em sentido horário: As "outras belezas" de Cape Town. No Rocking the Daisies Music Festival – famoso festival de música local. Visual da praia em Camps Bay Beach; Waterfront de Cape Town. Povo reunido no centro da cidade: Os festivais culturais trazem charme a África do Sul

COISAS QUE VOCÊ DEVE SABER DA VIDA EM CAPE TOWN

TURISMO CONSCIENTE E VIDA AGITADA

A África do Sul é um país de terceiro mundo em desenvolvimento, que lida com os problemas usuais de um país cuja democracia chegou a apenas 20 anos. Dois grandes problemas, a pobreza e a criminalidade, caminham juntos. A maioria da população vive abaixo da linha de pobreza, instalada em meio à sujeira e podridão dos subúrbios das cidades. Em nenhum lugar você verá a divisão entre ricos e pobres tão aparente. Você verá pessoas pedindo dinheiro nas ruas em todo lugar, na sombra de arranha-céus e próximo a casas de luxo. Embora não seja um grande problema na cidade e nas praias (onde se fazem presentes esquemas de segurança e força policial), assaltos e sequestros não são vistos como uma coisa fora do normal. Apenas fique esperto quando estiver caminhando nas ruas, e você ficará bem. Preste atenção nos seus arredores e não fique sozinho em becos escuros – evite esse tipo de coisa. Cape Town, além de outras coisas, é a capital da moda, do cinema, da propaganda e do glamour da África do Sul. Durante o verão, você frequentemente topa com equipes de cinema e editoriais de moda dando uma volta pela cidade e pelas praias. A vida noturna daqui alimenta tudo isso, tornando a cidade um ótimo lugar para ver e conhecer pessoas, e badalar. Surfar entre algas é apenas parte da rotina de quem vive em Cape Town. Elas estão lá, flutuando agrupadas, na maioria dos picos de surf. No começo, a sensação é um pouco intimidante. Você vê os pedaços verdes sobre sua prancha, e passa por um monte delas quando está cavando na parede da onda, mas com o passar do tempo se acostuma. Se as ondas estiverem rolando, você logo se esquecerá de tudo isso.

OS LOCAIS SÃO AMIGÁVEIS. APENAS LEMBRE-SE DE TRAZER SUAS BOAS MANEIRAS

Assim como a vasta área ao redor da península, a comunidade do surf de Cape Town é bastante diversificada. As pessoas que vivem de um lado da montanha podem não surfar no outro lado com muita frequência – a não ser que as condições estejam clássicas. Dos picos de Camps Bay, que ficam próximos à cidade, e das paisagens desoladas e áridas da Costa Oeste às montanhas que abrigam os picos de Scarborough existem variadas comunidades de surf. No entanto, o que você encontrará em comum nesses lugares são surfistas que amam o que fazem e se comprometem com o esporte. Para surfar em Cape Town, é preciso ter uma paixão em tempo integral. Com a água gelada, os tubarões, crimes e as grandes distâncias a serem percorridas para chegar à praia, não é nada difícil perceber que a costa não favorece os guerreiros do surf de final de semana. Os surfistas precisam estar sintonizados com a previsão do tempo e dos swells, se quiserem pegar boas ondas. Quando todas essas coisas se alinham, você vê que a recompensa vale cada gota de suor derramada. Outro aspecto da cena do surf aqui é o comprometimento das pessoas com o oceano – seja através de sessões de kite quando o vento está forte, sessões de SUP, e até surfar com uma fish quando as ondas estão bem pequenas, ou, na pior das hipóteses, curtir uma sessão de ski quando o mar está completamente flat. Mesmo com a água congelante, as pessoas daqui adoram gastar seu tempo no oceano. Como visitante, você não deve ter problemas com locais desagradáveis. As pessoas são despreocupadas e estão mais interessadas em pegar ondas boas do que em se meter em brigas com alguém que os rabeou. Mas caso você chegue lá e tenha esquecido suas boas maneiras em casa, existem locais nos picos mais populares e pesados que o mandarão de volta para casa com um olho roxo e os pneus do carro furados. Os picos de surf em Cape Town são bem esparsos. Para fazer valer a sua viagem, você tem de gastar algum tempo dirigindo pela costa. Cada região tem seus prós e contras, mas nas condições certas existe potencial de surf perfeito em todo lugar.

SEA POINT, CAMPS BAY E LLANDUDNO

A comunidade mais antiga do surf em Cape Town pode ser encontrada em Sea Point e Camps Bay, localizados próximo ao City Bowl (Distrito de Negócios), que se encontra perto da bela Table Mountain (montanha da Mesa), famoso ponto turístico de Cape Town que fornece uma vista panorâmica da cidade sul-africana. Surfar em Sea Point é uma boa maneira de começar a trip pela costa traiçoeira de Cape Town. Subindo as colinas até o topo de Lion's Head, casas e prédios decorados cercam você como uma plateia. A atração principal, no entanto, é um reef que recebe esquerdas perfeitas durante um forte swell de oeste ou sudoeste. Os restos do navio *Thermopylae* (que afundou em 12 de setembro de 1899, durante uma viagem da Austrália a Londres, via Cape Town) ficam bem à frente do pico, como uma lembrança nada agradável do que pode acontecer se você não completar o drop nesse reef de esquerdas. Como a maioria dos picos em Sea Point, Thermos (nome que veio do navio) quebra de gala quando as ondas estão de 4 a 6 pés, geralmente com um pouco de vento e mau tempo. É o reef de esquerdas mais longo de Cape Town, que lhe permite percorrer muitos metros em cima da prancha. Um pouco mais acima, estão Off the Wall e Rocklands, picos menores de ondas mais pesadas. Ambas as ondas oferecem uma sessão de tubos, que quebram sobre afiados reefs que, das duas uma: ou o punirão ou o recompensarão. Off the Wall recebeu esse nome por causa de um grande muro que fica bem de frente para o drop, e se você errar o drop ele não terá piedade. Se você é novo na cidade e pretende desafiar as ondas e se atirar em drops atrasados, não espere uma segunda chance. Uma curta distância separa Sea Point de Camps Bay – longa faixa de areia dourada, de frente para os Doze Apóstolos (a espinha da Table Mountain). Palmeiras se alinham ao longo da estrada, e bares chiques acolhem lindas e bem-vestidas modelos e atrizes para seu interior. Camps Bay é, dentre outras coisas, o lugar mais moderno para ir em Cape Town quando o tempo está bom. Na esquina desse luxuoso pedaço de terra está Glen Beach, praia favorita de muitos moradores daqui. É um beachbreak divertido, que funciona com um vento de sul/sudeste quando a água está congelante. Você não encontrará as melhores ondas da sua vida aqui, mas definitivamente vale a visita, pelo cenário e também pelos coquetéis "pós-surf" na avenida principal. Um pouco mais adiante está Llandudno – um beach break com ondas de primeira classe, quando as condições estão perfeitas. Llandudno é uma direita pesada que se forma a partir de grandes pedregulhos posicionados em cada lado da pequena baía. As pedras funcionam como um ponto de conversão ótimo para a areia, e podem formar direitas perfeitas com um bom swell. Avisar nunca é demais: durante um vento de sudeste, a água fica tão gelada que pode fazer seus ossos trincarem.



CAPE TOWN, O SURF...

Em sentido horário: o big rider local Mike Schleich, depois de uma queda em Sunset. O surfista local Sean Holmes numa bomba em Sunset e por último, o sul-africano Chris Leppan, decolando em Glen Beach



HOUT BAY, KOMMETJIE E ALÉM

De Llandudno, você volta para a estrada e atravessa para Hout Bay, uma comunidade portuária pitoresca, com lindas ruas e adoráveis cafés. Num cenário tão acolhedor como esse, você nunca esperaria encontrar o infame pico de ondas grandes chamado Dungeons – que sedia o campeonato anual de big surf organizado pela Red Bull. Dungeons é a melhor resposta sul-africana para Mavericks e Todos Santos. Você não conseguirá ver o pico de nenhum lugar de Hout Bay, porque ele é escondido por Sentinel, um penhasco que se avoluma impiedosamente na frente do pico. A única maneira de chegar lá é via barco. A não ser que você seja realmente comprometido com o surf de ondas grandes, Dungeons é uma carta fora do baralho. A onda exige tanto física quanto mentalmente, como qualquer onda do mesmo portê pelo mundo. Uma colônia de focas que habita as saliências das pedras próximas ao pico oferece aos surfistas a temível lembrança de que grandes tubarões passeiam por baixo da água. Dungeons reúne todos os ingredientes do medo de qualquer surfista: tubarões, água congelante e pedras que flertam com a insanidade de qualquer um. Da Champmans Peak, estrada que corre acima de Hout Bay, você pode ter uma visão clara do que o aguarda em Dungeons. Se você seguir por Champmans, chegará a Hoek e Dunes, dois beach breaks de primeira classe, que quebram na mesma praia. Com um swell de oeste, os bancos de areia funcionam perfeitamente, e com um vento de sudeste, uma sessão de ondas em qualquer um dos picos o deixará em êxtase ou, até mesmo, quebrará suas costas. No ano passado, James Taylor, habilidoso surfista local, surfava no pico e gravou sua sessão com uma Go Pro, quando, depois de se acidentar numa onda,

acabou quebrando as costas. Dunes já foi comparada com Puerto Escondido (México) e La Gravier (França), e em seu melhor dia você verá exatamente o porquê da comparação. Siga sentido Kommetjie, e passará por Sunset Reef, outro célebre pico de ondas grandes de Cape Town. Neste lindo e perigoso pico de big surf, as ondas explodem sobre uma cama de pedras, a aproximadamente um quilômetro do mar. Para surfar em Sunset Reef, você realmente precisa saber o que está fazendo. As ondas chegam aos 15 pés de altura, portanto esteja seguro de si, separe sua melhor gun e conte com a ajuda de um barco ou um jet-ski para levar você ao pico. Depois de passar por Sunset, você chegará a Kommetjie, em Long Beach, reduto dos melhores grommets de Cape Town. A cidade em volta do pico é o ambiente perfeito para a formação de jovens surfistas. Além de vários picos de alta performance, existe uma grande quantidade de shapers, fotógrafos e surfistas profissionais que moram por lá. Se você quiser ser notado, é para Long Beach que deve ir. Long Beach é o pico mais consistente e popular da região: um verdadeiro playground do surf. Seu line-up está sempre cheio de jovens surfistas patrocinados, que passam a maior parte do tempo com suas quilhas fora d'água, decolando da espuma das ondas como um circo de acrobatas. Krans, uma direita supercavada que quebra num perigoso banco de areia depois de Long Beach, pode ser uma boa opção, mesmo sendo um pouco mais instável.



Em sentido horário:
Cinema, arte e música; Goldfish Band, banda local de música eletrônica, aproveita o cenário de Cape Town para gravação de clipe no deck do Cape Royal Hotel. Vista aérea para Table Mountain. E passeio à cavalo na praia de Noordhoek

A INDÚSTRIA DA MODA E DO CINEMA EM CAPE TOWN

Famosa internacionalmente por ser um destino histórico e dos amantes da natureza, Cape Town atrai também as atenções da comunidade da moda e do cinema internacional. Na última década, a indústria cresceu e evoluiu de uma locação exótica para uma próspera indústria que atrai todo ano grandes editoriais de moda e produções cinematográficas. Considerada um dos principais destinos dos profissionais da moda internacional, a cidade se tornou alvo de grandes agências de publicidade e marcas, que confiaram seu orçamento a experientes produtoras locais. Com grandes produtoras sul-africanas baseadas (ou com escritórios) em Cape Town, a cidade oferece um perfeito ponto de encontro para filmagem no país e também no continente. O talento da mão de obra local construiu uma firme reputação entre os clientes internacionais, recebendo muitos elogios pelo profissionalismo e inovação. Com lindos cenários e pessoas, Cape Town é um destino bastante popular de equipes de cinema e televisão em busca da locação perfeita para filmagens e ensaios fotográficos. De praias de areias brancas e mares azuis cristalinos a belas montanhas, vinhedos e exóticos vilarejos à beira-mar, a graciosa cidade pode se fazer passar por qualquer coisa de Los Angeles a Nova Orleans, de um paraíso tropical a uma pitoresca paisagem europeia. Além das belas e infinitas locações, Cape Town oferece também o serviço de produtoras de primeiro mundo, com equipes experientes – tudo a preços favoráveis, considerando a força das moedas estrangeiras versus o rand sul-africano, moeda local.

“O surf em Cape Town é fascinante, porque têm a ver com os desafios que o surfista precisa enfrentar: Os tubarões, o frio e as distâncias para chegar à praia. Por outro lado, a cidade reúne as mais belas paisagens do mundo”

Anthony Fox

2SG
WETSUITS THAT WORK BETTER



O **2SG** OFERECE ALTA PERFORMANCE, UTILIZANDO A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA JAPONESA QUE COMBINADA COM MATERIAIS LEVES E INOVADORES FAZEM DO WETSUIT UMA SEGUNDA PELE.

+
www.billabong.com/br
www.twitter.com/billabongbrasil
www.facebook.com/billabongbrasil

OSCAR FREIRE (SP) • MORUMBI SHOPPING (SP) • SHOPPING PATIO HIGIENOPOLIS (SP) • SHOPPING IBIRAPUERA (SP) • SHOPPING BARRA SUL (POA) • BARRA SHOPPING (RJ) • SHOPPING VITÓRIA (ES) • BUZIOS (CENTRO) • SALVADOR SHOPPING (BA) • PRAIA DO FORTE (BA) • COSTA DO SAUPE (BA) • SHOPPING BOURBON (NOVO HAMBURGO)



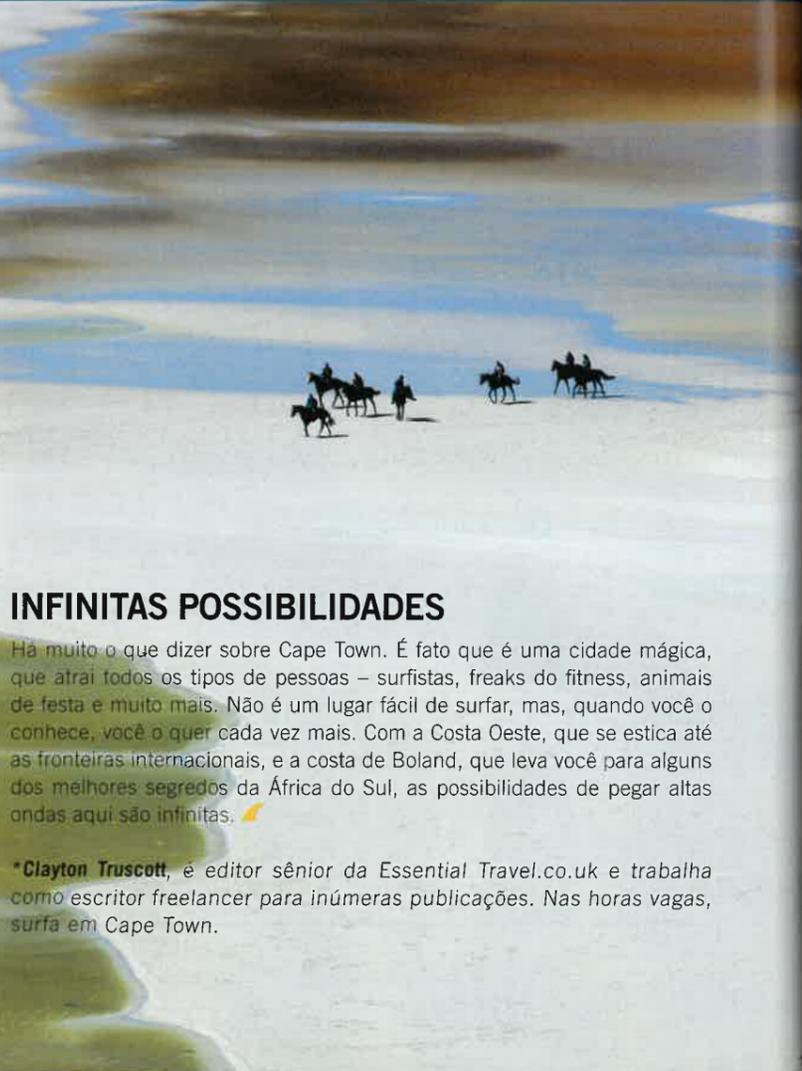
FINALIST 2010

CAPE TOWN, O SURF...

PHOTO: FOX

A VISTA PARA TABLE MOUNTAIN E A COSTA OESTE

Se você pegar a Autoestrada R67 para Milnerton e depois seguir na direção da Costa Oeste, passará pelo beach break Seli-1, um pico consistente que oferece ondinhas divertidas e uma vista de primeira classe para a Table Mountain. O contêiner de um navio que criou os bancos de areia é outra cruel lembrança de que a costa de Cape Town é mais forte e temida do que qualquer outra invenção humana. Subindo um pouco mais, está Big Bay, outro pico para os surfistas mais novos, além de Horse Trails, Derdesteen e Haak Gat – todos ótimos beach breaks que proporcionam surf de alta performance para seus visitantes. A Costa Oeste da Cape Town seria o último destino para qualquer surf trip. O lugar é seco, desolado e recebe fortes ventanias. Caso você siga sentido Namíbia, a água fica cada vez mais fria. Mas, para cada grau decrescente na temperatura da água, maior a recompensa. Elands Bay, um longo point break de esquerdas, é uma ótima onda e atrai muitos surfistas. No entanto, ao longo do caminho, você encontrará alguns picos menos conhecidos, que oferecerão o dobro de tempo nos tubos e mais qualidade de onda. Para sentir a verdadeira experiência da Costa Oeste, você deve visitar Muisbosskerm – o restaurante ao qual o pioneiro do surf na África do Sul, John Whitmore (1929-2001), levou Pat O'Connell e Robert Weaver durante a gravação do *Endless Summer 2*. É um restaurante com estilo praiano que oferece os melhores frutos do mar, com muitos peixes, camarões e moluscos, cozidos na hora, na sua frente, ao calor de uma chapa de ferro. É um lugar barato e simples, que deixará seu estômago mais feliz do que nunca.



INFINITAS POSSIBILIDADES

Há muito o que dizer sobre Cape Town. É fato que é uma cidade mágica, que atrai todos os tipos de pessoas – surfistas, freaks do fitness, animais de festa e muito mais. Não é um lugar fácil de surfar, mas, quando você o conhece, você o quer cada vez mais. Com a Costa Oeste, que se estica até as fronteiras internacionais, e a costa de Boland, que leva você para alguns dos melhores segredos da África do Sul, as possibilidades de pegar altas ondas aqui são infinitas.

*Clayton Truscott, é editor sênior da *Essential Travel.co.uk* e trabalha como escritor freelancer para inúmeras publicações. Nas horas vagas, surfa em Cape Town.

A EQUIPE QUE JÁ ERA ÓTIMA ACABA DE GANHAR REFORÇO.

www.tntenergydrink.com.br

GABRIEL VELLA
Jiu-Jitsu

GUSTAVO "SORRISO"
Skate

FABIOLA SILVA
Patins

PEDRO POLIVA
Calaque

VINICIUS E BELLO
Futebol

TEAM TNT. NASCIDO PARA DETONAR
TNT DETONE

A TNT tem o prazer de apresentar seus novos atletas. Profissionais de esportes diferentes, mas com algo muito em comum: desempenho impressionante em suas modalidades. Por isso, cada vez mais acreditamos e apoiamos atletas como esses. Afinal, para fazer parte do Team TNT, detonar é essencial.



THE ART OF FLIGHT

SNOWBOARD SEM LIMITES

por Alexandra Larussi*
fotos Scott Serfas (Brain Farm)

O mais esperado e badalado filme de snowboard do ano, que será lançado em setembro, exhibe com exclusividade nas páginas da ALMA SURF a produção que teve tecnologia de ponta e um elenco estelar em locações remotas ao redor do globo, nos melhores powders do mundo.

“O objetivo é trazer ao público as melhores imagens aliadas a uma história cativante, para que o snowboard seja visto a partir de uma perspectiva ainda não conhecida.” – Jared Slater, cineasta e filmmaker do *The Art of Flight*

Difícil reparar no snowboarder norte-americano John Jackson em voo livre no canto esquerdo da imagem, quando a paisagem ao redor é tão crua e selvagem, e salta aos olhos. Seja bem vindo a Tordrillo Range, Alasca!

Depois de lançar *That's It, That's All*, filme produzido pelo mestre da cinematografia dos esportes de ação Curt Morgan, em parceria com o snowboarder profissional Travis Rice – que foi exibido pela primeira vez no Brasil no FestivAlma 2010 –, a produtora Brain Farm promete revolucionar novamente a indústria de vídeo de esportes na neve com sua nova produção: *The Art of Flight*. O filme acompanha alguns dos melhores snowboarders do mundo, como os americanos Travis Rice, John Jackson, Mark Landvik, Scotty Lago, Jake Blauvelt, Pat Moore, o suíço Nicolas Muller, o austríaco Gigi Ruf e outros – que inclusive já estamparam as páginas da ALMA SURF em outras instigantes snowtrips – enquanto sobrevoam diferentes points do planeta, levando o snowboard a níveis inimagináveis. “Nosso objetivo é lançar um olhar diferente sobre o snowboard. Trazer os melhores riders do mundo e documentar as loucuras que eles fazem diariamente”, disse, em férias de pré-lançamento, Jared Slater – cineasta que lidera a produção. “O que nos diferencia do restante do mercado é que trabalhamos tanto com equipamentos de última geração – de câmeras aéreas estabilizadoras de imagem, por exemplo – como com câmeras de filme 35 mm. Buscamos o impressionante, o radical, o contraste das cores em movimento no branco azulado da neve.” O filme, produzido nos últimos dois anos, reúne um arsenal tecnológico dos mais modernos da atualidade, e teve como locações algumas das montanhas mais remotas do mundo: Jackson Hole (Wyoming, EUA), Aspen (Colorado, EUA), Patagônia (Chile), Alasca (EUA), picos gelados da Romênia, entre outros. Jared, que acompanhou passo a passo o projeto, comentou a dificuldade de se filmar em locais desconhecidos com toda essa parafernália, até porque os ambientes gelados mudam de acordo com o humor das condições climáticas. “Fazer um projeto de dois anos pode ser frustrante... às vezes. Começamos a filmar no outono de 2009, mas o planejamento vem de muito antes. Todo dia era um desafio diferente, porque tínhamos estrutura high-tech de fotografia, câmeras e múltiplos tripés. Andávamos de snowmobile e helicópteros com toneladas de lentes e materiais de ferro, sem saber exatamente onde íamos pousar ou realizar as tomadas de cena. Em contrapartida, os snowboarders ficam mais e mais adrenalizados para os grandes drops na neve.”

John Jackson, testando novamente a gravidade nas montanhas do Alasca.



Na foto, vista aérea de Tordrillo Range

Da esq. para a dir.: O cinematografista Jared Slater, John Jackson, Curt Morgan, Travis Rice, Gabe Langois e Mark Landvik. Abaixo: Travis Rice, John Jackson e Mark Landvik acenam para o helicóptero da equipe de filmagem, que “mergulha” no céu do Alasca.



“Travis Rice sabe exatamente o que está fazendo e como se posicionar diante da câmera. Em nenhum momento, dirigi suas voltas; ele simplesmente sabe onde deve fazer o turn, e como ficará a manobra na foto. E como estrapolar os limites.”

Scott Serfas, fotógrafo da expedição *The Art of Flight*, no Alasca

THE BEST SNOWBOARDERS

Quando lhe perguntam quem foi o snowboarder que melhor surfou durante a produção do filme *The Art of Flight*, Jared dispara: “Difícil falar quem é o melhor snowboarder quando se tem um time tão talentoso de surfistas da neve. Eles são os melhores entre os melhores. Ultrarradicais que buscam cada vez mais profissionalismo em uma atmosfera que está em franca exploração”. “Realmente, para quem, como eu, que teve a satisfação de assistir à produção da Brain Farm mesmo antes da estreia, os caras quebram nas descidas e manobras, nos incríveis voos no desconhecido branco. Se eu tivesse que escolher algum deles, talvez optasse por Nicolas Muller, que impressiona no free ride. Ele tem uma linha única e estilo muito natural. É moderno por ter a linha pura”, disse Jared. “O voador Scotty Lago é outro snowboarder que impressiona. Evoluiu muito no freestyle e lançou novas manobras, muito mais altas da base. Velocidade e precisão em infinitos drops.” Em *The Art of Flight*, não é difícil imaginar que, apesar de a produção reunir alguns dos melhores snowboarders do mundo – pelo fato de a locação ocorrer em montanhas remotas do planeta, sujeitas a tempestades, avalanches e todo tipo de intempéries naturais –, alguns acidentes se tornem inevitáveis durante o percurso. “Ao longo do projeto, tivemos vários acidentes. Alguns riders foram pegos em avalanches. Scotty Lago quebrou o maxilar durante um pulo altíssimo. Mark Landvik estourou o joelho. Nós quase ficamos presos numa montanha por causa de um helicóptero que ficou atolado. Praticamente todos os dias, tínhamos algum desafio para encarar. Acho que enfrentar todos eles e estar presente em diferentes locações pelo mundo junto de amigos é que faz desta uma aventura maravilhosa. Nunca podíamos prever o que iria acontecer”, contou o operador de cinema Jared a respeito de alguns apuros sofridos pela equipe nas gravações.

ALASCA: A ÚLTIMA FRONTEIRA

As fotos que ilustram esta matéria são fruto da viagem à famosa cordilheira do Alasca – onde filmaram, segundo o diretor, a parte mais difícil do filme. Acompanhados pelo fotógrafo canadense Scott Serfas, os snowboarders exploraram sem medo os powders de neve, extrapolando os limites do esporte. Scott Serfas considerou a viagem como um divisor de águas no que diz respeito aos níveis de performance do snowboard: “Pelo que vi ao vivo e em cores, pela experiência que tive durante minha viagem para o Alasca, posso afirmar que o snowboard mudou. Essa foi, com certeza, a melhor viagem da minha vida, e me orgulho de fazer parte dessa produção”. Opinião compartilhada pelo snowboarder Travis Rice: “Foi a melhor viagem que já fiz para o Alasca. O chão estava coberto por um metro de neve e criou um solo muito estável. Foi algo único. Os powders estavam perfeitos”. Convidado pela Brain Farm, Serfas afirmou que o impacto da ação foi tão contagiante que ele chegou a questionar a realidade. “O nível de performance dos atletas foi de outro mundo. Com o passar dos dias, eu me perguntava: Será que isso aconteceu realmente? O que virá amanhã? Será que a coisa pode ficar melhor? E no dia seguinte, era mais show. Definitivamente, depois dessa trip, o backcountry freestyle alcançou um nível absurdo de excelência”.

Na foto, o norte-americano Travis Rice num Backside Seven. “Se você olhar bem para foto, vai perceber que estávamos pulando sobre um buraco azul gigante: uma situação em que você queria ter certeza de que completaria o pulo, ou poderia acabar num buraco de gelo”

CURT MORGAN E A BRAINFARM

Pioneiro na captação em vídeo de esportes de ação, Curt Morgan é dono e presidente da produtora Brain Farm Productions, especializada em imagens aéreas em alta definição para o cinema, TV e web. Antes de trabalhar com cinema, Curt Morgan era snowboarder profissional. Mas, depois de quebrar as costas por três vezes e receber um ultimato da parte dos médicos, o atleta decidiu que já era hora de mudar de rumo e seguir outra grande paixão: fazer filmes de snowboard. “Eu tinha tanta paixão pelo esporte que agora é o que quero fazer para sempre. Se não fosse através do snowboard, haveria de ser de outra forma, com outros esportes”, disse Curt à ALMA SURF. Formado em cinema, Curt Morgan uniu o background de atleta à paixão pela plasticidade e pelo movimento do cinema. O filmmaker diz que ascendeu rapidamente na profissão e fundou a Brain Farm Productions para imperar na cinematografia de esportes radicais. “A Brain Farm é audiovisual moderno. Era o sonho de Curt, de trazer uma nova perspectiva à criação audiovisual”, declarou o snowboarder Travis Rice sobre o amigo Curt. Autor das cenas mais épicas dos esportes de inverno destes últimos anos, Curt Morgan atua com uma Cineflex V14 HD, câmera que pode ser controlada à distância, e com outra Phantom HD, cuja especialidade é captar movimentos ultrarrápidos e desacelerá-los com o melhor do super slow motion. Recentemente, Curt Morgan se juntou ao célebre produtor e diretor de cinema Spike Jonze para auxiliá-lo na produção do filme *Jackass 3D*, filmado com um sistema de câmeras Phantom 3D, capazes de captar mais de 1.000 quadros por segundo.

www.artofflightmovie.com
www.brainfarmcinema.com

*Alexandra Iarussi, é repórter especial da plataforma Alma Surf.



20 11
BILLABONG RIO PRO
 "RIO DE JANEIRO-BRASIL"
 ASP

BARRA • ARPOADOR • RIO DE JANEIRO
 WWW.ASPWTRIO.COM.BR

11-22
MAIO
 11th-22nd MAY

US\$ 500.000,00 PRÊMIO

ASP
 ASSOCIATION OF SURF PROFESSIONALS
 RSPWORLDTOUR.COM



Os maiores surfistas do mundo de volta ao Rio
 na única etapa do ASP World Tour na América Latina.



KELLY SLATER | JORDY SMITH | TRAJ BURROW | MICH FANNING | BEDE DURBIDGE | DANE REYNOLDS | ADRIAN BUCHAN | OWEN WRIGHT | JEREMY FLORES
 ADRIANO DE SOUZA | CJ HOBGOOD | MICHEL BOUREZ | CHRIS DAVIDSON | JADSON ANDRE | DAMIEN HOBGOOD | HIEREN PERROW | BRETT SIMPSON | JOEL PARKINSON
 TAYLOR HOOK | HEITOR ALVES | MATT WILKINSON | BOBBY MARTINEZ | FREDRICH PATACCHIA | HAI OTTON | PATRICK GUDAUSHAS | TIAGO PIRES | ADAM MELLIN
 DAN ROSS | RAONI MONTEIRO | JOSH KERR | ALEJO MUNIZ | DUSTY PAYNE | JULIAN WILSON | GABE HLING





WAVE HOUSE

A CASA DOS SONHOS DE MALIBU

texto Ben Marcus
fotos Vanos Architects

A ALMA SURF apresenta uma das mais luxuosas mansões de Malibu, na Califórnia. Vendida recentemente a um comprador anônimo, a casa – estimada em cerca de US\$ 12 milhões – tem vista para o famoso píer de Malibu e para a “Praia dos Bilionários,” reduto de artistas e estrelas de cinema do mundo todo.

“Durante os últimos 10 anos, me interessei pela junção do meio ambiente e da arquitetura. Já projetei várias casas com esse mesmo telhado - da Wave House - e todas ficaram famosas.

Mas essa de Malibu é a primeira a aparecer em páginas de uma revista de surf.”

Jay Vanos, arquiteto responsável pela Wave House

WAVE HOUSE MALIBU



Na foto, a piscina complementa o projeto.

"Como você pode perceber, no exterior, o formato do telhado se encaixa perfeitamente com a paisagem que o cerca" – Jay Vanos, o criador da Wave House.

Na imagem menor, o interior da casa, que interage com o telhado curvilíneo; ondas



Malibu é uma cidade pequena, de verdade. É um lugar famoso que o mundo compreende como uma cidade costeira única, cheia de piscinas e estrelas de cinema. Acredite ou não, também é verdade que Malibu é uma cidade rural. A densidade populacional do Condado de Los Angeles é de 2.600 pessoas por metro quadrado. Mas a população de Malibu é de apenas 13 mil pessoas, o que significa que são apenas 260 pessoas por metro quadrado. Malibu é dez vezes menos populosa do que o restante de Los Angeles, o que faz dela uma cidade pequena. Um lugar pacato e peculiar, lar de uma grande quantidade de ricos e famosos por causa do silêncio e da privacidade e, claro, por ser uma cidade tranquila que estimula a qualidade de vida. Muito dinheiro circula por Malibu. A praia que alguns conhecem pelo nome de Carbon Beach ou Billionaire Beach (Praia dos Bilionários), é morada de vários ricos: David Geffen e Jeffrey Katzenberg, donos do estúdio de cinema Dreamworks e de várias mansões que valem facilmente mais do que 50 milhões de dólares.

WAVE HOUSE

Nem todas as casas de Malibu são caras e luxuosas, embora muitas delas sejam. Um dos melhores imóveis da região é uma mansão relativamente nova, construída no penhasco de frente para o Píer de Malibu, com uma vista espetacular para First Point e para a baía de Santa Monica. A casa é chamada de Wave House, tema deste artigo – que recebe o nome pelo formato "ondulado" do telhado; uma construção de primeira classe inspirada nas ondas de Malibu. É a casa dos sonhos de qualquer surfista (caso algum aficionado por surfar ondas tenha 15 milhões de dólares sobrando no bolso). A Wave House foi construída numa área destruída por um devastador incêndio que aconteceu em 1992, hoje quase inteiramente recuperada. Lá de baixo, da Pacific Highway, tudo o que se vê são as ondas do telhado. Como a distância do pico é grande, não dá para ter noção do tamanho da casa. O acesso à Wave House se dá pelo protegido portão do retiro espiritual Serra Retreat – que já recebeu ilustres frequentadores, como Britney Spears, Bob Dylan, Mel Gibson, além de várias outras celebridades de Malibu e da Califórnia em geral, que buscam paz e sossego. Localização. Tudo se resume a isso. Verdade seja dita, você poderia instalar uma barraca nesse terreno, que já seria fenomenal. A vista é para Saddle Peak, que vai até Sweetwater Canyon e o mar. Lá de cima, da casa, consegue-se também enxergar os bangalôs de Billionaire Beach. E literalmente a seus pés está à vista delirante do píer, além da Surfrider Beach e da lagoa de Malibu. Pelas janelas da Wave House, você consegue observar o crowd e escolher a melhor hora de surf em First Point. Seria muito legal – e uma aventura e tanto – poder ser transportado até o outside por meio de um cabo suspenso no ar, como num bondinho. É uma ideia fantasiosa – e perigosa também – sempre comentada pelos surfistas quando olham da areia da praia para cima.



*Está chegando um swell
COM NOVOS PRODUTOS E SERVIÇOS...*

*...que irá mudar seu conceito sobre
O UNIVERSO DE ESPORTES AQUÁTICOS.*

"Bem-vindo ao oceano azul!"

WAVE HOUSE MALIBU

A vista da Wave House é sem dúvida uma das mais belas de Malibu. Na foto, o Pier de Malibu e a Praia dos Bilionários. Abaixo, luxo e bom gosto na cozinha da casa milionária, desenhada por Jay Vanos



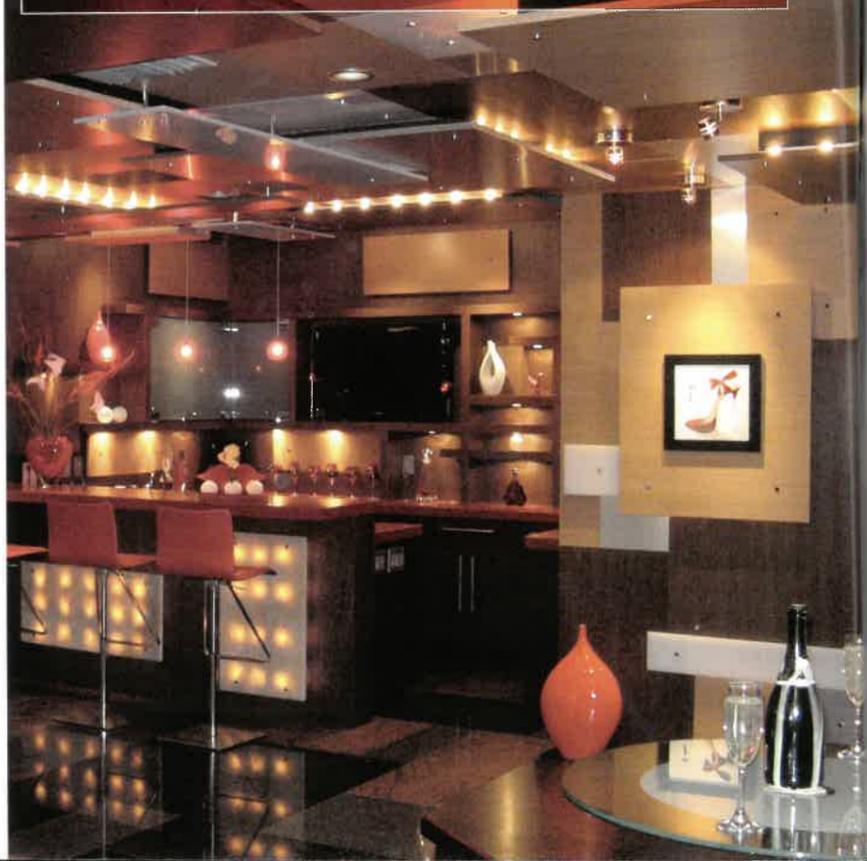
CÔMODOS LUXUOSOS E VISTA PARA O PÍER

A Wave House é um palácio dos sonhos, para dizer o mínimo. São 7.300m² construídos a partir do melhor da imaginação do arquiteto Jay Vanos, dono da conceituada Vanos Architects – www.vanosarchitects.com –, escritório de arquitetura baseado em Los Angeles, Califórnia. O melhor cômodo da casa é a cozinha combinada com a sala de estar, um ambiente amplo muito bem mobiliado, de linhas simples, porém sofisticadas. Além disso, tem ainda a bela vista da sala de estar para o píer. A casa é maior do que aparenta ser e possui muitos quartos e salas. Além disso, abriga uma sala de cinema – com 12 lugares, que chegam a ser mais confortáveis que os assentos do Malibu Theater. Há também uma grande sala com piso especial para a prática de ioga, jiu-jitsu, dança ou o que se quiser praticar para o bem-estar; e uma academia com vários aparelhos de ginástica. O ambiente mais curioso da casa é o karaokê-bar, que parece ter sido idealizado por algum príncipe árabe. Junto desse espaço, um porão com uma ampla adega de garrafas de vinho e champanhe. E há outra sala, uma área reservada para fumantes. Por dentro, a casa é grande e luxuosa. Por fora, há uma grande área gourmet de churrasco. Uma piscina – para tirar o sal do corpo depois de uma sessão de surf – compõe a área de lazer, junto de um ofurô – para aquecer as noites frias –, com vista para a iluminada Los Angeles, para os aviões que pousam e decolam do aeroporto de LA, e para as estrelas que enfeitam o céu.

*Jay Vanos, é o badalado arquiteto da Vanos Architects, responsável pelos projetos mais cobiçados da Califórnia, EUA.

COMPRADOR ANÔNIMO

A casa, que tempos atrás estava vazia e ostentava sua beleza solitária acima do penhasco de Malibu, foi recentemente adquirida por um comprador – que preferiu não se identificar, e que ainda não se mudou para o cobiçado imóvel –, que pagou aproximadamente 12 milhões de dólares pela Wave House.



Acesse:
www.jetpower1.com.br

http://www.jetpower1.com.br

JET RESGATE – CURSOS, SERVIÇOS, TREINAMENTOS, VENDA DE EQUIPAMENTOS

JET POWER OPERAÇÕES AQUÁTICAS

SERVIÇOS DE SALVAMENTO AQUÁTICO JET RESGATE

LOJA VIRTUAL

LANÇAMENTO

CAPACETE MORMAI

CAPACETE EM EVA MORMAI

- DESIGN EXCLUSIVO
- JUGULAR AJUSTÁVEL
- DISPONÍVEL EM VÁRIAS CORES

DETALHES SOBRE O PRODUTO

DESTAQUES

PRANCHA DE RESGATE "SLED"

GALÃO DE GASOLINA

CURSOS EM DESTAQUE

C.R.I.M.A. Operador de Resgate com Moto Aquática

- Carga Horária: 40 horas (5 dias - 8h por dia)
- Certificado da SOBASA (Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático)

Objetivo: capacitar o técnico em salvamento aquático nas atividades de resgate com a moto aquática e pilotagem.

Confira os cursos, produtos, serviços inovadores e muitas informações sobre nosso oceano azul...!



DNA
por Rico
de Souza



Na foto datada de 1975, Rico de Souza está junto dos seus muitos amigos da África do Sul, acompanhado também do surfista norte-americano Jeff Crawford (que tirou a foto), e esposa... A caminho de Jeffrey's Bay

ARQUIVO RICO DE SOUZA

A jornada do Circuito Mundial Do Gustom 500 ao Billabong Rio Pro 2011

"Nós, surfistas, não estávamos ali pelo dinheiro ou fama. Estávamos pelo amor ao surf, todos unidos como uma tribo."

OPORTUNIDADE DE OURO PARA O SURF BRASILEIRO

O início do surf profissional começou mesmo em 1975, quando meu grande amigo Randy Rarick passou a liderar um movimento para a formação de um circuito mundial. O surf ainda não tinha o prestígio dos dias de hoje, muito menos as grandes premiações. Para se ter ideia, o Gustom 500 que aconteceu neste mesmo ano na África do Sul, só premiava com 500 dólares, o que era considerado uma boa premiação na época. Mas nós, surfistas, não estávamos ali por dinheiro ou fama. Estávamos pelo amor ao surf, todos unidos como uma tribo. Lembro que logo depois de competir no Gustom 500 saímos todos de Durban e fomos em comboio até Jeffrey's Bay, numa viagem longa e muita divertida. Meu grupo era formado por Barry Kanaiaupuni, Dane Kealoha, Dennis Pang e Tony Muniz. Nos outros carros viajavam grandes surfistas, como Jeff Crawford, Owl Chapman, Peter Townend, Terry Fitzgerald e Rory Russel... Como eu já era muito amigo do Randy Rarick e tinha bastante intimidade com os havaianos, na hora de sair da África do Sul convenci todos a fazer uma escala no Brasil, para que disputássemos uma competição no

Rio de Janeiro, sem premiação e tudo na base do improviso. Minha ideia era colocar o Brasil dentro do circuito mundial. Rarick precisava de uma terceira etapa para fechar o circuito, que até então só era composto pelo Coke Contest da Austrália e o Gustom 500 da África do Sul. Graças à ajuda do meu amigo Bruno Hermany, bicampeão mundial de pesca submarina e dono da loja AquaCenter, organizamos o primeiro campeonato internacional de surf do Brasil. O evento rolou no Arpoador, com boas ondas, e foi uma ótima experiência, principalmente porque a grande mídia apareceu e todos os surfistas havaianos adoraram o Rio. Tudo deu certo. No ano seguinte, em 1976, Randy teve o apoio do nosso querido Nelson Machado, proprietário da loja Waimea, e os dois organizaram o grande evento Waimea 5000, que lotou a praia do Arpoador e fez a areia parecer um formigueiro. Foi aí que o Rio provou ter uma vocação natural para sediar eventos de surf internacional, recebendo na sequência outras seis edições, entre 76 e 82. O Waimea 5000 foi o responsável por dar uma grande visibilidade aos surfistas brasileiros e botou o Brasil como destaque do mundo. Depois, só em 86 é que o circuito voltou para o Brasil, quando foi fundada a ASP. E vários outros eventos começaram a acontecer. O surf brasileiro estava em grande ascensão, e os atletas Fabinho Gouveia e Teco Padaratz mostravam muito talento no mundial, o que promoveu um verdadeiro boom. Em 1990 o circuito aconteceu

O Mundial de Surf voltou para a Cidade Maravilhosa com força total e será um grande incentivo aos cariocas, que terão a chance de melhorar a estrutura do esporte no estado. Espero que as condições fiquem boas e típicas de outono – com ondulações limpas, terral pela manhã e pouco vento à tarde. Boa sorte aos brasileiros e boas ondas!

com o Alternativa Pro e se estendeu no Rio até 2002, quando foi realizado em Saquarema. Em 2003 a etapa foi para Santa Catarina e lá permaneceu por sete anos, até 2010. Agora, em 2011, a etapa voltou para a Cidade Maravilhosa com força total e será um grande incentivo aos cariocas, que terão a chance de melhorar a estrutura do esporte no estado. Como o Rio é uma das maiores surf cities e cidade do planeta, irá receber grandes eventos pop, como o Rock in Rio, a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas. E o surf terá que se capacitar para usufruir dos grandes investimentos. Além disso, que privilegio, imagine, assistir aos melhores da atualidade nas praias cariocas, durante a competição e também no free surf. Espero que as condições fiquem boas e típicas de outono – com ondulações limpas, terral pela manhã e pouco vento à tarde. Aposto no sucesso dos surfistas brasileiros no Billabong Rio Pro, e espero que eles possam chegar ao lugar mais alto do pódio.

Boa sorte e boas ondas!
Rico de Souza

Foto: Gordinho

Rico surf.com
Sua onda começa aqui



FAÇA A ESCOLHA CERTA.
DROPE NO RICOSURF.COM

MAIS DE 650.000 VISITANTES MENSIS. ANUNCIE AQUI.
RICOSURF@GLOBO.COM

#ricosurf



SURF ETERNO

por Taiu Bueno

É TEMPO DE BRASIL!

O surf no epicentro do glamour!

O Circuito Mundial está de volta ao Rio de Janeiro, a cidade do glamour. Numa versão muito diferente dos Waimea 5000 que aconteciam nos anos 70 e 80, em maio os melhores surfistas do mundo estarão na Cidade Maravilhosa.

ESPETACULAR, REVIVAL, MODERNO E OLD SCHOOL

Essa etapa do World Tour no Brasil tem tudo para arrebentar. Nessa corrida pelo título mundial de 2011, é quase garantida a presença da lenda viva do esporte, maior campeão de todos os tempos, o decacampeão, o rei do surf, o atual líder do ranking: Mr. Robert Kelly Slater. Esperem uma praia lotada, talvez um crowd nunca visto antes em um campeonato de surf no Brasil, e quem sabe no mundo! A presença de Slater, além da chance real de um dos nossos representantes vencer essa etapa histórica, une facilidades que o Rio disponibiliza para formar uma equação explosiva para os fãs do esporte e outros admiradores. O surf vive hoje uma era pós-moderna. O circuito mundial está próximo de completar seus 40 anos. A história é rica de momentos inesquecíveis, swells históricos, eventos épicos e eternos ídolos. O nível evoluiu muito neste novo milênio, tanto técnica quanto profissionalmente.

O Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa, será palco dos maiores eventos esportivos da década
Foto de Ricardo Zerrenner, cedida por www.antologiaprints.com.br

O surfista é um ser extremamente criativo. Talvez pelo fato de a prancha, um equipamento artesanal aliado às ondas, se fundir em algo absolutamente inspirador. O surfista inventou muita tecnologia e produtos durante estes últimos anos, e continua em expansão. Pela necessidade de adequar e ajustar a prática esportiva ao estilo de vida da cena praiana, diversos equipamentos nasceram: cordinha, roupa de borracha leve, bermudas cada vez mais high tech, relógios, óculos, tênis, bonés, pranchas diversas, quilhas, modalidades alternativas de surf... E novidades e mais novidades. A moda surf cresceu, dominou e contagiou o mundo de tal forma que muitas marcas que eram apenas esportivas, gigantes, é bem verdade, foram engolidas pela tendência que impõe o surf. E é aí que está: as grandes empresas enxergaram o lado vanguardista que tem a praia e absorveram a veia esportiva, de lifestyle e, principalmente, da moda. E tudo isso aconteceu pelo pioneirismo do surf em ver a criar o segmento de uma forma natural. A história, as lendas, a revolução das pranchas, o resgate das épocas e dos ídolos eternizados, além da pegada cultural – muita música, os diversos, inesquecíveis e incríveis filmes, a inflexão das artes, seja na pintura ou fotografia, diga-se muitas releituras...

Fica aqui a minha admiração pelo trabalho que o grupo ALMA SURF vem realizando nestes 10 anos de existência! O surf é dinâmico, veloz e produz a cada momento mais e mais adrenalina! Uma parte da história está prestes a acontecer no Rio de Janeiro em 2011. Prepare-se! O maior evento de surf do mundo no Brasil também terá o maior evento cultural, logo na sequência da etapa, só que em outro local, na Bienal de São Paulo – a VIII Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf / Festivalma 2011 –, que vai acontecer para enaltecer mais a cena Brasil no mundo do surf, na versão Cidade 'Surf' Maravilhosa, seja no Rio de Janeiro... ou na Pauliceia Desvairada. Aloha, Taiu

A Cidade do Rio de Janeiro volta a ser o palco do principal evento esportivo de surf em território nacional. São Paulo se consolida como o polo cultural da praia na América Latina... Está chegando o Festivalma 2011. É tempo de Brasil!

Surf. Kite. Clube



rajabra.com

Raja BRA



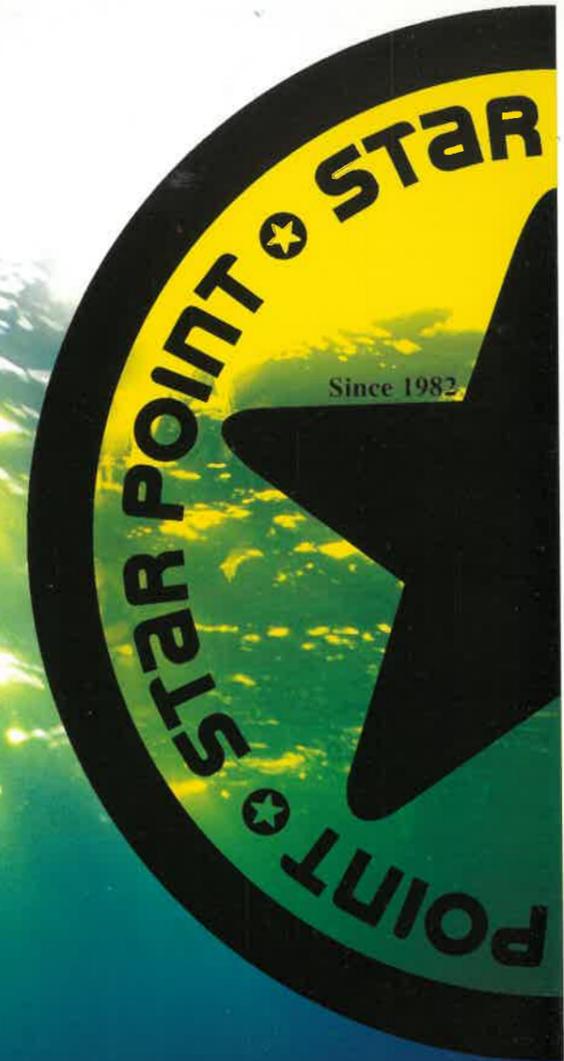
Raja BRA (21) 3087-6195 / 2491-4751
rajabra@rajabra.com.br
WWW.RAJABRA.COM

Representante oficial no Brasil das marcas:





STAR POINT FOR REAL SURFERS



Lojas Star Point

SP: moema • sh.eldorado • sh.villa-lobos • sh.morumbi • sh.granja vianna • sh.bourbon • sh.mais largo 13 • sh.metrópole
sh.dom pedro campinas • sh.iguatemi campinas • sh.colinas são josé • sh.mogi • guarujá • sh.litoral plaza praia grande
PR: sh.palladium curitiba - SC: criciúma • sh.iguatemi florianópolis • balneário camboriú • garten.sh joinville
DF: sh.brasília - RJ: barra.sh • norte.sh • sh.leblon • sh.plaza niterói
www.starpoint.com.br • franquias 11 5053.4365





OSKLEN
Rio de Janeiro